
O DESPERTAR

UMA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DA
EDUCAÇÃO RURAL EM CAXIAS DO SUL (1947-1954)

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Jaqueline Stefani
Karen Mello de Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Simone Côrte Real Barbieri
– Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales Praeeminentia Iustitia/Peru

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/Argentina

Nathália Cristine Viecei
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



ELISÂNGELA CÂNDIDO DA SILVA DEWES

O DESPERTAR

UMA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DA
EDUCAÇÃO RURAL EM CAXIAS DO SUL (1947-1954)



© da autora
1ª edição: 2024
Preparação de texto: Giovana Leticia Reolon
Leitura de prova: Maria Teresa Echevengua Maldonado
Editoração: Ana Carolina Marques Ramos
Capa: Ana Carolina Marques Ramos
Imagens da capa: Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

D517d Dewes, Elisângela Cândido da Silva
O Despertar [recurso eletrônico] : uma história das práticas da
educação rural em Caxias do Sul (1947-1954) / Elisângela Cândido da
Silva Dewes. – Caxias do Sul : Educs, 2024.
Dados eletrônicos (1 arquivo)

Apresenta bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-5807-386-4

1. Educação rural - Caxias do Sul. 2. Educação - História. I. Título.

CDU 2. ed.: 37(816.5-22CAXIAS DO SUL)

Índice para o catálogo sistemático

1. Educação rural - Caxias do Sul 37(816.5-22CAXIAS DO SUL)
2. Educação - História 37(091)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do
Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

aquêles conhecimentos que adquiriu
ar para o magistério mas analisá
idéias que surgem, dos p
aptando-os às novas
ial a mestre

SUMÁRIO

PREFÁCIO — 6

APRESENTAÇÃO — 10

1. PALAVRAS INICIAIS — 14

2. CONTEXTO DE CAXIAS DO SUL E DA IMPRENSA EDUCACIONAL — 24

2.1 Caxias do Sul e o meio rural — 24

2.2 Escolarização em Caxias do Sul — 34

2.3 O ensino no meio rural — 40

2.4 Aspectos históricos da imprensa no Brasil — 53

2.4.1 Aspectos históricos da imprensa educacional no Brasil — 60

3. *O DESPERTAR*: UM PERIÓDICO DA DIRETORIA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA PARA
UMA COMUNIDADE RURAL — 67

3.1 Ester Troian Benvenuti: a mulher à frente das escolas rurais
de Caxias do Sul — 67

3.2 O despertar da comunidade da área rural — 74

3.2.1 A atuação do professor nas áreas rurais — 89

3.2.2 O ruralismo no *Despertar* ou o despertar do ruralismo — 106

3.2.3 Práticas civilizatórias no periódico *Despertar* — 116

3.2.4 A religião e a educação na área rural — 128

3.2.5 O amor à pátria e seus símbolos — 134

CONSIDERAÇÕES FINAIS — 146

REFERÊNCIAS — 155

LISTA DE SIGLAS — 169

BIODATA — 170

aquêles conhecimentos que adquiriu
ar para o magistério mas analisá
idéias que surgem, dos p
aptando-os às novas
al a mestre

PREFÁCIO

O arquivo é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele, tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente visitados pela história, a não ser que um dia decidam se unir em massa e construir aquilo que mais tarde se chamará de história. O arquivo não escreve páginas de história. Descreve com as palavras do dia a dia, e no mesmo tom, o irrisório e o trágico, onde o importante para a administração é saber quem são os responsáveis e como puni-los. Perguntas e respostas se sucedem; cada queixa, cada auto é uma cena na qual se diz aquilo que normalmente não vale a pena ser dito (Farge, 2009, p. 14).

Ao acessar arquivos, um universo de possibilidades se abre para o pesquisador. E, como argumenta Arlette Farge (2009), para que se escrevam páginas de história, é preciso que o investigador estabeleça perguntas para as fontes as quais reúne, que pelas suas lentes teóricas escolhe, recorta, organiza. Elisângela apresenta um modo singular de mobilizar documentos ao compor uma História da Educação Rural a partir de um periódico que circulou na comunidade escolar de Caxias do Sul, entre as décadas de 1940 e 1950.

Certeau (2021), ao refletir sobre a produção da escrita da história e a combinação entre *erudição* na reunião de fontes e *invenção de hipóteses* a partir da teoria, defende que o pesquisador constrói o conhecimento de um passado, aquele que, pelas práticas e representações, é possível contar. À medida que aborda um tempo e um lugar, Elisângela contextualiza a temática da escolarização no meio rural de um município situado na região da Serra Gaúcha, colonizado, especialmente, pelos imigrantes italianos no final do século XIX.

Como argumentado em outro trabalho, Souza (2019) indica que, nos estudos da produção do conhecimento da História da Educação no Rio Grande do Sul, a ausência de pesquisas sobre a temática da Educação Rural é significativa. Nesse sentido, a dissertação de Elisângela nos brinda com

uma profunda análise sobre um periódico educacional produzido pela Diretoria de Instrução Pública, sob olhar atento e protagonismo da professora Ester Troian Benvenuti¹.

Ao eleger um periódico como objeto de pesquisa, a autora amplia o campo de investigações em torno da imprensa pedagógica. A ampliação do uso de fontes que foi aberta a partir do advento da *Escola dos Annales* (1929) favoreceu o aparecimento de novas concepções teóricas e metodológicas em perspectiva cultural. Valendo-se da História Cultural, a autora constrói um modo original para desenvolver sua investigação, e destaca-se na sua dissertação um modo particular para categorizar, selecionar e analisar a documentação computada, usando a ferramenta do *software* Microsoft Excel².

O repertório da análise caracteriza um período histórico e nos auxilia no processo de compreender como o contexto social, político e cultural foi constituído. Além disso, traduz os modos de fazer, de ser e de estar nesse lugar, pela narrativa que a autora elabora ao provocar nosso olhar diante das representações e práticas.

Ainda sobre o uso da imprensa como fonte para compor a História da Educação, Nóvoa (1997, p. 30-31) acrescenta:

Na verdade, é difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os Atores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre "a quente", as questões essenciais que atravessam o campo educativo numa determinada época.

O *Despertar* foi mais que um artefato que esteve presente no cotidiano das escolas rurais, mas um recurso pedagógico

¹ A partir da pesquisa desenvolvida por Elisângela foram produzidos diferentes artigos e mobilizadas novas fontes narrativas e arquivísticas, o que permitiu aprofundar outras questões, como a biografia da professora Ester Troian Benvenuti. Nesse sentido, podemos citar alguns trabalhos publicados como exemplo: Dewes, Souza e Giacomoni (2023) e Dewes e Souza (2023).

² Sugiro a leitura do capítulo escrito pela autora, ver em Dewes, Souza e Vanz (2020).

utilizado pelas professoras tanto para o exercício da docência como para os moradores das comunidades rurais desse município. Como propulsor de uma cultura, das ideias do nacionalismo, do patriotismo e da tentativa de “civilizar” a população a partir de indicativos de novos hábitos, costumes e posturas, emerge a discussão do ruralismo como necessidade para o desenvolvimento e o progresso da nação.

Diante da singularidade e da diversidade de análise que o seu objeto proporcionou, peço licença aos leitores, pois é necessário realizar o registro, sem a pretensão de ser piegas, de quem esteve presente nesse processo. Além de constituir-se pesquisadora, Elisângela também vivenciou a experiência da maternidade, com a chegada da Isabela.

Para finalizar, recupero aqui a originalidade e a relevância que a contribuição do estudo que Elisângela Cândido da Silva Dewes agrega ao campo da História da Educação, em especial para a dinâmica dos estudos regionais e locais, incluindo nesse rol um dos maiores municípios do Rio Grande do Sul, cuja história da sua ocupação encontra-se entremeada aos processos de escolarização tecidos pelos sujeitos que protagonizaram cenários educativos entre as décadas de 1940 e 1950 em Caxias do Sul. Aproveitem esta obra, boa leitura.

PROF. DR. JOSÉ EDIMAR DE SOUZA

Professor do Programa de Pós-graduação em
História e em Educação da UCS

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **O lugar do outro: história religiosa e mística**. Petrópolis: Vozes, 2021.

DEWES, Elisângela Cândido da Silva; SOUZA, José Edimar de; VANZ, Samanta. A produção de dados na pesquisa em História da Educação: o uso do software Microsoft Excel na análise documental. *In*: GIACOMONI, Cristian; DAROS, Dilnei Abel; BELUSSO, Gisele; DALSSOTTO, Marina Parise Brandalise (Orgs.). **Caleidoscópio da História da Educação percursos teórico-metodológicos**. Caxias do Sul: Educus, 2020, p. 7-251.

DEWES, Elisângela; SOUZA, José Edimar de; GIACOMONI, Cristian. Ester Troian Benvenuti. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 23, n. 1, p. e261, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/64793>. Acesso em: 28 abr. 2024.

DEWES, Elisângela Cândido da Silva; SOUZA, José Edimar de. *Jornal Despertar: vestígios de ações em prol do civismo na Educação Rural em Caxias do Sul/RS (1947-1954)*. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 24, n. 54, p. 390-410, 2023. DOI: 10.5965/1984723824542023390.

FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepções e organização do repertório português. *In*: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Educação em revista: a imprensa pedagógica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 11-31.

SOUZA, José Edimar de. A escola isolada: contribuições e processos de escolarização em Novo Hamburgo, RS (1940-1952). **Série-Estudos – Periódico Do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, v. 24, n. 50, p. 219-238, 2019. DOI: 10.20435/serie-estudos.v24i50.1131.

aqueles conhecimentos que adquiri
ar para o magistério mas analisé
idéias que surgem, dos p
aptando-os às novas
al a mestre

APRESENTAÇÃO

Esta obra é resultado da pesquisa de Mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), defendida em 28 de agosto do ano de 2019, submetida à banca examinadora composta pelos professores: Dr. José Edimar de Souza (orientador) – UCS; Dra. Flávia Brochetto Ramos – UCS; Dra. Terciane Ângela Luchese – UCS; Dr. Eduardo Arriada – UFPEL; e Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin – UNISINOS, disponível no link: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5143>. Este livro faz parte da Coleção Educatio Livros, publicizada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado em Educação, da Universidade de Caxias do Sul.

O estudo objetivou apresentar novas perspectivas de análise sobre a História da Educação do município de Caxias do Sul, a partir do uso de um periódico educativo como fonte e objeto de pesquisa. Além de possibilitar um panorama diferente sobre a Escola Rural e para a História da Educação caxiense, este estudo fez parte de um período pessoal de importantes transformações, experiências e possibilidades, deixando memórias afetivas e marcas de um momento de reconfiguração desta pesquisadora.

Foi um desafio reunir documentos, levantar evidências, apropriar-me de um percurso teórico-metodológico que transcendia o que era reconhecido de uma trajetória formativa na área de Comunicação Social; porque, para as interpretações e compreensões transformadas em escrita, foi necessário que eu me apropriasse de outro papel, o de pesquisadora. Em meio às dúvidas, expectativas e angústias, encontrei a solidariedade de muitas pessoas, que me ensinaram que esse percurso não é solitário, mas uma jornada de

humildade, de não ter vergonha de pedir e aceitar ajuda e de praticar a generosidade, fortalecendo os laços de amizade.

Nesse percurso, tive o apoio da minha família, dos meus pais, que são inspiração para cada nova oportunidade formativa iniciada e empreendida com o sentimento de gratidão e de, talvez, "recompensá-los" pela ausência de oportunidades de formação escolar em suas vidas. Agradeço ao meu esposo, que, para além de um companheiro para a vida pessoal, foi meu conselheiro e apoiador durante toda a pesquisa; aos colegas, aos professores, ao orientador de estudos – professor José Edimar de Souza –, um grande incentivador para que eu me redescobrisse nessa nova jornada; à minha pequena Isabela, que me acompanhou em todos, "todos" os momentos vividos, que se fortaleceu para enfrentar o mundo fora do aconchego da barriga, enquanto a mamãe se preparava para os desafios da maternidade, concomitantemente às incertezas, frustrações e alegrias experimentadas durante esse percurso, em que me constituía um pouco pesquisadora.

Foi um caminho que me levou a explorar lugares que não foram por mim atravessados, mas que não me eram estranhos, porque fizeram parte de narrativas familiares, assim como para Almeida (2010), que ressignificavam as suas memórias pessoais e afetivas em aspectos singelos, mas que marcaram a sua infância, em uma convivência com sujeitos de idade mais avançada; além do interesse em compreender um "universo" diverso – um espaço de escolarização para um público com oportunidades restritas, sujeitos diferentes, porém não distantes.

Nessa perspectiva, esta obra foi construída com um olhar sobre o contexto das escolas rurais de Caxias do Sul, com o intuito de propor compreensões acerca das representações propagadas nesse cenário, por intermédio do periódico intitulado de *Despertar*, que foi objeto e fonte para a investigação empreendida. Ao analisar as evidências que ficaram impressas nesse material que compôs uma Cultura Material Escolar nessa região, uma publicação da Diretoria da Instrução

Pública de Caxias do Sul, no período de 1947 a 1954, tencionei discernir sobre os possíveis sentidos dados pela comunidade rural, as informações, as prescrições, as instruções e os novos conhecimentos possibilitados pela leitura do periódico e o modo como esses sentidos podem ter provocado ressonâncias sobre os modelos e as práticas escolares e cotidianas.

A escolha desses cenários depôs favoravelmente para outras definições, como as de referencial teórico, eleitas, desse modo, sob a perspectiva da História Cultural, significativas porque colaboraram para a compreensão de que a realidade social dos sujeitos é construída a partir dos diferentes lugares e tempos por eles experimentados, pela leitura que são capazes de fazer do “mundo”, pelo modo como traduzem esse “mundo” e dão sentido às suas práticas, ou às práticas compartilhadas em grupo (Chartier, 1988). Essa fundamentação cooperou para outros propósitos, como os de propor reflexões sobre a construção de uma identidade de grupo; a formação dos professores para uma atuação no contexto rural nessa região; as políticas educativas e as reverberações de um contexto histórico, político e social sobre a formação escolar nas áreas rurais.

A obra apresenta a investigação que desenvolvi a partir da análise dos exemplares do *Despertar*, considerando os diferentes elementos que compunham cada edição, entre eles: textos, imagens, diagramação, identidade visual, slogan, entre outros. O percurso metodológico foi fundamentado na análise documental histórica, um caminho realizado a partir do cotejamento da fonte principal da pesquisa, com outros documentos, por exemplo: relatórios da Diretoria da Instrução Pública e da Administração Municipal, programas de ensino, legislações, correspondências e transcrição de entrevistas realizadas por outros pesquisadores locais com docentes da região. Um trabalho construído a partir do procedimento de categorização, que emerge como uma possível proposta de sistematização de dados a partir do uso de dispositivos que

possam ser mais acessíveis aos pesquisadores, partilhado neste livro.

A obra está organizada em quatro partes: nas "Palavras iniciais" dedico espaço à descrição das escolhas que fundamentaram teórico-metodologicamente a pesquisa; no capítulo "Contexto de Caxias do Sul e da imprensa educacional" apresento os panoramas do meio rural, da escolarização nessa região e do ensino no meio rural, além de aspectos históricos da imprensa educacional; no capítulo 3, "O *Despertar*: um periódico da Diretoria da Instrução Pública para uma comunidade rural", emergem os resultados das análises, com destaque para algumas das categorias definidas a partir das evidências, como as que fazem referência ao trabalho realizado pela Diretoria da Instrução Pública à frente do ensino caxiense e aos aspectos que permeiam a produção do periódico, são traduzidos nas representações dos docentes rurais, do ruralismo pedagógico, da civilidade e do civismo e envolvem o campo religioso. Por fim, tem-se a composição de reflexões acerca do periódico: o seu papel como um meio educativo e de fortalecimento da identidade dos habitantes da área rural; a relevância para a qualificação das práticas docentes e como suporte pedagógico; e a sua função como colaborador para transformações no cotidiano das comunidades rurais dessa cidade. Espero que a obra possa, de algum modo, ressoar sobre as suas memórias ou contribuir para motivar outros empreendimentos sobre esse ou outros cenários semelhantes. Uma excelente leitura!

ELISÂNGELA CÂNDIDO DA SILVA DEWES

aquêles conhecimentos que adquiriu
ar para o magistério mas analisá
idéias que surgem, dos p
aptando-os às novas
al a mestre

1. PALAVRAS INICIAIS

Os jornais ou revistas produzidos por professores para outros docentes, elaborados pelos alunos para seus pares ou, ainda, criados pelo Estado ou por outras instituições possibilitam várias perspectivas em direção à compreensão da História da Educação. Por intermédio da análise desses meios é possível avaliar políticas, ideias, antagonismos, práticas educativas e escolares (Bastos, 2007). Nesse sentido, investigar a imprensa é uma forma de conhecer e compreender como, em distintos contextos, foram desenvolvidos os processos educativos.

Esta obra apresenta a investigação que se construiu a partir da análise das representações sobre Educação Rural, propagadas por uma ferramenta da imprensa educacional que circulou no município de Caxias do Sul entre 1947 e 1954, o jornal *Despertar*, cuja produção esteve sob a responsabilidade da Diretoria da Instrução Pública Municipal de Caxias do Sul. Um percurso sustentado na perspectiva da História Cultural, mas em diálogos com a História da Educação, o que contribuiu para compreensões sobre a colaboração do periódico como meio influenciador das práticas dos habitantes que circundavam a escola rural.

As provocações para a exploração de periódicos como fontes documentais para a História da Educação foram combustível para o desenvolvimento da obra. Também foi fator motivador o desejo de conhecer e aprofundar os conhecimentos sobre esse material, não somente como fonte, mas como objeto de pesquisa, tensionando dimensionar a sua capacidade como instrumento disseminador de representações, influenciador de comportamentos e multiplicador de prescrições, contribuindo ao produzir ressonâncias capazes de mobilizar transformações sociais. A formação acadêmica e

a experiência profissional na área de comunicação social, que permitiram, entre as atividades desenvolvidas, a experiência na produção de materiais facilitadores da comunicação, como, por exemplo, na produção de revistas e jornais³, também foram condições relevantes para a escolha pelo objeto.

Esse material de uma cultura escolar caxiense, o *Despertar*, foi idealizado pela professora Ester Troian Benvenuti, responsável pela Diretoria da Instrução Pública de Caxias do Sul (Despertar, 1951e). Ele surgiu nos últimos anos da administração de Demétrio Niederauer⁴, prefeito que pode ser considerado um incentivador da produção do periódico (Despertar, 1950d). A delimitação da pesquisa converge para as datas dos exemplares do periódico localizados, 1947 a 1954, e se considerou o mesmo do exercício de atividade do jornal, não havendo indícios que provassem o contrário. O *Despertar* teve circulação na cidade de Caxias do Sul, de modo particular, em localidades situadas na região rural. No Quadro 1 é possível visualizar a composição espacial em que o periódico teve afluência:

³ Pesquisadora graduada em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas em 2005 pela (UCS), com Especialização na área de comunicação concluída em 2012 pela UCS e Mestrado em educação pela UCS, concluído em 2019. A trajetória profissional conta com passagens pela Rádio Caxias e RBS TV, pela Metalúrgica Voges e pelo Hospital Geral de Caxias do Sul, em todas as experiências atuando na área de comunicação com a produção de diferentes meios, destacando-se o desenvolvimento de jornais, boletins e revistas destinadas aos diferentes públicos das instituições citadas.

⁴ Demétrio Niederauer foi o substituto de Dante Marcucci de maio a dezembro de 1947, até a posse de Luciano Corsetti. (AHMJSA, 2021). O jornal *Despertar* surgiu em sua gestão, em relatório encaminhado ao governador Walter Jobim, ao término de sua passagem pela prefeitura, incluiu entre as suas realizações junto ao ensino municipal a instituição do "jornal das escolas municipais, destinado não só a fins pedagógicos, como também à difusão de ensinamentos práticos e úteis aos colonos [...]" (Caxias do Sul, 1948b, p. 6).

Quadro 1 – Lista de distritos sob a jurisdição da Diretoria da Instrução Pública de Caxias do Sul

Distrito	Localidades
1º Distrito	(Sede) Caxias do Sul
2º Distrito	São Marcos
3º Distrito	Galópolis
4º Distrito	Ana Rech
5º Distrito	Vila Seca
6º Distrito	Santa Lúcia do Piaí

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2024.

Sobre os sujeitos para os quais o periódico se destinava (aqueles que viviam nessas localidades rurais) incidiram reflexões, como as de que os agentes das escolas rurais (docentes e alunos) exerciam um possível papel como mediadores desse meio de imprensa e de suas mensagens para os demais sujeitos que ali viviam, um papel representativo para aproximar os conteúdos propagados às realidades vividas por esse sujeitos e/ou apoiar a construção de significados em um espaço de “leitores” menos hábeis. Nesse sentido, as concepções de Chartier (1988, p. 27) foram fundantes, ao esclarecerem que

[...] as estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando. Por outro lado, esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar –, dirige-se as práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo.

Os conceitos de Chartier (1988) propuseram entendimentos, colaborando com o aporte teórico relacionado à representação, à cultura escrita, à apropriação e às práticas. Associada às suas ideias, as elaborações de Viñao Frago

(2000) são complementares de sentido sobre práticas, normas e procedimentos que podem ser evidenciados nas formas de fazer a “escola”, ou, ainda, na maneira de pensar a “escola”, o que é percebido nas atitudes, nos discursos e nos rituais partilhados e institucionalizados como forma de orientação para os afazeres educativos:

[...] modos de fazer e de pensar – mentalidades, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações – amplamente compartilhados, assumidos, não postos em questão e interiorizados, servem a uns e a outros para desempenhar suas tarefas diárias, entender o mundo acadêmico-educativo e fazer frente tanto às mudanças ou reformas como às exigências de outros membros da instituição, de outros grupos e, em especial, dos reformadores, gestores e inspetores (Viñao Frago, 2000, p. 100).

Modos de fazer e de pensar que foram apropriados por meio das práticas e são indícios das interpretações que possibilitaram a construção de uma história do social:

[...] a apropriação visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (Chartier, 1991, p. 180).

Foi um processo de apropriação motivado pelo uso de um recurso de imprensa educativa que colaborou para a propagação de representações, as quais poderiam ser aceitas ou impostas pelo “mundo” social. Para o historiador, a compreensão de *apropriações*, na historicidade, rompe com o conceito de sujeito universal e abstrato, pois deve ser colocada em uma abordagem histórico-cultural, que observa as diferentes práticas e utilizações que contrastam umas das outras, considerando-se uma pluralidade de leituras e interpretações.

Diante do exposto, problematizei sobre os possíveis sentidos dados pela comunidade da área rural, possibilitados por

meio do periódico *Despertar*, para a compreensão de modelos e prescrições sobre a Educação Rural em Caxias do Sul.

Para tanto, tive como objetivo analisar e compreender as *representações* sobre a Educação Rural presentes no periódico que foram disseminadas para a comunidade no contexto da escola rural caxiense. Também percorri o propósito de identificar como os usos dados ao periódico *Despertar*, por meio dos textos, das imagens e da diagramação, influenciaram a construção de uma identidade que fortalecesse a relação dos grupos que tiveram acesso ao jornal; ainda realizei uma aproximação ao contexto histórico de produção do *Despertar*, visando identificar possíveis influências nas práticas desenvolvidas no espaço rural; e complementarmente busquei compreender aspectos da formação de professores rurais, políticas educacionais e representações construídas sobre o papel do docente e suas repercussões na comunidade local.

Para percorrer esse caminho, como já foi mencionado anteriormente, foi definido entre os procedimentos o de análise documental histórica. Para o estudo foram consideradas as 53 edições do *Despertar* localizadas no Acervo Histórico Municipal João Spadari Adami. Destaca-se que a busca inicial por periódicos educativos não estava unicamente associada a edições do *Despertar*. O trabalho exploratório que aconteceu em diferentes acervos não teve o foco em um único jornal, mas a intenção de levantar e mapear todos os que emergissem desse processo. Entre os acervos acessados, destacaram-se o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHJSA), o Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul e o Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul (CEDOC). Também foram realizadas consultas na Biblioteca Pública Municipal e na Secretaria Municipal de Educação. Além disso, foram realizados contatos com algumas escolas públicas e particulares, definidas pelo seu tempo de existência (as mais antigas). As buscas nas escolas não foram profícuas, já nos acervos localizaram-se os seguintes periódicos (Quadro 2):

Quadro 2: Lista de periódicos identificados após a exploração dos acervos históricos

Nome do Periódico	Instituição	Período	Quantidade de edições
<i>Folha da Escola</i>	Escola Complementar	1939	3
<i>A Voz da Mocidade</i>	Duque de Caxias	1945	5
<i>Murialdo</i>	Colégio Murialdo	1952	1
<i>Ecos do Carmo</i>	Colégio La Salle Carmo	1954	3
<i>Vivências</i>	Colégio São Carlos	Década de 50	1
<i>Despertar</i>	Diretoria de Instrução Pública	1947 a 1954	53

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Optou-se, então, a partir desse levantamento, por realizar a investigação somente sobre o jornal *Despertar*, uma vez que este foi o periódico com o número mais representativo de exemplares disponíveis e localizados. A escolha do objeto/ fonte também foi definida pelo entendimento de que poderia conduzir a novas evidências sobre a História da Educação nessa localidade ou, minimamente, propor reflexões sobre as práticas desenvolvidas no passado e que permanecem ainda hoje nos espaços escolares.

A análise desse tipo de publicação apresenta evidências sobre políticas de transformação da escola e de disseminação de valores autoritários bem como contribui para o entendimento do modo como esses meios serviam como plataformas para pluralizar as doutrinas do governo e, ainda, “como dispositivo de controle e mudança da opinião pública, para a obtenção de controle de caráter persuasivo” (Bastos, 2005, p. 23). Além disso, permite ponderar sobre as estratégias usadas para a disseminação de práticas, normas de conduta, metodologias, entre outros temas.

O procedimento de sistematização dos dados provenientes da leitura dos exemplares ocorreu antes do trabalho

de organização dos documentos a partir do *download* das edições disponíveis de forma online no AHMJSA, o que resultou em um quantitativo de edições por ano de publicação do *Despertar* (Figura 1):

Figura 1 – Gráfico do número de edições por ano de circulação do *Despertar*



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Outras informações sobre o contexto de produção do periódico foram obtidas por meio de Relatórios de Atividade da Diretoria da Instrução Pública e entrevista realizada por historiadores locais com a Diretora da Instrução professora Ester Troian Benvenuto. Entre elas, fatos sobre o início de circulação do periódico, datado em 1947, e a sua tiragem gratuita, com impressão média de 1.200 exemplares por edição.

As aproximações aos exemplares do *Despertar* foram cercadas do cuidado de realizar problematizações, considerando-se uma série de questionamentos que envolveram o contexto cultural, social, econômico e político que permearam a produção do documento, além de reflexões sobre a posição social e a opinião dos interlocutores, no modelo como foi proposto por Luchese (2014).

No que se refere aos procedimentos adotados para a análise do documento, tendo em vista a diversidade de assuntos tratados pelo impresso, houve a necessidade de categorizar os diferentes temas tratados. A partir daí, buscaram-se indicações de possíveis ferramentas que pudessem colaborar nessa tarefa, em virtude do número expressivo de edições e de páginas a serem analisadas por edição, o que resultou

em um número volumoso de registros. Outra preocupação era a de que essa ferramenta possibilitasse o cruzamento de informações e facilitasse a busca pelos excertos, agilizando a visualização dos diferentes temas abordados nas colunas do periódico.

Desse modo, considerou-se utilizar uma plataforma que atendesse a esses critérios, fosse acessível e de fácil e reconhecido manuseio; optou-se, assim, pelo software Excel. Uma planilha, nesse dispositivo, foi organizada usando os espaços das colunas para catalogar informações sobre a edição analisada do periódico e as linhas para registrar as informações indicadas pela coluna, incluindo excertos das evidências e categorias. Na Figura 2 é possível observar a referida sistematização:

Figura 2 – Organização dos dados do periódico *Despertar* no aplicativo Excel

Componentes observados e filtros

Janela do filtro de Categorias

Número total de registros

Número de registros da categoria selecionada

Edição	Ano/Número	Página	Coluna	Componente	Conteúdo	Excerto	Categorias
setembro de 1954	VIII / 64	7	Colaboração e foto vontade	Texto	A Bandeira - símbolo da Pátria - aluno do 3º ano Escola Machado de Assis	14 de abril - Dia Pan-Americano - feriado nas americanas - aluno do 5.º Frez Camões	Outros
setembro de 1954	VIII / 64	7	Colaboração e foto vontade	Texto	Placar de Caxias - Fato do dia 25 de agosto dia do maior soldado Brasileiro - Aluno de 4º ano de E. local de Caxias		Outros
outubro de 1954	VIII / 65	4	Colaboração e foto vontade	Texto	Três de setembro (data da história, seguem heróis nacionais) - aluno do 3º ano da Escola Farias Brito		
novembro de 1954	VIII / 66	4	Colaboração e foto vontade	Texto	Julia de Castilhos - Fato sobre Julia Pires de Castilhos que denominou Caxias do Sul como "País da Colônia" - aluno do 3º ano da Escola Joaquim Nabuco		
11 de março de 1954	VIII / 58	4	Colaboração e foto vontade	Texto	Trabalhos - Fala do personagem de Madras sobre um herói - aluno do 2º ano do Grupo Padre Antônio Vieira		
10 de junho de 1954	VIII / 61	4	Colaboração e foto vontade	layout	8 páginas - casa, educação e ensino, informações rurais, colaboração e foto vontade, conselhos úteis. Para você criança. Para você estudante.		
11 de junho de 1954	VIII / 61	4	Colaboração e foto vontade	layout	14 de abril - Dia Pan-Americano - feriado nas americanas - aluno do 4º ano do Grupo Escolar Padre Antônio Vieira		

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Inicialmente não se vincularam os dados a nenhum tipo de categoria pré-estabelecida. A categorização aconteceu durante a organização, com temas que emergiam da leitura e interpretação de textos e imagens. O número de registros realizados na planilha de Excel contabilizou 1.840⁵. Em um segundo momento, iniciaram-se a análise das evidências e a incorporação dos diferentes temas que emergiram em categorias que os aproximassem. O resultado desse trabalho pode ser apreciado no Quadro 3:

Quadro 3 – Categorização a partir dos dados que emergiram do *Despertar*

Temas	Categorias	Nº de registros
Administração Municipal; Diretoria de Instrução; <i>Despertar</i> ; Inaugurações/Eventos/Obras; Fiscalização.	Administração Municipal	123
Analfabetismo e alfabetização; Deficiência; Escola; Escola Estatísticas; Educação; Práticas escolares; Trabalhos manuais e matérias.	Escola	211
Civilidade; Cidadania e saúde.	Civilidade	208
Ruralismo; Ruralismo/Escola; Clubes Agrícolas; Cooperativismo; Imigrante; Regionalismo e valorização do colono/agricultor.	Ruralismo	323
Civismo; Civismo/Religiosidade e ensino; Datas comemorativas; História; Pan-Americano; Trabalho e valores.	Civismo	348
Família; Infância e mãe.	Família	64
Humor; Lúdico.	Lúdico	100
Práticas docentes; Magistério e valorização do professor.	Magistério	124
Natureza.	Natureza	66
Religiosidade.	Religiosidade	87
Urbanismo.	Urbanismo	24
Utilidades.	Utilidades	7

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

⁵ Além dos registros identificados que constam no Quadro 3, foram catalogados 155 itens que não se relacionam a categorias, mas estão associados a aspectos que envolvem a diagramação do periódico.

Outro ponto analisado diz respeito à diagramação do periódico (títulos e distribuição de colunas), detalhes que contribuíram para tornar determinados assuntos mais ou menos atrativos para os diferentes leitores. Outro elemento analisado foi a capa, com as unidades que a compunham – editorial, identidade visual, slogan. Todo o trabalho de análise do jornal foi mobilizado com a compreensão de que são possíveis diversas leituras de um texto/imagem, portanto é significativo reconhecer e distinguir os leitores entre os que possuem mais ou menos habilidade para a leitura (Chartier, 1991). Ainda foi preciso considerar que os procedimentos de interpretação envolvem expectativas e interesses, que podem se diferenciar de acordo com os grupos de leitores.

Os outros documentos localizados nos acervos, como, por exemplo, legislações federais, estaduais e municipais, relatórios municipais, entrevistas e programas de ensino, foram catalogados de forma semelhante, em uma segunda planilha do Microsoft Excel. Esses dados corroboraram para que se chegasse a considerações sobre o *Despertar* e acerca de seu histórico de produção; ainda auxiliaram na articulação das evidências do contexto histórico, social e político vivido na época.

Os caminhos metodológicos percorridos contribuíram para o entendimento das práticas desenvolvidas, das relações que se estabeleceram entre os agentes da escola rural e das forças internas e externas que influenciaram os movimentos geradores, não somente de transformações no ensino, mas de transformações na sociedade, em especial nos sujeitos que viviam na área rural caxiense. A investigação, por meio da análise documental, especialmente em torno de periódicos, possibilitou olhar para o passado sob novas perspectivas, realizando deslocamentos pelo tempo e por diferentes espaços e articulando as evidências encontradas ao contexto histórico e social vivido pelos sujeitos mobilizados pelos documentos.

2. CONTEXTO DE CAXIAS DO SUL E DA IMPRENSA EDUCACIONAL

Contextualizar o espaço e o período de tempo a ser estudado auxilia para encontrar vestígios que ajudem a responder as conjecturas sobre o objeto de pesquisa. O desenvolvimento de um capítulo de contextualização também coopera para uma aproximação com os possíveis cenários que o pesquisador se deparará ao explorar as suas fontes. Esse processo ajuda a articular os fragmentos do passado e motiva o pesquisador a elaborar indagações sobre o objeto de pesquisa. Nesse sentido, neste capítulo serão apresentadas informações sobre o contexto histórico que cercou o campo da educação e a escolarização rural, em período que compreende o recorte temporal definido para a pesquisa.

2.1 CAXIAS DO SUL E O MEIO RURAL

Compor uma narrativa histórica de Caxias do Sul representa compreender o modo como os grupos sociais contribuíram para o desenvolvimento desse lugar. O ponto de partida deste estudo, em torno dos contextos históricos, é a chegada dos imigrantes italianos nessa região, considerando-se oportunos esses dados para o desenvolvimento da análise do *Despertar*. Herédia (2017) explica que a partir de 1875 começaram a chegar os imigrantes italianos ao Campo dos Bugres – nome que remete aos antigos habitantes da região, os índios Caingangues, e que foi usado pelo diretor da Colônia de Feliz, Dr. Mabilde, em 1850 (Caxias do Sul, 2019b) –; colonos vindos de Belluno, de Treviso, de Padova, de Mantova e do Tirol. Desse modo, a colonização foi impulsionada nas terras caxienses, fato que corroborou para a denominação

dessa região de Colônia Caxias – determinada desse modo em 11 de abril de 1877, pela Inspetoria Especial de Terras e Colonização da Província do Rio Grande do Sul (Caxias do Sul, 2019b).

Herédia (2017) evidencia que no ano de 1878 a Colônia Caxias possuía 3.851 habitantes e pertencia ao 5º Distrito de São Sebastião do Cai. Alguns anos mais tarde, por volta de 1890, a localidade já possuía 38 casas comerciais e 120 pequenas empresas industriais; os 16 mil habitantes produziam, vendiam, compravam e pagavam impostos (Caxias do Sul, 2012). Nesse período, a Colônia Caxias manifestava um progressivo desenvolvimento, o que foi determinante para sua emancipação do Regime Colonial, que aconteceu no ano de 1884, quando foi elevada à condição de paróquia e registrava 10.591 habitantes, 400 casas e uma igreja. O passo seguinte foi a elevação à condição de município, o que aconteceu em 1890, por meio de um ato do governo do Estado do Rio Grande do Sul (RS). A partir daí, passou a ser chamada de Vila de Santa Tereza de Caxias (Herédia, 2017).

Outro momento que é marco de uma evolução de Caxias do Sul e determinou a mudança do nome e da condição de vila para cidade, além de representar um tempo de progresso e prosperidade, foi a inauguração da estrada de ferro que ligava o município à capital do estado, em 1910 (Herédia, 2017). Nessa mesma data, por meio do Decreto nº 1.607, houve a simplificação do nome para Caxias. Herédia (2017) explica que o crescimento rápido da cidade a diferenciava de outras colônias que surgiram na mesma época; desse modo, chegava a uma autonomia e se transformava em um centro de colonização italiana no estado.

Com o aumento do número de imigrantes na região, houve um avanço na formação das pequenas propriedades rurais, o acesso a essas propriedades, pelos italianos, seguia a organização da Administração Pública. Conforme Machado e Herédia (2001), as colônias agrícolas do Nordeste do RS foram divididas, inicialmente, em léguas quadradas, linhas e traves-

sões. Nem todas as léguas possuíam o mesmo número de travessões, pois dependia dos acidentes dos terrenos. Assim, os limites das colônias eram demarcados por travessões, ou seja, divisões entre as localidades. Os pesquisadores assinalam para o fato de os imigrantes, no período inicial da Colônia, prestarem serviços que lhes garantiam ganhar o dinheiro para pagar as dívidas com a aquisição dessas terras, por isso muitos trabalhavam na abertura de estradas e de picadas, e na construção de barracões.

O sistema de agricultura local foi se constituindo a partir da aquisição dessas terras pelos imigrantes e do seu trabalho nessa produção. Esses sujeitos constituíram um sistema agrário colonial que se caracterizava pela dedicação à agricultura, sistema que teve início no Rio Grande do Sul no ano de 1824, com a implantação das colônias (Mertz, 2004). Entre suas características, constituíam-se de pequenas propriedades cultivadas pelos membros de uma família e um sistema de produção de policultura, incluindo-se aí, também, a atividade da pecuária. Nessa região em particular, pela colonização italiana, entre os muitos produtos cultivados, houve uma dedicação para a produção de uvas e vinhos (Mertz, 2004).

O cultivo seguia as características da região e das estações do ano, além de os agricultores observarem as necessidades de suas famílias com produtos para a subsistência. Os pequenos produtores, proprietários de terras, iniciaram a história da zona colonial por meio do trabalho familiar. Dedicavam-se ao cultivo de frutíferas como uvas, marmelos, peras e maçãs; mas o milho era uma das principais culturas de sustentação da colônia italiana, pois, além de ser usado como alimento da família, servia como alimentação na criação de animais (Machado; Herédia, 2001).

A organização dessas propriedades rurais era muito simples: as casas rústicas eram cercadas por estábulo, paiol, chiqueiro e galinheiro, e hortas eram plantadas, além de lavouras para as produções agrícolas. Informações da Administração Municipal dão conta de que a fertilidade da

terra proporcionava boas safras de batata, feijão, mandioca, amendoim, abóbora, tomate, pimentão, trigo e milho. As propriedades ainda desenvolviam criações de porcos, galinhas e gado. Nesse período, os tropeiros eram responsáveis pelo fluxo dos produtos, como, por exemplo, embutidos, banha, vinho, farinha e queijo, atividade que impulsionou o comércio e o princípio da industrialização na cidade (Caxias do Sul, 2019a).

Caxias do Sul, assim como outros municípios da região, contou com o trabalho das famílias de imigrantes italianos, o que fortaleceu a produção agrícola local. Mas o modelo de agricultura desenvolvido nessa região também foi influenciado por outros imigrantes, como os alemães. Os imigrantes italianos, inclusive, mudaram o processo de plantio influenciados pelos imigrantes alemães da encosta da Serra. Outro fator que transformou o sistema de cultivo foi a implantação das vinhas, que caracterizou a economia local, transformando-se em umas das principais culturas permanentes da localidade e viabilizando a geração de ganhos (Herédia, 2017).

No que se refere ao comércio, no início da Colônia Caxias, os colonos imigrantes instalaram suas atividades comerciais na praça da vila com o excedente de produção. As casas comerciais assumiam uma função de troca, em que os colonos deixavam o produto de seu trabalho com juros mínimos, assim as casas comerciais sempre se beneficiavam. Caxias do Sul transformou-se em um polo da produção e comercialização de produtos agrícolas, o que favoreceu a expansão econômica, com contribuição do crescimento urbano e da agricultura. Esse desenvolvimento da comercialização produzida localmente favoreceu o crescimento de estabelecimentos para o beneficiamento da produção agrícola, que aconteceu com a produção de uvas, de vinho, de banha, de aveia e de feijão. O que fomentou o consumo, a produção e, conseqüentemente, a expansão da agroindústria local (Herédia, 2017).

Alves Paz (2013) discorre sobre o desenvolvimento da indústria nessa região, na década de 1930, período em que a

economia local se destacava pela força das indústrias têxteis, de metalurgia, de madeiras e de alimentos, mas com importante contribuição da produção agrícola. A Festa Nacional da Uva dos anos 1931 e 1932 foi significativa para o fortalecimento dessa agroindústria. Caxias do Sul estava em pleno desenvolvimento, com o número de 42 mil toneladas de uva colhidas, sendo responsável por $\frac{1}{3}$ da produção gaúcha da fruta, a qual possibilitou que fossem exportados 21,1 milhões de litros de vinho (Barbosa, 2015). Segundo Herédia (2017), esse foi um fato que impulsionou o progresso industrial de Caxias de modo rápido, visto que na década de 1930 existiam 190 estabelecimentos e em dois anos o número foi ampliado para 280 indústrias.

Nessa mesma década, o país passou por transformações políticas que interferiram em diversos segmentos, como a Revolução de 1930⁶, que iniciou uma mudança profunda na política nacional brasileira, incentivada pelas diretrizes do Estado Novo (1937-1945). Além disso, o Rio Grande do Sul apresentava uma difícil situação política em razão do partidarismo presente em instâncias administrativas estaduais, situação que foi amenizada por meio dos arranjos políticos que contemplavam as esferas partidárias e do apoio à administração estadonovista (Tomazoni, 2011). Em novembro de 1937, com apoio de integralistas, militares e intelectuais, Getúlio Vargas suspendeu a Constituição de 1934 e colocou todos os partidos políticos na ilegalidade. Era o início do Estado Novo, que comandaria a vida política por meio de um regime centrado

⁶ A crise das oligarquias foi um passo crucial para a revolução. Com o impacto da crise de 1929, o presidente paulista Washington Luís resolveu apoiar a candidatura de seu conterrâneo Júlio Prestes. Conhecida como "Política do Café Puro", a candidatura de Júlio Prestes rompeu com o antigo arranjo da "Política do Café com Leite", em que os latifundiários mineiros e paulistas se alternaram no mandato presidencial. Insatisfeitos com tal medida, um grupo de oligarquias dissidentes – principalmente de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba – criaram uma chapa eleitoral contra a candidatura de Júlio Prestes. A chapa encabeçada pelo fazendeiro gaúcho Getúlio Dorneles Vargas prometia um conjunto de medidas reformistas. Entre outros pontos, os liberais defendiam a instituição do voto secreto, o estabelecimento de uma legislação trabalhista e o desenvolvimento da indústria nacional (Sousa, [20--]).

no amplo controle do Poder Executivo. De revolucionário e constitucionalista, Vargas passou a assumir o papel de ditador até 1945 (Sousa, [20--]).

Nesse contexto político, Caxias do Sul ocupou um importante papel, apoiando o governo estadonovista com o fornecimento de gêneros alimentícios e de vestuário e com o apoio de empresários da cidade às forças do Governo Vargas (Paz, 2013). Enquanto uma parcela da população expressava seu apoio ao Governo Vargas, outra, especialmente composta por imigrantes, sentia as consequências das ações contundentes de valorização do nacionalismo. Durante esse regime, houve uma grande pressão sobre as instituições que mantinham vivas as tradições europeias, especialmente alemãs e italianas. O fechamento de escolas e o impedimento da circulação de produções editoriais na língua materna desses imigrantes foram algumas das ações de fiscalização do governo nesse período.

Tomazoni (2011) explica que entre as condutas adotadas para a validação dessa política de nacionalização estava a de proibição do uso da língua italiana e o fechamento de escolas e associações, especialmente a *Sociedade Principe di Nápoles*. As Sociedades de Mútuo Socorro eram associações que assumiram, em diferentes contextos, funções de intermediação e preservação dos laços com a pátria de origem, reforçados pelas festividades cívicas, e espaços de auxílio mútuo, em caso de doença, morte ou sinistro, além de muitas atuarem na área do ensino (Luchese, 2009). Nesse sentido, a preocupação do governo nacionalista se justifica pelas ações das pátrias-mães dos imigrantes, que fixavam diretrizes para o ensino no exterior. No caso dos italianos, essas instruções objetivavam influenciar a manutenção dos laços e a disseminação de um discurso fascista, além de angariar benefícios para a pátria dos imigrantes, por isso a difusão da língua e da cultura italiana eram importantes. Nesse sentido, o governo italiano realizava investimentos, como, por exemplo, o envio

de uma diversidade de livros às escolas dos imigrantes (Luchese, 2014).

As ações nacionalistas direcionadas aos imigrantes europeus tinham como propósito impedir o fortalecimento dessas comunidades e das ideologias dos países de origem. Desse modo, a preocupação das autoridades brasileiras, incidia sobre o desenvolvimento de atividades fascistas nas regiões de colonização dos imigrantes, especialmente no Rio Grande do Sul. Por isso o governo empreendeu ações nacionalizadoras em escolas, com o objetivo de controlar o uso da língua estrangeira, e em alguns casos realizou até a mudança de denominação das instituições, além de realizar perseguições e prisões daqueles que se opunham às suas medidas (Gertz, 2005).

Luchese (2014) faz reflexões quanto às imposições nacionalistas à comunidade italiana, especialmente a que se referia ao uso da língua materna, a partir de 1942, o que impunha dificuldades, particularmente à população mais idosa. Para a autora, a Igreja Católica foi apoiadora desse processo, com a adoção da liturgia na língua portuguesa.

Apesar de o processo de nacionalização ter sido conduzido, em alguns momentos, por situações de tensão, confronto e pressão, para determinados grupos sociais esses movimentos não represaram o crescimento de Caxias do Sul. Destaca-se o período a partir da Segunda Guerra Mundial, quando a produção das empresas locais despertou o interesse do Exército Brasileiro. Indústrias como a Metalúrgica Abramo Eberle, a Gazzola, Travi & Cia. e o Lanificio São Pedro passaram a abastecer os militares brasileiros com artefatos bélicos. Nessa época, Caxias contava com 512 estabelecimentos industriais, 372 casas de comércio e 76% da produção de vinhos do estado, ou seja, estava em pleno desenvolvimento (Caxias do Sul, 2012).

No que se refere ao cenário político, após Caxias passar a ser identificada como Caxias do Sul, pelo Decreto nº 720, de 29 de dezembro de 1944, ocuparam a cadeia da Administração

Municipal os seguintes prefeitos: Dante Marcucci (1935 a 1947); Eduardo Ruiz Caravantes (novembro de 1945 a dezembro de 1945); Demétrio Niederauer (maio de 1947 a dezembro 1947); Luciano Corsetti (1947 a 1951); Euclides Triches (1951 a 1954); Hermes João Webber (janeiro de 1954 a 1955) e Rubem Bento Alves (1956 a 1959).

Entre as contribuições desses administradores do Município, destacam-se os projetos desenvolvidos por Dante Marcucci para a inovação, entre as ações: o primeiro aeroporto; a melhoria da telefonia; a modernização de ruas no centro; a ampliação de represas; e as melhorias da área de ensino com investimentos em escolas da zona rural (Oliveira, 2015a). As representações nas memórias da comunidade sobre a sua gestão o identificam como um homem de habilidade política, articulador de importantes negociações, como as para incluir o município no traçado da BR-116 (inaugurada em 1941), além das realizadas para a urbanização da cidade que modificaram o cenário e impulsionaram o progresso.

O avanço da cidade emerge em notícia do *Despertar*, em que é divulgada a aquisição de máquinas pela prefeitura, o que contribuiu para a abertura de ruas e o melhoramento de estradas municipais. Na matéria, há ênfase no benefício conquistado com a aquisição do maquinário: o de substituição, em um dia, do trabalho de 150 homens (*Despertar*, 1947a). As notícias do jornal corroboram com a constatação de que as políticas do governo municipal colaboravam para criar um panorama de modernidade, também, no cenário rural. Tal movimento pode ser justificado a partir das estatísticas do IBGE, que apresentam, em 1940, uma população de 20.123 pessoas na área urbana e 19.377 na área rural; e, dez anos depois, de 36.742 na área urbana e 22.791 na área rural. Esses números evidenciam um êxodo dos habitantes da área rural, possivelmente em busca de novas perspectivas profissionais, abertas em virtude do aumento do número de indústrias (IBGE, 2013).

O movimento de crescimento da área urbana e de expansão da indústria fez com que houvesse uma preocupação

em se criar grupos para o revigoramento do trabalho realizado pelos agricultores na zona rural, buscando fortalecer a identidade desses sujeitos e conferir melhores condições de vida às famílias que se dedicavam à produção agrícola. Afinal, na década de 1950, há um crescimento da população de Caxias para 53.850; o que se amplia nos anos de 1960, com o número de 102.333 habitantes. O pujante desenvolvimento da cidade, especialmente do segmento industrial, pode ter sido mobilizador desse crescimento, pela ampliação das oportunidades de trabalho na área urbana (Caxias do Sul, 2012).

Segundo Grando e Mertz (2010), a partir dos anos 1950 houve um estímulo do Estado do Rio Grande do Sul para a formação de cooperativas entre os agricultores. O objetivo era resistir aos movimentos sociais que apareceram nas regiões coloniais, em contraposição aos movimentos pela reforma agrária. Nas décadas seguintes, constituíram-se os sindicatos dos trabalhadores rurais, tutelados originalmente pela ala conservadora da Igreja Católica, o que fortaleceu as ideias de cooperativismo e alavancou o desenvolvimento dos pequenos produtores.

Na Lei Orgânica de Caxias do Sul, do ano de 1948, é possível observar que há o incentivo, por parte do governo, aos produtores rurais. No artigo 66 dessa lei, o Município se posiciona como prestador de assistência aos trabalhadores rurais, aos pequenos agricultores e às suas organizações legais, auxiliando e proporcionando meios de produção, de trabalho, de crédito fácil, de saúde e de bem-estar. O artigo 67 trata da organização de fazendas coletivas, orientadas ou administradas pelo Poder Público, para a formação das atividades agrícolas. Na sequência, o artigo 68 aborda a isenção de tributos aos veículos de tração animal e aos instrumentos de trabalho do pequeno agricultor, utilizados no serviço da própria lavoura ou no transporte de seus produtos (Caxias do Sul, 1948a).

São evidências que demonstram o interesse da Administração Municipal pelos sujeitos que viviam na área

rural, especialmente pelo trabalho ali realizado. No *Despertar*, essas evidências emergem no formato de um espaço destinado a prestar orientações às famílias de agricultoras, conforme o excerto:

A Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal, dá início, hoje, através desta secção de o "Despertar", a publicação de uma folha dedicada aos nossos agricultores. Nesta secção os nossos patrícios que labutam no interior do município, encontrarão, todos os meses, um apanhado geral de assuntos de interesse dos mesmos: notas avisos e instruções, técnicas sobre agricultura e veterinária, recomendações, respostas a consultas que fizeram, informações e notícias em geral do que vai pelo sector da lavoura e criação do município. Atenção, pois, Srs. agricultores e criadores caxienses. Esta é a vossa folha de "O Despertar". Lede-a sempre (Despertar, 1949c, p. 3).

Apesar do crescimento da área urbana e dos avanços na indústria, nas décadas de 1940 e 1950 a zona rural ainda conservava grande parte da população do município, e a Administração Municipal despendia esforços aos assuntos da área rural, como observado no *Despertar*. Os assuntos que tratavam desse espaço ocupavam boa parte do periódico e ainda apareciam em outras colunas, como as de notícias. Na seção destinada às orientações rurais – inicialmente intitulada de "Conselhos sobre Agricultura", depois renomeada para "Informações Rurais" –, eram abordados assuntos relacionados à agricultura e à pecuária: cuidados com os arvoredos e os vinhedos, poda, orientação para acabar com os vermes dos porcos, conselhos sobre caça e pesca, adubação, mecanização da lavoura, formas de cultivo, erosão das pastagens, inimigos das plantas, criação de gado, preparo de terreno para horta, alimentação das aves, produção do vinagre de vinho, entre outros.

Entre as demandas surgidas pelas comunidades das áreas rurais, ao longo do período, que ficaram registradas em diferentes edições do *Despertar*, alguns trechos que abordam a expansão do ensino com a instalação de novas escolas na área rural. Esse e outros assuntos que envolvem o desenvolvimento da escolarização em Caxias do Sul serão ampliados nas

seções subsequentes, nas quais também serão apresentados indícios que ficaram impressos nas páginas do *Despertar*.

2.2 ESCOLARIZAÇÃO EM CAXIAS DO SUL

Este é um tópico importante para o entendimento sobre os aspectos históricos que envolvem o progresso da cidade de Caxias do Sul e, de um modo especial, para o aprofundamento deste estudo, pois tangencia a questão da escolarização no município.

Olhar para a escolarização é fazer uma incursão sobre os diferentes movimentos da escola caxiense, como, por exemplo, a instalação das instituições do tipo confessionais católicas nessa localidade. Conforme Bergozza (2010), as escolas do tipo confessionais iniciaram as suas atividades nessa região por volta do ano de 1900 – algumas delas de origem francesa, como é o caso do Colégio São José e do Instituto das Escolas Cristãs dos Irmãos Lassalistas, ainda hoje em funcionamento em Caxias.

Paz (2013) também discorre sobre as instituições escolares com características religiosas, funcionando entre as décadas de 1920 e 1930, mas de origem italiana, a exemplo do Orfanato Santa Teresinha – hoje Colégio Madre Imilda; do Colégio Agrícola Murialdo – sob direção dos padres Josefinos de Murialdo; e do Colégio São Carlos – dirigido pela congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas. Destaca-se, também, o trabalho desenvolvido pela Congregação das Irmãs de São José, fundada em 1901, destinada à educação de moças, pelo Colégio do Carmo; a instituição inaugurada pelos Lassalistas, no ano de 1908, voltada ao ensino dos meninos; e a formação do clero pelo Seminário Diocesano Nossa Senhora Aparecida, a partir de 1938, sob responsabilidade dos Freis Capuchinhos, todas essas iniciativas foram consideradas por Grazziotin (2010) como relevantes para o desenvolvimento da educação local.

Entre os fatores impulsionadores da ampliação do número de escolas consta a procura por escolarização, demanda proveniente do crescimento demográfico, do avanço da indústria e da necessidade de preparo da população para uma vida mais urbanizada. Nesse sentido, houve um desenvolvimento da rede pública municipal de ensino para o atendimento, de modo especial, daqueles sujeitos que tinham pouca ou nenhuma condição de investir no ensino privado.

Roso (2012) reflete sobre a história da rede municipal de ensino, datando a década de 1890 como um marco do avanço do ensino público, em virtude de o período histórico ser assinalado pela emancipação de Caxias do Sul do município de São Sebastião do Caí. Outra referência para uma melhor organização e ampliação do ensino local destacada foi o apoio do governo estadual ao ensino, a partir de 1910. O governo estadual, por meio da subvenção das escolas municipais, contribuiu para a qualidade do ensino, realizando investimentos na construção, na manutenção de escolas e no pagamento dos honorários dos professores (Dalla Vecchia; Herédia; Ramos, 1998). Outro fato representativo desse contexto refere-se à expansão das escolas laicas e gratuitas, a partir da década de 1920, comparada à diminuição das escolas étnico-comunitárias e dos colégios confessionais (Paz, 2013).

Bergozza (2010) destaca o projeto educacional protestante, no ano de 1920, com a inauguração de unidades escolares, fato que forçou uma reação da Igreja Católica para não perder espaço no campo da educação. Entre as ações das congregações católicas está a abertura de escolas paroquiais, como, por exemplo, as organizadas pelo Monsenhor João Meneguzzi. Na década seguinte, por volta de 1934, algumas dessas escolas paroquiais acabaram sendo fechadas, em virtude das dificuldades financeiras, impossibilitando a manutenção das suas estruturas e dos salários dos professores, e porque o Ensino Religioso já era ministrado nas escolas públicas.

A história da escolarização em Caxias do Sul deixa vestígios de que as congregações religiosas cumpriram um papel

importante para o ensino, contribuindo para o avanço das escolas, além de atuarem na manutenção da fé e da crença praticada pela comunidade, influenciando práticas cotidianas e escolares.

Outro momento relevante para o ensino em Caxias do Sul está relacionado à instalação de escolas para a formação de professores, para uma atuação em consonância com as políticas de ensino estaduais e municipais. Uma dessas instituições foi a Escola Complementar, a primeira para formação de docentes para o Ensino Primário, instalada no ano de 1930, na região central da cidade, a partir do apoio do Governo Estadual (impulsionado pela regulamentação do Governo de Borges de Medeiros, de 1927, para a criação de escolas desse modelo no interior do estado), com o intuito de trazer bons resultados para a instrução regional, especialmente no âmbito da alfabetização da população. Além da formação de novos professores, ela contribuiu para a qualificação dos docentes que já atuavam no município e representou a modernidade e o progresso típicos de uma cidade em ascensão, com um ensino que apresentava as orientações escolanovistas (Luchese; Bergozza, 2010).

O estudo do contexto histórico das escolas caxienses mostra uma articulação aos movimentos de caráter nacional – políticos, econômicos e sociais –, com influência para as transformações das instituições escolares, para as mudanças na sociedade da época a partir da interferência de políticas, como as nacionalistas, sobre a constituição de um modelo escolar de ensino prescritivo e para a configuração de um perfil de cidadão brasileiro.

Na Constituição Brasileira de 1934 foram estabelecidas leis sobre a educação, o trabalho, a saúde e a cultura que ampliaram os direitos de cidadania dos brasileiros. A Lei Orgânica Municipal de Caxias do Sul, de março de 1936, trouxe para o Poder Público várias questões e a fixação de políticas públicas. No artigo 71 da lei municipal, Caxias assume o compromisso de estimular "o desenvolvimento das *ciências*, das artes,

das letras e da cultura em geral". Nesse período, a educação formal conquistou maior atenção por parte do Poder Público, que definiu a manutenção e o desenvolvimento do ensino. Para tanto, destinou um percentual mínimo de 10% da renda proveniente de impostos municipais para a área da educação. Além disso, houve o estabelecimento de regras para o ensino nas escolas públicas e particulares, como a definição de que o ensino deveria ser ministrado no "idioma pátrio", proibindo-se o ensino em língua estrangeira, um influxo de ideias do Estado Novo sobre o ensino caxiense (Caxias do Sul, 1936a).

Como já foi mencionado, além de uma presença das ideias de renovação do período da Escola Nova, há registros que marcam uma influência do movimento nacionalista brasileiro sobre o ensino na localidade, como os destacados no estudo de Benedete Netto (2014), com mudança na denominação de algumas das disciplinas e maior ênfase nos "estudos morais e cívicos", na "história" e na disciplina de "música". Pelo Decreto de 24 de abril de 1936, no Programa de Ensino para as Escolas Rurais havia definições sobre as disciplinas de Linguagem, Aritmética, Geometria, Lições de Causas, Higiene, Geografia, Instruções Cívicas, Instrução Moral, História, Religião e Canto; já em novo decreto no ano de 1943, o programa dividiu-se em Matemática, Linguagem, Estudos Sociais, Estudos Naturais, Moral e Civismo, Desenho e Artes Aplicadas e Música.

A década de 1930 foi de transformações da escola para dar conta de atender a critérios de formação do cidadão brasileiro, um período que também se constituiu em instrumento para silenciar os imigrantes que vieram para a nossa região, com políticas educacionais estabelecidas em caráter estadual voltadas a impedir o diálogo dos italianos e alemães com a sua terra de origem – entre as ações, a proibição do uso da língua materna desses sujeitos nos processos escolares (Thoen, 2011). Uma vez que havia o entendimento de que o nacionalismo precisava criar certa unidade simbólica, dedicou-se a constituir um sistema único, com contribuição na constituição de uma cultura uniforme (Kreutz, 2010).

Entre as ações nacionalistas sobre a educação em Caxias do Sul consta o fechamento do Colégio Ítalo-Brasileiro Príncipe de Piemonte, em 1938. Nesse período também houve um aumento das inspeções nas escolas para que professores e alunos cumprissem com as orientações determinadas pelo programa de ensino, como, por exemplo, o ensino cívico e o uso exclusivo da língua portuguesa. Ainda era responsabilidade do professor reportar, por meio de relatórios, as atividades desenvolvidas na escola e na comunidade. A influência em outras esferas sociais incidiu, inclusive, sobre a mudança na nomenclatura de escolas, ruas, praças e algumas localidades para nomes de pessoas ou monumentos históricos brasileiros (Luchese, 2014).

As ações de apoio ao Governo Vargas e sua política nacionalista repercutiram na cidade. É preciso reconhecer que o período foi positivo para o crescimento de Caxias, com avanço urbano e da indústria; mas, por outro lado, a parcela da população constituída pelos imigrantes precisou se adaptar a um modelo que priorizava as iniciativas para o fortalecimento de uma identidade brasileira, especialmente as representadas pelas manifestações de “amor” pela nova pátria.

Paz (2013) afirma que, na década de 1930, novas propostas pedagógicas surgiram impulsionadas por políticas educacionais que visavam constituir o ensino em outros patamares que não o até então praticado, que reforçava o aprendizado da leitura, da escrita e do fazer contas. No Rio Grande do Sul, a escola passou a desenvolver práticas que visavam instruir sobre higiene e educação moral e cívica. Na área urbana, as escolas apresentavam um caráter utilitário de formação de trabalhadores para a indústria e o desenvolvimento do país (Benedete Netto, 2014).

O ensino profissionalizante, de preparação para o trabalho, foi um aspecto que permeou o campo da educação durante o Estado Novo e no período nacionalista. Nessa região, entre as instituições que desenvolveram um trabalho nesse sentido, destaca-se o Colégio Nossa Senhora do Carmo, anexo à

Escola La Salle, já no ano de 1936, quando atendia nos cursos Primário, Ginásial e Supletivo. Anos depois, também passou a oferecer os cursos de Secretariado e Auxiliar de Escritório (Werle; Brito, 2006).

As profundas alterações educacionais em nível municipal repercutiram, de modo particular, com mudanças na formação de professores, no emprego de novos programas de ensino e na influência de novas propostas pedagógicas e ideológicas, como evidenciado com o aumento de instituições destinadas à formação das jovens – a exemplo disso, o Colégio São José, que formou mestres de 1934 até 1940, reabriu em 1947 com o nome de Curso de Formação de Professores Primários (Curso Normal). As Irmãs de São José atendiam exclusivamente ao público feminino, para uma educação do tipo particular (Roso, 2012).

No que se relaciona à gestão administrativa municipal de ensino, segundo Benedete Netto (2014), no início década de 1930 o sistema de ensino contava com uma Escola Normal e diferentes escolas públicas e particulares. Entre os anos de 1935 e 1936, o Conselho Estadual de Educação, a Secretaria de Educação e as Coordenadorias Regionais planejavam juntas os rumos da educação em todo o estado. Na década seguinte, a Secretaria Municipal assume as responsabilidades sobre as escolas isoladas e os grupos escolares do meio rural e de alguns distritos anexos.

Esse foi um período de crescimento das escolas urbanas, mas também de ampliação da rede pública nas áreas rurais. Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998) justificam esse movimento na área rural pelo representativo número de pessoas que ainda viviam nessas localidades – o total de habitantes era maior do que na área urbana. E, para atender as demandas dessas comunidades, as escolas abertas destinavam-se ao Ensino Primário, ministrado normalmente por um único professor, para turmas mistas, predominantemente femininas. Essa expansão da escola pública foi incentivada, de modo particular, pelo projeto de construção de uma nação brasileira.

Nesse sentido, as escolas étnico-comunitárias que atendiam nas localidades rurais diminuíram até cederem espaço para o ensino público municipal, apoiado pelo Estado e pela Igreja (Luchese, 2014).

O avanço da rede pública de ensino também aconteceu entre as décadas de 1950 e 1960, mas de forma mais significativa na área urbana, possivelmente pela instalação de novas indústrias, pelo crescimento do comércio e pelo aumento do número de habitantes na área urbana. Pelos estudos consultados, esse crescimento beneficiou principalmente as mulheres, uma vez que o magistério ainda era uma das poucas profissões que as jovens da época podiam exercer. Nesse contexto, a escola complementar, depois nomeada de Instituto Cristóvão de Mendonza, teve um destaque nessa formação, com 32 docentes formados e lecionando nos anos 1950. Construiu uma trajetória representativa para a educação das jovens caxienses, especialmente as menos abastadas.

Refletir sobre os aspectos de contexto da escolarização do município possibilitou compreensões sobre as relações que foram estabelecidas, a articulação entre os movimentos históricos e a expansão da escola, além de possíveis influências de diferentes áreas da sociedade sobre o campo da educação. Dando seguimento a esse trabalho, a próxima seção trará os aspectos de contexto do ensino que foi ministrado nas localidades rurais de Caxias do Sul, espaço por onde o periódico *Despertar* circulou.

2.3 O ENSINO NO MEIO RURAL

A leitura do *Despertar* trouxe evidências da aproximação da escola com a comunidade e instigou diferentes indagações sobre as práticas desenvolvidas na escola e no cotidiano de vida dos sujeitos que viviam no espaço rural caxiense. Para auxiliar na compreensão dessas evidências, realizou-se um aprofundamento sobre o contexto que permeou esse cenário.

Esse panorama foi iniciado com o estabelecimento dos imigrantes nessa região. Estudos apontam que os imigrantes alemães, italianos, poloneses e japoneses que se situaram nas áreas rurais constituíram núcleos étnico-culturais e formaram escolas elementares comunitárias, com influência religiosa. No Brasil, as escolas étnicas alemãs tiveram maior representatividade, se comparadas com as italianas, por exemplo, apresentando um número de 1.579 instituições na década de 1937. Entre os anos de 1938 e 1939, a nacionalização compulsória do ensino estabelecido nas escolas étnicas resultou do fechamento ou da transformação dessas instituições em escolas públicas, ações fundamentadas em decretos federais (Kreutz, 2000).

O ensino na área rural contou com a participação dos imigrantes e/ou descendentes de italianos, especialmente nas primeiras décadas do século XX, em que as escolas foram construídas com apoio das comunidades italianas da região (Rech; Kreutz; Luchese, 2012) – escolas essas que foram fechadas ou passaram a ser geridas pelo Município, subvencionadas pelo Estado. Nesse sentido, o número de escolas, alunos e professores teve um aumento progressivo: em 1910 eram 16 escolas, 16 professores e cerca de 600 alunos na rede municipal; de 1910 a 1929, houve um investimento de recursos financeiros para a manutenção de escolas, pagamento de professores e expansão do número de escolas municipais (Dalla Vecchia; Herédia; Ramos, 1998).

No que se refere ao corpo docente dessas escolas rurais, a seleção dos professores, no início, era feita pela indicação das famílias de imigrantes, e normalmente as jovens que possuíam mais conhecimentos eram eleitas para o cargo. Algumas assumiam a função como um meio de “fugir” do trabalho agrícola e com a expectativa de iniciarem uma nova profissão. Esse processo era provocado pela ausência de formação entre as candidatas e pela pequena exigência para o início na carreira docente: elas eram submetidas ao ditado de um pequeno texto, à realização de cálculos e a alguns

questionamentos orais sobre fatos da história e da geografia do Brasil – conhecimentos tidos como necessários aos alunos das escolas isoladas rurais –, além da condição de que falassem o português (Luchese; Grazziotin, 2015).

Para uma formação específica de professores para a área rural havia a oferta do curso na Escola Normal Rural, dos padres Josefinos de Murialdo, a partir de 1943. A Escola Normal Rural ensinava a ler e escrever e desenvolvia um trabalho voltado à formação do cidadão para o ambiente rural, por isso os alunos recebiam conhecimentos relacionados ao meio. O professor não deveria estimular “modas” da área urbana, mas buscar a alfabetização das crianças, orientando-as para uma formação higiênica, de amor e de capacidade para as atividades rurais. A escola estava entre as três instituições em todo o Rio Grande do Sul no modelo de formação de professores rurais (Werle; Brito, 2006).

O desenvolvimento do ensino nas áreas rurais buscava respeitar as peculiaridades desses espaços, por isso a importância de que os docentes identificassem os aspectos que circundavam o âmbito escolar. Mesmo sem uma formação específica, muitos eram conduzidos às escolas nas áreas rurais pela experiência familiar nesses espaços. Por essa perspectiva, suponho que esse fator fosse um ponto favorável para a construção de representações da comunidade rural sobre a figura do professor e, conseqüentemente, para a aceitação do trabalho desenvolvido, de orientações para as práticas tanto escolares como necessárias para o cotidiano daquelas comunidades.

De acordo com Almeida (2007), em 1937, o Estado do Rio Grande do Sul elaborou um plano para o desenvolvimento da Educação Rural, e entre as iniciativas públicas estava a criação da Superintendência do Ensino Rural, que aconteceu em 1947 e tinha como atribuições: organizar e dirigir o ensino às populações da área rural no 1º Grau e no Ensino Normal. Outro momento importante destacado pela pesquisadora foi a criação do Plano de Educação Rural, em 1954. Ainda segundo

Almeida (2007), a escola rural deveria ensinar conhecimentos básicos, dar condições mínimas para as pessoas da área rural sobreviverem nas cidades, no caso de migração, e desenvolver saberes que estivessem alinhados às necessidades de vida dessas pessoas.

Apesar da criação de órgãos e políticas que tinham a função de fomentar o ensino rural na década de 1940, havia uma representativa demanda de escolas para comunidades mais afastadas da área urbana. As escolas nas comunidades isoladas tinham uma realidade desafiadora, porque eram organizadas no formato de classe multisseriada, em que os estudantes de níveis e séries diferentes eram alocados em um mesmo espaço – geralmente do 1º ao 6º anos. Esse recurso era utilizado em escolas com número baixo de matrículas e nas áreas rurais, buscando-se um equilíbrio entre a falta de condição para a instalação de novas escolas e a necessidade de educação. Houve períodos em que as escolas rurais de Caxias do Sul passaram pela fase de isolamento geográfico e pedagógico. Porém, desde 1940, a Prefeitura Municipal promoveu ações de acompanhamento e qualificação do quadro docente, a nucleação de escolas, e realizou investimentos em transporte e infraestrutura, o que diminuiu a condição de isolamento escolar (Benedete Netto, 2014).

O ensino rural tinha aspectos diferenciados do ministrado na área urbana, especificamente no que se refere às exigências aos alunos e à frequência em aula (Werle, 2005), possivelmente por haver o entendimento dos órgãos públicos de ensino sobre as significativas distâncias percorridas pelas crianças até a escola em grande parte das vezes e porque muitas crianças contribuíam com o trabalho realizado na lavoura. Esse aspecto foi evidenciado no *Jornal Despertar*:

[...] Muitas são as causas que dificultam ou impedem a boa frequência. Vejamos quais as mais comuns [...] b – Distância da escola: o afastamento muito grande da escola da residência dos alunos é outro fator que dificulta a frequência regular. c – Trabalho da Criança: Na zona rural o emprego das crianças na lavoura é muito natural. Com isso, a frequência escolar é pre-

judicada, principalmente por ocasião das colheitas (Despertar, 1947b, p. 3).

Dado que é corroborado pelo depoimento da professora Ester Troian Benvenuti (1983, p. 9), responsável pela Diretoria da Instrução Públicas Municipal:

Nos primeiros anos realmente acontecia, na época da colheita do trigo, os que podiam, e na colheita da uva. Os que podiam, que tinham capacidade de ajudar, realmente diminuiam a frequência. Iam só os pequenos. Mas este foi um trabalho assim, que aliás, a gente recebeu a devida orientação, porque depois que a gente assumiu esse cargo de orientadora do ensino, periodicamente a gente tinha reunião com os centros de pesquisas. Então elas davam as recomendações de esclarecer os pais, né? Quer dizer que os últimos anos eu visitava as nossas escolas, em período da colheita de trigo [...].

Apesar das dificuldades encontradas para o acesso à escola e do apoio das crianças ao trabalho rural realizado junto às suas famílias, a professora Ester Troian Benvenuti (1983, p. 2) defendia que havia o interesse dos agricultores na educação das crianças: "eu sempre notei muito interesse, muito interesse naquela época [...] eu sempre notei da parte dos agricultores um grande interesse".

Conforme Benedete Netto (2014), na década de 1940 a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul inaugurou uma série de escolas isoladas em distritos como: Fazenda Souza, Santa Lúcia do Piaí, Vila Oliva, Criúva e Vila Seca. Essas ações visavam transmitir aos moradores a ideia de que a gestão pública valorizava as comunidades rurais, o que é reforçado pela narrativa de Ester, em suas considerações de que o município de Caxias dirigia atenção para o ensino nas áreas rurais, uma vez que escolas eram abertas para atender um pequeno número de alunos, ação que não acontecia em outros municípios do estado: "Caxias do Sul sempre foi um dos municípios do estado, que sempre se conservou em primeira linha em matéria de educação municipal, de ensino rural" (Benvenuti, 1983, p. 10).

Como foi evidenciado nos estudos apresentados anteriormente, o ensino nas áreas rurais diferia do que acontecia

nas áreas urbanas, especialmente no que se referia aos conhecimentos destinados às práticas na agricultura e na pecuária. Isso, porque o conteúdo ministrado na área rural considerava as peculiaridades e a realidade social do espaço, além de focar em práticas partilhadas naquelas comunidades.

A educação integral dos escolares rurais, na década de 1950, buscava a promoção da educação física, intelectual, moral, social, artística e econômica das crianças. Outras “instituições” estabelecidas nas escolas rurais colaboravam para essa educação integral, como, por exemplo, os Clubes Agrícolas, que trabalhavam os conhecimentos relativos à agricultura, fortalecendo uma mentalidade agrícola e o interesse das novas gerações para essas questões (Weschenfelder, 2003).

Werle (2004) desenvolveu uma tabela que apresenta a evolução das escolas rurais, no final do século XIX, na qual fica evidente que o número de escolas rurais na região de Caxias (4ª CRE) era muito maior – 129 escolas nas áreas rurais contra 14 instituições de ensino nos centros urbanos. Essa situação se manteve até a primeira década do século XX. Contudo, a historiadora considera que houve uma desatenção para com a área rural no atendimento escolar e no âmbito das políticas públicas no Rio Grande do Sul.

As diferenças entre a escola urbana e a rural foram apontadas em estudos que consideravam, por exemplo, questões relacionadas à formação dos professores ou à ausência de formação para a investidura no cargo, dada a necessidade de docentes para as localidades do interior. Como já mencionado anteriormente entre esses pesquisadores, Rech, Kreutz e Luchese (2012) trazem esse aspecto que emergiu das memórias de uma professora da rede pública de ensino caxiense. A narrativa revela que as docentes iniciavam a carreira muito jovens, próximo dos 13 anos de idade, que o processo de seleção para o cargo tinha poucas exigências e que, sem qualquer experiência, acabavam tendo como referência as suas próprias mestras. De suas memórias, ainda emerge a

evidência de que o Poder Público municipal implementou, por volta do ano de 1928, exames para a manutenção do cargo de professora, uma forma de averiguar o nível técnico do quadro de docentes.

A premência da instauração de procedimentos que tratassem da qualificação das profissionais da rede pública municipal é observada na edição de julho de 1949 do *Despertar*. A divulgação apresenta a iniciativa da Administração Municipal com a realização de cursos de suficiência e para o ingresso de novas docentes à rede: "Realizar-se-á nos dias 15 e 16 do mês em curso, o exame de suficiência do magistério Municipal. Avisamos as interessadas que devem inscrever-se até o dia 10 do mesmo, impreterivelmente, juntando prova de possuírem 18 anos" (*Despertar*, 1949b, p. 10). A notícia dá indicação de que, com o passar dos anos, a Administração Municipal buscou adequar o conhecimento e qualificar o corpo docente, criando um processo de avaliação. Acredita-se que, em virtude da subvenção do ensino pelo RS, algumas exigências eram definidas pelo órgão estadual.

A partir dos anos 1930, houve um incremento do processo escolar motivado pelas políticas públicas estaduais (Rech; Kreutz; Luchese, 2012). Essa constatação corrobora para o pensamento de que esses incentivos públicos foram essenciais para o desenvolvimento de ações para a formação dos professores locais, encontrando-se outras formas, que não a formação escolar dos professores, pois em 1930 Caxias ainda não contava com uma instituição com esse modelo de ensino. Essa necessidade possivelmente motivou a instalação da Escola Complementar de Caxias do Sul, na década de 1930. Conforme Roso (2012), no início da década de 1950, havia 32 professores cursando a Escola Complementar, denominada posteriormente de Escola Normal Duque de Caxias.

No que se refere aos investimentos públicos em Caxias, pela leitura do *Despertar* identifica-se que parte dos recursos foi destinada a melhorias estruturais dos prédios, contratação de professores e criação de novas unidades escolares. Ainda,

evidencia-se que as escolas rurais eram distribuídas em distritos que se avizinhavam à cidade, alguns desses hoje já emancipados de Caxias.

Quanto à criação de escolas para a formação de docentes rurais, destaca-se novamente a importância da fundação da escola gerida pela Congregação dos Padres Josefinos de Ana Rech, conveniada à Secretaria de Educação, que passou a oferecer o espaço da Escola Normal Rural em 1942. Essa instituição tinha como objetivo a formação de professores primários para as escolas das áreas rurais, e os professores formados pela escola Murialdo integrariam o corpo docente das escolas rurais da região pelo convênio firmado com a Secretaria. Para entrar na Escola Normal Rural Murialdo, os candidatos deviam preencher alguns requisitos, como serem residentes, preferencialmente, de alguma localidade rural e não possuírem deficiências (Werle, 2007).

Semelhante ao desenvolvido em esfera nacional, os currículos para as escolas de formação de professores rurais no RS compreendiam estudos agropecuários e conteúdos que destacavam o ruralismo, o patriotismo e a formação específica para a área rural com uma orientação espiritual (Werle, 2007).

As escolas rurais foram criadas para atender políticas educacionais adequadas às necessidades das populações do interior. Por isso, a proposta era formar professores que estivessem preparados para assumir uma espécie de "liderança" no meio rural. Desse modo, os currículos continham saberes do campo associados a conhecimentos científicos, linguísticos e pedagógicos. Outro ponto refere-se ao interesse dos homens em buscar uma formação para o ensino rural, justamente pela possibilidade de exercerem uma posição de liderança nessas comunidades (Almeida, 2007).

A formação dos docentes para a área rural também foi evidenciada nas páginas do *Despertar*. Em diferentes edições emergem discursos de exaltação ao trabalho agrícola, que indicam uma atuação para o fortalecimento da identidade dos agricultores. Exemplo disso é a notícia publicada sobre

a criação da Diretoria de Fomento e Assistência Rural, uma iniciativa destinada a influenciar a economia do município e prestar assistência aos agricultores para o desenvolvimento da produção (Despertar, 1947a). Também havia a divulgação de coluna fixa com temas sobre agricultura, higiene, conselhos sobre saúde e orientações para comportamentos religiosos. Outra evidência é o texto publicado na coluna "Educação e Ensino" que orienta os professores rurais para o desenvolvimento de conhecimentos necessários e que os qualificassem para a atuação nas áreas rurais:

[...] Para ser de fato eficiente na sua missão, deve o professor rural conhecer os problemas específicos da região em que exerce magistério, abrangendo agricultura, higiene, economia, alimentação, pequenas indústrias domésticas. Ensinar a alimentar-se corretamente, a cultivar uma horta, a criar galinhas e abelhas, a defender-se contra endemias e tantas outras noções indispensáveis à vida exige não só conteúdo pedagógico, mas igual dose de conhecimentos técnicos, tão necessários quanto aquele e de valor equivalente na habilitação profissional do mestre. Isto porque, professor rural qualificado é aquele que tem domínio sobre a natureza, os problemas da saúde e da produção, e tudo, enfim, quanto interesse à região [...] (Despertar, 1951a, p. 2).

A partir da leitura anterior, e de outras que evidenciam o desenvolvimento de temas ligados ao agricultor, é perceptível que os produtores do periódico estavam preocupados em expressar uma ideia de que a Administração Municipal "admirava" as pessoas que viviam nas comunidades rurais, por isso havia o interesse de preservar algumas características identificadoras dessas localidades, inclusive por meio do ensino ofertado pelos professores do ensino público. Considerou-se, também, que o impresso exercia influência sobre o modo de "ensinar" promovido pelos professores nas escolas rurais e, ainda, que as peculiaridades da vida rural foram fomentadoras para uma cultura escolar própria, que se diferenciava daquela encontrada nas instituições das áreas urbanas, reforçando um modo de vida simples, mas considerando a transformação de algumas práticas.

Esse modelo de escola rural não era somente defendido por responsáveis pela educação brasileira: na Espanha, por exemplo, também se pregava o reconhecimento de diferenças entre as crianças que viviam na área rural para as da área urbana, com questões que tangenciavam o trabalho na agricultura realizado por elas, o que cooperou para a concepção de que seriam discentes com um processo de compreensão mais lento. Também porque o sistema educativo se configurou tardiamente na área rural, justamente pelo trabalho realizado pelas crianças, as famílias preocupavam-se em ensinar apenas o necessário para a vida na área rural, fato que justifica a distinção criada entre a Educação Rural e a da cidade; outro fator foi o estigma de que essa região se constituía de pessoas pobres que necessitavam apenas de uma instrução mínima (Varela, 1986).

Com o estudo de Rech, Kreutz e Luchese (2012) é possível refletir sobre a relação trabalho *versus* escola na área rural. A partir das memórias de docente da escola rural, os pesquisadores refletem sobre o desempenho das crianças nas atividades escolares, influenciado pelo trabalho realizado na lavoura. Os autores ressaltam, ainda, o apoio familiar ao trabalho dos professores, especialmente com a cobrança em relação aos ensinamentos obtidos na escola. Em outro depoimento, nesse mesmo estudo, é evidenciado o exercício de trabalhos manuais como, por exemplo, o tricô, o bordado e o crochê entre as atividades dadas em aula para as meninas e trabalhos que envolviam o manuseio com madeira para os meninos. Esses aspectos levantados no estudo corroboram para o entendimento de que havia um investimento para uma formação das crianças que atendessem a um *rol* de conhecimentos julgados necessários a cada um dos gêneros.

A ênfase dada a algumas atividades no ensino rural é evidenciada na leitura do *Despertar*, como nas orientações para a realização de bordados publicadas na coluna "Para você, Criança", além das receitas domésticas na sessão "Utilidades Práticas". Outra atividade também incentivada, por meio das

páginas do periódico, é a de trabalhos manuais, como a construção de móveis com caixotes de madeira.

A partir do Decreto Nacional de Lei nº 868, de 1938, elaborado para combater o analfabetismo e multiplicar a cultura cívica, houve uma mudança no posicionamento dos governos em relação ao ensino rural (Werle, 2005). Nesse período, a gestão pública municipal caxiense passou a fiscalizar o ensino, além de apresentar uma melhor organização da educação, possibilitando a construção de espaços adequados para escolas rurais e suburbanas e o aumento dos vencimentos dos professores. Investimentos como esses foram pontos evidenciados no *Despertar*, com destaque para a publicação de avisos sobre concursos para o cargo de docentes, além de notícias sobre a construção de novos prédios e consequente inauguração de novas escolas: "Prosseguindo no seu plano de trabalhos, elaborado para este exercício, no setor da Instrução Pública, o Governo Municipal, dia 10 de setembro, último, inaugurou na zona Kaizer, distrito de galópolis mais um estabelecimento de ensino primário" (*Despertar*, 1950d).

Ao longo dos anos, as mudanças no ensino na área rural foram delineadas por políticas nacionais que o governo federal adotava como estratégias para a criação de um "organismo de caráter nacional", com o intuito de coordenar o Ensino Primário, que articulava três instâncias do Poder Público para o combate ao analfabetismo e a integral nacionalização do Ensino Primário. Além disso, tratavam das diferenças entre o ensino de áreas urbanas e rurais, da estruturação do currículo primário, do dimensionamento da obrigatoriedade e gratuidade do ensino, da carreira do magistério primário e do ensino religioso (Werle, 2005).

Segundo Souza (2015), o ensino no meio rural foi indispensável para pensar e construir a escola pública no Brasil. A partir da década de 1930, politicamente aconteceu um esforço em prol do ensino público, procurando-se qualificar a organização do Ensino Primário com algumas políticas de ampliação ao acesso de alunos. Nesse período as ideias na-

cionalistas influenciaram o ensino rural com uma abordagem em defesa da pátria, na construção de uma identidade nacional brasileira. Assim, a escola contribuía com esse projeto ao passo em que colaborava para a uniformização de valores e sentimentos nacionalistas e a diminuição dos índices de analfabetismo.

Werle (2005) reflete sobre a progressiva mudança no ensino rural entre os anos de 1920 e 1930. Contrariamente ao urbanismo, surge uma idealização da escola rural e a valorização desse espaço como campo de experiência. Nos anos de 1940, esse projeto é fomentado com a instituição dos Cursos Normais rurais, como os criados no RS: a Arquidiocese de Porto Alegre; a La Salle, em Serro Azul (Cerro Largo); e a Escola São José do Murialdo, em Caxias. Essa última funcionou no período de 1941 a 1972 e, como já foi mencionado, foi voltada para o ensino dos meninos, com um currículo que desenvolvia conhecimentos sobre agricultura, pecuária, adubação, química e conservação do solo.

Segundo Werle (2005), a Escola Normal Rural apresentava um currículo especializado para a formação de professores para o ambiente rural, com o estudo da terra e do trato dos animais domésticos em geral, incluindo a suinocultura, a bovinocultura, entre outras, atendendo às peculiaridades do meio em que se situavam e às suas finalidades específicas, dando maior desenvolvimento aos estudos e às técnicas que interessassem à vida rural. De acordo com Martiniak (2018), a Escola Normal destinava-se aos interessados em seguir a carreira de docente e aos professores que exerciam o magistério; os candidatos precisavam atender a exigências mínimas, como ser cidadão brasileiro maior de 18 anos e saber ler e escrever.

Os conhecimentos desenvolvidos na Escola Normal Rural de Caxias do Sul são semelhantes aos divulgados por meio das colunas do *Despertar*, especialmente os que tratavam sobre o trabalho na agricultura, em formato de orientações sobre cultivo da terra e dos animais, de valorização do trabalho do agricultor, como no excerto que segue:

Quando se fala das classes produtoras que constroem o porvir da pátria na luta incessante e estóica do arado, da enxada e de outras máquinas agrícolas, sente-se uma alegria e uma vontade um tanto fora de comum, para se, com toda a força dos pulmões, entoar um hino de louvor e de reconhecimento àqueles homens valorosos que de sol a estrela, na modéstia e humildade de suas pessoas e gestos, procuram aumentar a riqueza do patrimônio nacional. A introdução deste comentário diz, sem vaidade e sem rodeios, do pensamento sincero da administração caxiense para com os nossos agricultores. Que intenção poderia alimentar o executivo municipal senão o de apoiar no máximo possível a colônia? Desde a sua posse, com férrea ambição e interesse, o chefe do governo caxiense voltou o melhor dos seus esforços, a mais decidida de sua colaboração aos homens e às mulheres da lavoura, para, usando dos meios disponíveis e da receita prevista, ajuda-los em seus afazeres e em suas necessidades (Despertar, 1948a, p. 11-12).

O periódico *Despertar* possibilitou reflexões sobre a evolução das escolas rurais nessa localidade, como as que indicam algumas estratégias da Administração Pública para diminuir a distância com a comunidade rural – distância geográfica e social. Também tinha uma série de publicações destinadas ao professor rural, para a sua qualificação, e de matérias que fortaleceram os conhecimentos relacionados à área rural e orientavam sobre comportamentos que transcendem o espaço escolar.

O *Despertar* não foi o único periódico pedagógico no estado que tratava sobre questões do meio rural. A *Revista do Ensino do Rio Grande do Sul* possuía uma seção intitulada "Educação Rural", com temas que abordavam uma educação específica, sobre docência, com sugestões de atividades pedagógicas e temas que tratavam da vida no campo e do trabalho – modos de plantar, de produzir e de consumir –, assuntos que construíam "verdades" sobre um modo de ser rural e em torno do "ser docente" da área rural (Weschenfelder, 2003).

A análise do contexto histórico de Caxias do Sul e da escolarização nas áreas rurais foi importante para a interpretação dos vestígios que emergiram dos documentos, os quais colaboram para um olhar diferente sobre a história do ensino rural nessa cidade. Também é relevante a compreensão sobre

o contexto histórico da imprensa e dos impressos de educação, que serão apresentados na sequência.

2.4 ASPECTOS HISTÓRICOS DA IMPRENSA NO BRASIL

Os meios de imprensa escrita podem ser usados como fontes de pesquisa e objetos de estudo. Esses documentos não somente guardam a "narrativa" de seus editores sobre a suas perspectivas de momentos da história como também possibilitam vestígios que corroboram para a interpretação da história pelos pesquisadores. Por isso, pretendo, nesta seção, abordar o contexto histórico da imprensa no Brasil e, mais especificamente, em Caxias do Sul.

Ainda no que diz respeito às contribuições dos documentos produzidos pela imprensa para a pesquisa, Catani e Bastos (1997) ponderam que é um *corpus* documental de ampla dimensão que se transformou no testemunho vivo de uma época, possibilitando o conhecimento da ideologia moral, política e social de determinados grupos sociais.

Ao promover o encontro com aspectos da história da imprensa no Brasil, constatou-se que ela surgiu no ano de 1808, com a vinda de D. João VI e o lançamento da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Outro importante jornal que circulou nesses primórdios, fazendo oposição à *Gazeta*, foi o *Correio Braziliense*, editado por José Hipólito da Costa⁷, que teve impressão na Inglaterra para driblar a censura no Brasil, já que continha conteúdo crítico à Corte. A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi um periódico publicado pela Impressão Régia, recém-instalada no território brasileiro, que não apenas divulgava papéis oficiais, mas desenvolvia uma ampla e complexa atividade tipográfica, tornando-se a primeira editora a funcionar em território brasileiro. A *Gazeta* foi escrita inicialmente pelo frei Tibúrcio José

⁷ Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça foi um jornalista, nascido na Colônia de Sacramento (Uruguai), em 1774, e falecido em Londres, na Inglaterra, em 1823. É patrono da cadeira nº 17 na Academia Brasileira de Letras, da imprensa e dos estudiosos da realidade brasileira. Tem-se dito fundador do primeiro jornal brasileiro (ABL, 2018).

da Rocha⁸, e seguia o padrão das gazetas europeias de Antigo Regime que circulavam na esfera do Estado Absolutista, campo de disputas simbólicas e não de referências monolíticas (Morel, 2008).

Esse princípio mostra duas realidades distintas: a dos jornais que circulavam com a concordância da Coroa e a da imprensa de oposição aos ideais da monarquia, constituída de forma clandestina. Esse confronto de ideias contribuiu para o avanço da imprensa no país.

Um momento da história que impactou a produção de jornais foi o da Independência do Brasil. As ideias antagônicas que circularam esse período ficaram registradas nas publicações, além de os jornais serem utilizados como espaços de reivindicações da sociedade. Em meio às discussões sobre a independência, surgiu um importante tipo de periódico denominado de *Pasquim* – um jornal de formato pequeno, normalmente composto de 4 páginas e escrito por no máximo 2 pessoas, que era portador dos anseios populares e desempenhou um importante papel na história da imprensa (Pasquini; Guedes; Chaguri, 2013). Os movimentos em torno da independência e, depois, dos ideais republicanos repercutiram para o desenvolvimento da imprensa. Os jornais serviam como meios de disseminar ideais e impulsionar transformações na sociedade.

De acordo com Morel (2008), alguns jornais seguiram caminhos distintos daqueles que defendiam o debate político, como, por exemplo, *O Jornal do Commercio*, criado no Rio de Janeiro, em 1827, e o *Diário de Pernambuco*, de Recife, do ano de 1825 (ainda hoje o mais antigo da América Latina em circulação). Outros impressos de linha mercantil e noticiosa tiveram circulação pioneira, como o *Jornal de Anúncios*, de 1821.

Entre os anos de 1820 e 1830 houve uma ampliação do número de leitores e, conseqüentemente, da tiragem dos

⁸ Frei Tibúrcio nasceu no Porto, em 1778, e seus antepassados ocuparam funções importantes na estrutura da Inquisição. Foi educado na religião católica e na adolescência ingressou na Terceira Ordem de São Francisco no Colégio do Espírito Santo, em Évora (Diniz, 2009).

impressos, com o aumento da atividade de imprensa nas províncias a partir da circulação de alguns jornais, como: *Aurora Pernambuca* (1821), *Conciliador* (Maranhão) (1821), *O Paraense* (1822), *Compilador Mineiro* (1823), *Diário do Governo do Ceará* (1824), *Farol Paulistano* (1827) e *Diário de Porto Alegre* (1827) (Martins; De Luca, 2011).

A evolução da mídia impressa é um reflexo da evolução da sociedade, tendo como exemplo a participação da mulher na produção dos impressos. Segundo Martins e De Luca (2011), até a primeira metade do século XIX a mulher participava consumindo jornais ou produzindo ensaios sobre moda. Entre as referências desse trabalho, destacam-se os jornais *O Espelho Diamantino*, de 1827; *O Correio das Modas*, de 1839; e o *Jornal das Senhoras*, do Rio de Janeiro, editado por Joana Paula Manso de Noronha⁹.

O advento da República ampliou a imprensa escrita e possibilitou a diversidade de jornais, os quais, além de revelarem uma abordagem política, também apresentavam uma variedade de temas. De 1889 a 1930 as produções mantinham colunas políticas e traziam assuntos que envolviam aspectos da urbanidade, do progresso e de diferentes práticas culturais. Nesse período houve o surgimento de jornais de grande porte, entre eles: *O País* e *Jornal do Brasil*, ambos de 1891; o *Estado de S. Paulo*, de 1875; e publicações como a revista *La Colonia*, de São Paulo (SP), no ano de 1920, relacionada a produções para imigrantes (Martins; De Luca, 2011).

A imprensa brasileira apresenta vestígios de diferentes movimentos políticos. Nas páginas dos jornais foram impressas versões da história do país sobre a ótica de seus produtores, que não usavam isenção na produção dos artigos publicados no meio. Por isso, em alguns trechos da história a imprensa foi submetida a intervenções coercitivas do governo, que buscava o controle sobre o conteúdo publicado, como o promovido durante o Estado Novo, de censura de conteúdos

⁹ Joana Paula Manso de Noronha foi uma argentina, editora de um dos primeiros jornais com propósito feminino, que abrigava a mulher como escritora (Martins; De Luca, 2011).

e encerramento da atividade de alguns jornais. Martins e De Luca (2011) explicam que durante esse período os periódicos precisavam manter registros junto ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e muitos deles, cerca de 30%, não conseguiram obter autorização para circular. O DIP foi criado por Getúlio Vargas para o controle e o uso da censura na imprensa, além da produção de programas pró-Estado Novo, atuando em três frentes: o jornalismo, o rádio e o cinema (Capelato, 1998).

Outro fator coercitivo foi a isenção de taxas alfandegárias na importação do papel, pois os jornais necessitavam de apoio do governo para a importação do material. A imprensa foi parte ativa no desgaste que acabou levando à deposição de Getúlio Vargas, em 1945 (Martins; De Luca, 2011).

Os movimentos políticos foram um importante combustível para o crescimento da imprensa; do mesmo modo, a imprensa desempenhou papel significativo nas mudanças ocorridas ao longo da história do país.

A imprensa gaúcha mostra uma história semelhante à história da imprensa que foi se disseminando em outras regiões do Brasil, com uma premissa focada na política. Os jornais assumiam posicionamentos alinhados ao cenário dos movimentos revolucionários, havendo uma nitida separação entre os favoráveis e os contrários aos movimentos e aos partidos políticos. Segundo Strelow (2016), a produção dos jornais gaúchos foi tardia, em virtude do permanente estado de guerra, da posição de isolamento do estado, da falta de escolas e da baixa escolarização da população, surgida no ano de 1827, em Porto Alegre, em um período de estagnação e subordinação política do Rio Grande do Sul ao centro de poder situado no Rio de Janeiro. Nesse contexto de reações ao governo de D. Pedro I surgiu o primeiro jornal sul-rio-grandense, o *Diário de Porto Alegre*, um jornal oficial que atendia as expectativas do governo.

Algumas produções na Região Sul do país ainda tiveram a contribuição de imigrantes que aqui se estabeleceram. De

acordo com Martins e De Luca (2011), desde a chegada dos primeiros imigrantes, em São Leopoldo, as profissões de impressor e de fabricante de papel foram evidenciadas na história do estado. A partir do ano de 1830 houve a circulação de publicações em língua alemã – entre os periódicos destacados, há *O Colono Alemão*, do ano de 1836, e o *Deutsche Zeitung*, que circulou no período de 1861 a 1917, em Porto Alegre.

Em relação à proliferação da imprensa escrita, 8 anos após o nascimento do *Diário de Porto Alegre*, outros 32 jornais surgiram, com tiragem de cerca de 400 exemplares cada e circulação a cada 2 ou 3 dias. Cidades como Rio Grande e Pelotas foram pioneiras, no estado do Rio Grande do Sul, na circulação de periódicos (Dornelles, 2004).

Politicamente, os jornais serviram como espaços para a incubação das ideias que levaram, por exemplo, ao movimento da Revolução Farroupilha (Rüdiger, 1993), com produções dedicadas aos acontecimentos desta. Destaca-se, entre esses jornais, *O Povo*, com atuação entre 1838 e 1840 (Bisol; Porto; Lisboa Filho, 2015). Para Hohlfeldt (2006), o término da Revolução Farroupilha possibilitou que a imprensa se organizasse de forma partidária ou panfletária civil, um formato que se estendeu até próximo aos anos 1900, quando alguns proprietários de tipografias se alinhavam aos movimentos dos partidos políticos, posicionamento incentivado pela sobrevivência dos negócios. Essa fase partidária se estendeu até o surgimento do *Correio do Povo*, em 1895.

Entre as evoluções dos jornais, no que se refere ao conteúdo, destacam-se as produções literárias e de notícias, um jornalismo que buscava uma desvinculação partidária, com uma especialização na difusão de assuntos da atualidade e de notícias (Rüdiger, 1993). O ápice do jornalismo literário-noticioso aconteceu entre os anos de 1890 e 1920, com um aumento da venda avulsa e da distribuição para o interior, por meio da rede ferroviária. Outro elemento representativo foi a

mudança na formatação e a substituição das ilustrações por fotografias, a partir de 1910 (Dornelles, 2004).

No início do século XX, a imprensa gaúcha passa a apresentar outra formatação, impulsionada pela industrialização do processo de impressão. No ano de 1912, deu-se início à imprensa industrial com a clicheria, que perdurou até a década de 1960, quando surgiu o processo *off set* de impressão, inicialmente com o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. Principiam, também, as revistas para a família com diversificadas publicações destinadas às mulheres, aos jovens, às crianças, entre outras, e uma imprensa empresarial, iniciada no Estado Novo, com representativo avanço na década de 1970, com a indústria cultural, tempo em que as empresas jornalísticas buscavam a sua modernização e uma aproximação com o leitor (Hohlfeldt, 2006).

Ao analisar a história da imprensa, surgem elementos significativos para algumas compreensões, como a questão da imparcialidade, o que não era um ponto em comum entre as diferentes publicações, já que um número representativo a utilizava, além de atuar no sentido persuasivo sobre indivíduos que ainda mantinham uma neutralidade em embates políticos. Nesse sentido, o "periódico não está alheio à realidade histórica, uma vez que veicula informações e análises (quase sempre unilaterais), sobre aspectos comerciais, políticos, religiosos, econômicos" (Pasquini; Guedes; Chaguri, 2013, p. 7-8). Por essa perspectiva, as páginas dos periódicos serviam como meios para auxiliar os seus leitores na produção de sentido sobre pensamentos e práticas dos diferentes grupos sociais.

Os estudos que lançaram um olhar sobre as produções em Caxias do Sul evidenciam movimentos semelhantes aos da imprensa em outras localidades do Rio Grande do Sul, apresentando a influência do contexto em discussões ideológicas e políticas que ganhavam espaço e notoriedade por meio dos periódicos locais.

Segundo Pozenato e Giron (2004), *O Caxiense* foi o primeiro periódico regional, impresso em 1897, em Caxias, sob

a direção de Júlio Campos e de propriedade de Augusto Diana Terra, ambos vinculados ao Partido Republicano. O referido impresso se posicionava como defensor das colônias italianas. Outro jornal, que circulou no ano seguinte, foi o *Il Colono Italiano*, que surgiu como resposta da Igreja Católica à circulação do jornal *O Caxiense*, considerado maçônico pelos colonos. No período de 1901 a 1913 foram criados outros jornais que representavam as lutas entre católicos e maçons e estrangeiros e brasileiros, entre eles *O Cosmopolita*, lançado em 1902, um dos maiores da região, com uma tiragem de 1000 exemplares. Outro jornal surgido em Caxias foi o fundado pelos Capuchinhos, em 1909, por Dom Carmine Fasulo, que recebeu o nome de *La Libertá*.

Apesar da concentração de periódicos voltados a assuntos políticos, Caxias também viu nascer uma imprensa escrita dedicada a outros assuntos, como os jornais de cunho humorístico, entre eles *O Tagarela*, que circulou entre 1907 e 1908 (Pozenato; Giron, 2004).

A parcela considerável de imigrantes italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul foi um fator decisivo para a constituição social, cultural e econômica do município ao longo de sua história, e não foi diferente com a imprensa local. As características dessa colonização também podem ser evidenciadas em diferentes produções dos meios de imprensa dessa cidade, que serviram como instrumentos para consolidar a cultura dos estrangeiros, difundindo os ideais e a cultura dos imigrantes que aqui se instalaram. Entre os periódicos com esse propósito houve o *L'Agricoltore*, escrito em língua italiana no ano de 1914. Essas iniciativas não prosperaram, pois foram impedidas de circular pelas políticas de censura do período nacionalista (Pozenato; Giron, 2004).

Entre 1930 e 1945, o número de impressos que circulava na cidade de Caxias do Sul aumentou, em particular quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, um período de apoio do governo aos jornais com conteúdos pró-nacionalistas. Posteriormente, com a instalação do processo democrático

brasileiro, houve uma disseminação de periódicos que cumpriam outro papel:

A imprensa que servia tanto à velha República (1889-1930) como, posteriormente, ao Estado Novo (1937-1945), já não servia a democracia recém-instalada. Aos poucos os velhos jornais foram fechados e criaram-se novos periódicos. Nesse período circularam em Caxias do Sul e região vinte e sete periódicos, na sua quase totalidade em língua portuguesa (Pozenato; Giron, 2004).

Mais um fato que impulsionou o surgimento de novos periódicos foi a ampliação da abrangência administrativa de Caxias do Sul entre os anos de 1914 e 1930, quando 32 jornais circulavam na região; só em Caxias do Sul, existiam 18 jornais distribuídos em distintas linhas editoriais, como: políticos partidários, humorísticos, crítico-literários e outros sem uma linha específica (Pozenato; Giron, 2004). Esse número é indicador de um perfil de leitor bem politizado e do potencial de investimento em empreendimentos no segmento de produção de jornais.

A análise sobre os aspectos que marcaram o contexto histórico da imprensa no Brasil e no sul do país é base para que estabeleça uma conexão entre a produção dos impressos e os interesses mobilizados pelos produtores de tais meios. Nesse sentido, é uma maneira de ampliar o entendimento sobre as peculiaridades e características da organização da imprensa na Região Sul e sobre os diálogos promovidos com outras partes do país, além de apoiar a investigação das representações apresentadas por esses meios e das possíveis influências sobre as suas produções – para este estudo em específico, a publicação do *Despertar*.

2.4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA IMPRENSA EDUCACIONAL NO BRASIL

A produção de periódicos para a área da educação marcou um importante momento da imprensa brasileira, especialmente porque, hoje, esses meios são usados como fontes de pesquisa e ajudam na compreensão das práticas que se relacionam à educação.

Os periódicos possuem evidências sobre o aperfeiçoamento de práticas, revelam reivindicações do magistério e apresentam dados sobre a organização do sistema de ensino, entre outras informações que lhes conferem importância para a compreensão sobre as operações que se processavam na área da educação, uma vez que o

[...] estudo do lugar da imprensa pedagógica no discurso social, as estratégias editoriais ante os fenômenos educacionais e sociais revelam-se, assim, ricos de informações ao pesquisador para o resgate do discurso pedagógico, das práticas educacionais, do cotidiano escolar, do grau de submissão dos professores aos programas e às instruções oficiais, da ideologia oficial e do corpo docente, da força de inovação e continuidade que representa, das contradições do discurso (Bastos, 2007, p. 168).

Esses suportes educativos, ao longo da história da imprensa pedagógica, mostraram-se importantes meios para o fortalecimento de ideais e representações compartilhadas pelos grupos de leitores, sendo produções dedicadas a ajudar os seus leitores a darem significado a determinadas práticas e, em alguns casos, disseminar orientações que visavam mudar comportamentos e condutas. Ainda foram usados para registrar acontecimentos, por isso servem para apresentar evidências históricas que auxiliam no entendimento das transformações da sociedade e, para este estudo em particular, dos vestígios sobre a educação no Brasil.

Catani, Vicentini e Lugli (1997) consideram que os materiais da imprensa periódica educacional têm tido relevância nos estudos do campo da educação. Inclusive, esse fato vem sendo pontuado por Antônio Nóvoa (1993), que, elaborou repertório analítico acerca de revistas de ensino portuguesas, destacando que surgem como meios para a investigação de múltiplos aspectos do funcionamento do campo educacional.

O estudo realizado por Boto (2004) sobre a *Cartilha nacional*, de autoria do português Francisco Júlio Caldas Aulete, destaca o projeto de escola primária norteado pela civilidade, pelo civismo que circulou por meio do impresso e foi destina-

do aos professores, com o intuito formativo e de orientação sobre o cotidiano em aula.

Outro estudo sobre a imprensa pedagógica faz referência à publicação que possivelmente é uma das mais antigas no segmento pedagógica, com o nome de *Ecos do Professorado*, produzido em 1873, em Pindamonhangaba/SP (Catani, 1996). São Paulo foi um cenário representativo para o início de circulação desse tipo de imprensa, ainda no século XIX. Entre as mais significativas produções, consta a *Revista de Ensino*, da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, que circulou entre os anos de 1902 e 1918. Outro meio foi o *Boletim Ação Católica*, produzido em 1935, no Rio de Janeiro, com seções como a de classificação moral de filmes (Catani; Souza, 1992).

Outros pesquisadores analisaram periódicos que tratavam da educação, entre eles Araújo, Gonçalves Neto, Inácio Filho e Gatti Júnior (1998), com trabalho acerca de edições da revista *A Escola*, que circulou entre 1920 e 1921. Essa revista foi produzida na região do Triângulo Mineiro e teve início como tabloide, em 1908; não possuía caráter essencialmente educacional, porém trazia discussões importantes sobre questões relacionadas ao ensino e a uma pedagogia moderna. De acordo com os autores, nas páginas do impresso podiam ser encontradas reflexões sobre temas morais, como as representações sociais da criança e da mulher, a exaltação ao civismo e, entre os mais recorrentes, o analfabetismo; com um discurso positivista, de afirmação de uma postura laica, defendia a pedagogia moderna centrada na criança.

Alguns periódicos de educação também se propunham a reforçar políticas educacionais que corroboravam com as ideias estabelecidas pelo sistema político vigente, como o que aconteceu durante o Estado Novo, no Governo Vargas. Nas primeiras décadas do século XX foram criadas instituições auxiliares de ensino pela reforma de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal, uma delas foi o *Boletim de Educação Pública*, regulamentado pelos Decretos nº 3.281, de 23 de janeiro de

1928, e nº 2.940, de 22 de novembro de 1928. Entre os anos de 1920 e 1930, seguindo o ideal da Escola Nova, de uma escola para a formação integral da criança, com uma atuação sobre as personalidades, os hábitos, a moral e o desenvolvimento das potencialidades, o *Boletim de Educação Pública* serviu como um instrumento com esse propósito. Anos mais tarde, em 1943, a *Revista de Educação Pública* surgiu para substituir o *Boletim* e alicerçou uma corrente para a organização de práticas e direções na vida escolar (Vidal; Camargo, 1992).

Estudos mais regionais apontam a influência do Estado Novo sobre a produção dos periódicos de educação no Rio Grande do Sul, entre eles a *Revista de Ensino*, editada em 1939 para os professores gaúchos, um periódico que articulou a política pedagógica à renovação educacional, cooperando para orientar sobre uma organização escolar, divulgando modelos e práticas e contribuindo para a formação de uma identidade profissional. Em suas páginas havia prescrições de determinadas práticas, valores e normas de conduta que elaboravam representações do social, buscando conquistar o professor para trabalhar por uma educação das novas gerações que cultivava o cívico, a moral, o intelectual e o físico do povo brasileiro. Mediadora das relações entre o Estado e o quadro docente, o discurso homogeneizador da revista silenciava os conflitos pela imposição de uma atitude centralizadora e uniformizadora (Bastos, 2005).

Outro pesquisador que analisa produções de educação é Kreutz (2008), sob a perspectiva de uma produção feita por imigrantes alemães, que retratava um período de disputa entre o Estado e a Igreja pela gestão do processo educacional. Segundo o autor, essa imprensa pedagógica apresenta a relevância da escola no projeto das comunidades de imigração alemã do Rio Grande do Sul. Entre os impressos que circularam nesse modelo, destaca *Lehrerzeitung* (1900-1939), jornal da Associação de Professores Católicos da Imigração Alemã do Rio Grande do Sul, em língua Alemã; e *Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul* (1901-1939), jornal da

Associação de Professores Teuto-Brasileiros Evangélicos do Rio Grande do Sul, sob uma perspectiva Evangélica, sendo que ambos foram extintos pelo processo de nacionalização, pois colocavam em risco os planos do nacionalismo brasileiro.

No que se refere à participação de grupos da sociedade na produção dos periódicos, o estudo de Amaral (2013) desenvolve-se em torno de jornais estudantis/escolares, com profusão entre os anos de 1930 e 1960, de crescente participação social e política dos estudantes. A pesquisadora destaca dois periódicos produzidos na cidade de Pelotas, o *Ecos Gonzagueanos*, dos alunos da escola católica Gonzaga, e o *Estudante*, dos alunos do Ginásio Pelotense (ensino laico). O estudo considerou a atuação dos alunos como refletora das orientações de grupos antagônicos que idealizavam a hegemonia na educação nacional, no período de 1930 a 1960, o que acontecia entre os católicos e os liberais (laicistas).

Fernandes, Xavier e Carvalho (2007) analisaram três periódicos destinados aos professores: o *Boletim de Educação Pública*, que circulou no Distrito Federal, de 1930 a 1935; a *Revista Escolar*, de Lisboa, do período de 1921 a 1935; e a revista *Escola Secundária*, do Ministério da Educação, produzida no Rio de Janeiro, entre os anos de 1951 a 1963. A partir desse estudo, compreendeu-se que as duas primeiras produções se associavam ao movimento de difusão dos ideais e das práticas da educação nova no Brasil e em Portugal – a primeira era considerada uma ferramenta de promoção da reforma educacional empreendida no Distrito Federal, nos anos de 1920 a 1930, e a outra expressava o contexto educacional da década de 1950, com os movimentos dos docentes em um momento de expansão da escola de massas no Brasil.

Outro estudo que traz contribuições é o de Rodrigues e Biccas (2015), que aconteceu em torno da *Revista do Ensino*, direcionada à educação pública de Minas Gerais, um impresso criado em 1892, pelo governo de Afonso Pena, fechado, ressurgido em 1925, no governo de Fernando Mello Viana, e interrompido novamente pela Segunda Guerra Mundial, retor-

nando no ano de 1946. Ele exerceu um papel significativo para a formação dos docentes e a configuração do campo educacional mineiro. Destinado aos professores das escolas isoladas e dos grupos escolares, "foi um instrumento de apresentação, discussão, avaliação e estímulo à utilização das ideias pedagógicas renovadoras" (Rodrigues; Biccás, 2015, p. 156).

O conhecimento sobre os impressos permite entender de que lugar escreviam os produtores dos periódicos e para quem escreviam, possibilitando reflexões em torno das estratégias usadas para a aceitação dos leitores ao que era publicado. Para Bastos (2001, p. 291), estudar os periódicos permite que conheçamos as estratégias editoriais e a forma como interferiam na educação:

O estudo do lugar da imprensa pedagógica no discurso social, as estratégias editoriais face aos fenômenos educacionais e sociais, revela-se assim rico de informações ao pesquisador, para o resgate do discurso pedagógico, das práticas educacionais, do cotidiano escolar, do grau de submissão dos professores aos programas e instruções oficiais, da ideologia oficial e do corpo docente, da força de inovação e de continuidade que representa, das contradições do discurso.

A imprensa pedagógica foi usada, ao longo da história, como uma ferramenta estratégica na disseminação de modelos e orientações norteadoras de práticas. A partir dessa análise, em torno dos estudos realizados sobre diferentes impressos relacionados à área da educação, evidencia-se a influência do contexto histórico sobre os produtores de tais meios, especialmente quando o periódico está vinculado a órgãos do governo. Os espaços dos periódicos serviam para dar significado às práticas desenvolvidas pelos grupos de leitores e estabelecer um elo revigorante para a criação de uma identidade de grupo coesa e compatível ao idealizado pelos seus produtores.

Para Nóvoa (1997, p. 14), a imprensa é um bom meio para compreender e o melhor para apreender a diversidade do campo educativo:

A imprensa revela as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino,

mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e dos jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo. [...] a imprensa é o lugar de uma afirmação em grupo e de uma permanente regulação coletiva, na medida em que "cada criador está sempre a ser julgado, seja pelo público, seja por outras revistas, seja pelos seus próprios companheiros de geração.

Nesse cenário de produções de cunho pedagógico, atuando na disseminação de ideais para uma escola formadora de indivíduos delineados pelo desejo de grupos, com o intuito de buscar vestígios que possam trazer mais esclarecimentos sobre a educação na área rural caxiense, realizarei a análise do periódico *Despertar* no próximo capítulo, uma produção da Diretoria de Instrução Pública de Caxias do Sul feita para professores, alunos e comunidade da área rural.

aquêles conhecimentos que adquiriu
ar para o magistério mas analisá
idéias que surgem, dos p
aptando-os às novas
ial a mestre

3. O *DESPERTAR*: UM PERIÓDICO DA DIRETORIA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA PARA UMA COMUNIDADE RURAL

Neste capítulo evidencio a discussão das categorias que emergiram da análise do periódico *Despertar*, que esteve sob a responsabilidade da Diretoria da Instrução Pública Municipal, órgão responsável pela organização e fiscalização do ensino municipal caxiense. Sua coordenação estava ligada ao prefeito municipal, e abaixo estavam relacionadas as seguintes áreas: administrativa, técnica, física (que se referia à educação física), material e estatística. O cargo de direção era ocupado pela professora Ester Troian Benvenuti¹⁰ (Caxias do Sul, 1950).

Considerando-se que esse impresso serviu para disseminar orientações e representações que conduzissem os grupos de leitores, situados na área rural de Caxias do Sul, para práticas desejadas pelo órgão público de ensino, que estavam de acordo com a legislação e o contexto nacional/estadual do período em que a pesquisa cerca, a análise de suas evidências são indicadores de estratégias do uso do periódico como um aparato prescritivo na constituição de um "homem rural" ajustado às exigências de uma sociedade da época.

3.1 ESTER TROIAN BENVENUTTI: A MULHER À FRENTE DAS ESCOLAS RURAIS DE CAXIAS DO SUL

A partir da análise dos registros do *Despertar*, considerou-se que a professora Ester Troian Benvenuti foi idealizadora

¹⁰ Neste estudo considereei a transcrição da entrevista realizada por historiadores da cidade com a professora Ester Troian Benvenuti como fonte documental.

do periódico e uma importante colaboradora para o ensino caxiense, especialmente na área rural. Desse modo, acreditou-se relevante discorrer sobre essa "personagem" da instrução pública municipal.

Nascida em 16 de maio de 1916 no Travessão Cremona, interior da localidade de Ana Rech, em Caxias do Sul, filha de Francisco Troian e Angelina Corso Troian, descendentes de imigrantes italianos, Ester conheceu as particularidades da vida na área rural, não somente por suas atribuições profissionais nesse espaço, mas pela experiência familiar. Os pais eram agricultores. A família do pai, vinda da Itália para o Brasil, dedicou-se à agricultura e, anos depois, também atuou no segmento de artefatos de couro. Por parte de mãe, o avô lançou-se à indústria e ao comércio, focado especialmente no ramo de madeiras (Benvenuti, 1983).

Ester foi alfabetizada na Escola Mixta Estadual de Ana Rech e completou o Curso Primário no Colégio Elementar de Caxias do Sul, sob a batuta da professora Hercília Petry – imigrante de Milão. Com a vinda do avô para Caxias, Ester foi então matriculada no Colégio Elementar da cidade, no qual cursou até o 5º ano (Machado; Aguzzoli, 2005).

Em entrevista, a professora relembra o início no magistério, que contou com o apoio dos avós, pessoas influentes entre os demais agricultores de sua localidade, pois, como representantes da comunidade, procuraram a Intendência Municipal para reivindicar uma docente que ajudasse com o ensino naquela área rural: "Minha avó, olhando para mim, disse: – Hoje nós vamos até a Intendência e tu vais, junto a tua mãe, alfabetizar aqueles coloninhos lá". No encontro com o Intendente Municipal Thomas Beltrão de Queirós, Ester relembra que precisou responder a algumas indagações, como, por exemplo, se sabia ler e escrever, se redigia cartas, se era capaz de resolver os quatro problemas da aritmética de "Souza Lobato". De acordo com o seu relato, respondeu positivamente a todas as questões e ainda incluiu a competência de que conhecia toda a seleta em Prosa e Verso. Ao término

dessa entrevista, aos 13 anos incompletos, foi indicada professora e iniciou a alfabetização da comunidade da localidade de Santo Anselmo, alguns deles mais velhos do que a própria professora; nesse espaço atuou por 12 anos (Benvenuti, 1983).

Segundo Machado e Aguzzoli (2005), desde o princípio Ester trabalhou buscando oferecer mais oportunidades para a comunidade da área rural. Percebendo que os recursos municipais eram escassos e que a demanda por escolas no interior aumentava, a docente tinha uma atuação articuladora junto às comunidades rurais. Um exemplo disso era o trabalho desenvolvido com o apoio de pais e lideranças comunitárias, ainda no início de sua carreira, o que resultou na construção da primeira escola na localidade do Travessão Cremona, instituição batizada de General Daltro Filho. Uma apoiadora de práticas que valorizavam as manifestações culturais, trabalhou para instalar um palco para apresentação de teatro nessa escola. Também foi a primeira docente do interior do município a realizar o hasteamento da bandeira nacional, confeccionada pela professora Ester com o auxílio de sua mãe. Além disso, instituiu o uso de uniforme entre os alunos, após uma campanha promovida entre os pais de estudantes da Escola General Daltro Filho.

Em 1941, em virtude da frequência na Escola Complementar, a professora Ester foi transferida para a área central de Caxias e passou a trabalhar na Inspeção Escolar da Prefeitura. Nesse mesmo ano, completou o curso de docente. Em 1942 ingressou no magistério estadual por meio de concurso, no qual se classificou em 1º lugar, o que garantiu a oportunidade de escolher onde desejava atuar, optando, então, pelo Curso Primário da Escola Complementar em Caxias do Sul (Machado; Aguzzoli, 2005). A professora rememora esse episódio de sua trajetória:

Eu fui classificada em primeiro lugar. Eu recebi ordem de escolher a escola que eu queria lecionar no estado. Aí eu queria voltar pra minha, na Zona Alegre. Ah, queria voltar prá lá! Mas era municipal! Mas eu lutei pra que fosse estadualizada. Aí, a dona Rosalba, que era diretora da Escola Complementar, disse: – Não, tu tens direito a escolher, fica aqui na Escola

Complementar, onde tu te formaste! Então, aceitei as ponderações dela e permaneci, lecionei, então, oito meses na Escola Complementar (Benvenuto, 1983, p. 6).

Figura 3 – Foto do Studio Geremia. Ester com a mãe Angelina Troian



Fonte: Studio Geremia (1930).

Na gestão do secretário da Educação e Cultura do Estado Dr. José Coelho de Souza, foi criado o cargo de orientadora do ensino municipal, para dar assistência pedagógica à educação do interior das comunas gaúchas (Machado; Aguzzoli, 2005). Em 1942, com a abertura de concurso para orientadores do ensino municipal, a professora Ester foi instigada a participar pelo prefeito Dante Marcucci. Como essa oportunidade lhe

traria vantagens financeiras, resolveu concorrer ao cargo. A experiência na área rural foi um fator determinante para que acabasse sendo nomeada como a primeira orientadora do Estado do Rio Grande do Sul em Caxias do Sul (Benvenuti, 1983). Ester trabalhou durante 17 anos na Prefeitura Municipal como Orientadora de Ensino; entre as atividades, realizava a inspeção periódica das escolas isoladas e a orientação aos professores, atribuições que em muitas circunstâncias eram cumpridas usando uma carreta puxada a cavalo pelos caminhos difíceis que encontrava no interior (Machado; Aguzzoli, 2005). Em 1947, com a aposentadoria de Firmino Bonet, inspetor escolar, Ester acumulou a função e passou a exercer os dois cargos simultaneamente, cuidando da parte administrativa e técnica. Junto ao órgão municipal de ensino, permaneceu até 1960 (Benvenuti, 1983).

Com a reforma do ensino municipal, houve a extinção da Inspeção Escolar e a substituição pela Diretoria da Instrução Pública Municipal; com isso, a professora passou a assumir outras responsabilidades, como a orientação e a administração do ensino no município (Machado; Aguzzoli, 2005). Esse importante desafio, assumir a Diretoria da Instrução, aconteceu na gestão do prefeito Luciano Corsetti (1947-1951). Cuidar da orientação de professores e administrar o ensino caxiense também lhe conferiam demandas no âmbito da aprovação para a construção de novos prédios, a reforma e o estudo da situação do ensino nos distritos anexados a Caxias, como Vila Seca, Vila Oliva, Fazenda Souza, Criúva e Santa Lúcia do Piaí (Oliveira, 2015b).

Além de atuar na gestão do ensino municipal, a professora Ester participou da comissão que fundou o Museu Municipal e a Biblioteca Pública, integrou a Academia Caxiense de Letras e, em 1962, assumiu a direção da Escola Normal Duque de Caxias (Oliveira, 2015b). Foi representante do Estado no Conselho Escolar Municipal, coordenadora da descentralização do Ensino Primário do Estado, titular do serviço de educação de adolescentes e adultos, coordena-

dora dos cursos supletivos noturnos, integrante da comissão organizadora das solenidades comemorativas à Semana da Pátria, presidente da Associação dos Professores Católicos de Caxias do Sul, integrante da Diretoria da Fundação Alberto Pasqualini, entre outras atribuições (Machado; Aguzzoli, 2005).

No ano de 1959, conforme consta em seu relato, a orientadora se candidatou a um cargo político, incentivada pelo primo Armando Biazuz e pelo esposo Henrique Benvenuti. Assim, concorreu às eleições pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Foi eleita e pediu exoneração do cargo de gestão da Diretoria da Instrução Pública para assumir uma cadeira no Legislativo Caxiense, mas permaneceu como orientadora de ensino (Benvenuti, 1983).

Ester foi a mais votada do seu partido, transformando-se na primeira mulher da região a concorrer e a assumir um cargo eletivo. Atuou na Câmara de Vereadores até 1962, tendo sido eleita secretária e vice-presidente da Casa. Entre as iniciativas no Legislativo, trabalhou para o avanço do Estatuto do Magistério Público Municipal (Machado; Aguzzoli, 2005).

Em 1962, assumiu a direção da Escola Normal Duque de Caxias, quando conseguiu, na Superintendência do Ensino Normal da Secretaria da Educação e Cultura, a criação da Escola Normal Regional, o que permitiu aos professores municipais o ingresso em cursos de nível superior. Recebeu a Medalha Caxias do Sul por seu trabalho na comunidade caxiense e foi destaque em "assistência social" por três anos consecutivos – 1964, 1965 e 1966 – nas pesquisas de opinião pública realizadas pelas emissoras de rádio local. Para Machado e Aguzzoli (2005), Ester foi uma mulher singular e agregadora, que amou e se dedicou à educação. Faleceu em 17 de outubro de 1983, deixando um importante legado para a educação da região.

Ela recebeu o reconhecimento pelas suas contribuições de diversas formas, o que é evidenciado por meio da leitura do *Despertar*, sendo possível observar que conquistou o respeito da sociedade, especialmente das pessoas da área rural,

pelas suas colaborações junto a essa comunidade. Tal fato que pode ser evidenciado em trechos como o da aluna do 4º ano da Escola Isolada Nossa Senhora da Roca – “meu sincero agradecimento como também o dos meus coleguinhas pela atenção que a senhora deu em nos mandar uma professora aqui pertinho de nossa casa, assim possamos nos educar sem caminhar muito longe” (Despertar, 1952d, p. 4) –, na notícia do *Jornal Pioneiro* republicada pelo *Despertar* – “O ‘Pioneiro’ sente-se feliz em apresentar seus cumprimentos [...] congratulando-se, de modo especial, com a dedicada orientadora de ensino, professora Ester Troian Benvenuti, idealizadora desse jornal” (Despertar, 1950d, p. 5) – e em registros de ações em homenagem a Diretora da Instrução:

Por ocasião do aniversário natalício da professora Srta. Ester Troian, as funcionárias da Diretoria da Instrução e demais colegas da prefeitura prestaram-lhe significativa homenagem, que constou de uma missa cantada [...]. No mesmo dia, em Santa Lúcia do Piaí, realizou-se um almoço de confraternização com a presença das professoras municipais, sendo a Diretora da Instrução saudada pelo Sr. Sub-Prefeito [...]. Também do professorado de S. Marcos a aniversariante recebeu expressiva homenagem (Despertar, 1950c, p. 8).

Outro indício do apreço das demais docentes ao trabalho realizado por Ester foi identificado em trechos de entrevista com docentes municipais, como o da professora Verônica Candiago Bortolon, que relata sobre o trabalho realizado pela orientadora de ensino: “Depois que entrou o Dante Marcucci, a Ester, ficou uma beleza lecionar” (Bortolon, 1980, n.p.). Corroborava o depoimento da professora Doroteia Corte Rizzon, que rememora: “ela visitava, e ela encorajava as professoras, porque ela também sabia a dificuldade da professora do interior, porque ela foi muitos anos professora do interior [...]. Eu acho que sempre ficará na história tudo o que ela fez em prol da educação” (Rizzon, 1980, p. 97).

Ester Troian Benvenuti construiu uma imagem de respeito entre a comunidade caxiense, junto à gestão pública e a entidades da sociedade, mas de um modo especial para as outras docentes, pela representação edificada sobre o seu

papel como professora rural, ratificada pelas responsabilidades adquiridas desde bem jovem, à frente de funções de gestão, algo que não era tão comum às mulheres da época. A diretora de Instrução Pública Municipal não somente prosperou na função de docente como também adentrou espaços nunca antes explorados por outras mulheres, como a sua atuação na Câmara de Vereadores. Destaque para o êxito na articulação junto ao Poder Público e o oferecimento de melhorias às comunidades da área rural, especialmente as que envolviam o ensino. Também, apesar de manter valores bem conservadores, evidenciados por suas relações e destaques recebidos junto a entidades religiosas, considera-se que sua atuação foi destacada pela postura inovadora para a época, propondo e oferecendo diversas atividades que oportunizavam a inserção de práticas culturais e sociais para o ensino, particularmente nas áreas rurais. O próprio periódico objeto deste estudo é uma dessas iniciativas de inclusão das pessoas da comunidade da área rural e oferecimento de novas perspectivas.

3.2 O DESPERTAR DA COMUNIDADE DA ÁREA RURAL

Em relatório assinado pelo prefeito Demétrio Niederauer, destinado ao governador Walter Jobim, existe a indicação do surgimento e dos objetivos do *Despertar*, conforme o excerto: "Institui o jornal das escolas municipais, destinado não só a fins pedagógicos, como também à difusão de ensinamentos práticos e úteis aos colonos, iniciativa esta que teve entusiástica acolhida entre a população rural" (Caxias do Sul, 1948b, p. 6).

Até o ano de 1954, a circulação do periódico foi registrada no relatório de atividade da Diretoria da Instrução Pública encaminhado ao prefeito municipal ao término do período letivo. Após essa data, não foram localizados registros sobre a circulação do *Despertar*. Desse modo, supõem-se que a circulação tenha sido suspensa com a troca da gestão municipal, após o ano de 1954 (Caxias do Sul, 1954-1960).

O periódico foi definido por seus redatores como um órgão da Diretoria da Instrução Pública, indicação que aparece nas capas de todas as suas edições e é evidenciada no Regulamento da Diretoria da Instrução Pública, que ainda apresenta a indicação de que o diretor da Instrução Pública teria a responsabilidade de aprovar "a edição mensal do órgão das escolas municipais" (Caxias do Sul, 1951, p. 2).

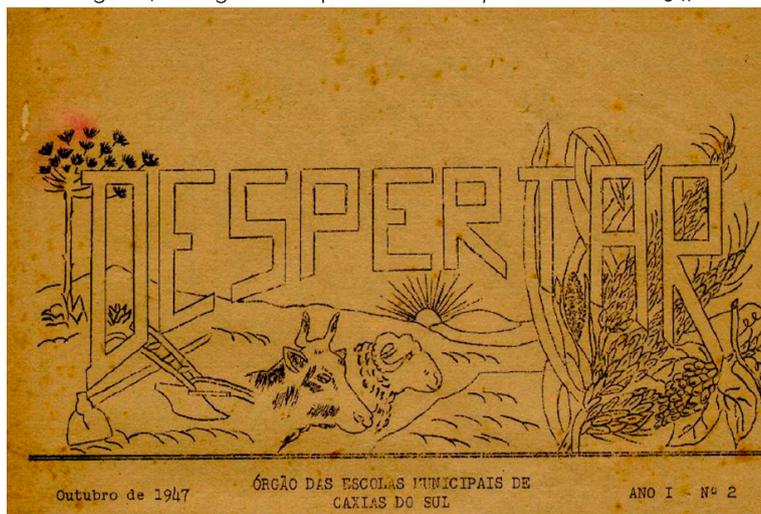
No que se refere à designação do periódico, a partir da leitura de suas páginas verificou-se que foi uma sugestão de uma professora da rede pública, escolhida por meio de concurso realizado entre docentes e alunos da rede:

Ao ser deliberada a fundação do Jornal, solicitamos às professoras e alunos que apresentassem sugestões para a escolha do nome a ser adotado. O resultado excedeu a expectativa, pois, foram enviados nada menos que noventa nomes, todos expressivos e oportunos, dentre os quais foi escolhido um por votação. Feita a apuração, verificou-se ser "Despertar" o nome mais votado e que é sugestão da professora Ida Guerra Dani, regente da E. I. Padre Anchieta, 1º distrito". [...] "Avisamos às professoras e aos alunos que enviaram suas colaborações que não nos foi possível dar publicidade a todas no primeiro jornal em circulação, diante do elevado número das mesmas. Prometemos, porém, que oportunamente, todos serão atendidos (Despertar, 1947c, p. 12).

A reflexão sobre o nome escolhido, *Despertar*, sugere algumas interpretações, como as oferecidas pelo dicionário Aurélio, que remetem a acordar, atiçar, provocar, dar origem e despertar. A imagem que ilustra as capas do impresso até o ano de 1952 sugere que o nome tenha sido utilizado no sentido de "acordar", por tratar-se da imagem de um pôr-do-sol. Os demais elementos da ilustração contribuem para outras interpretações, como: o uso de ferramentas da agricultura e animais de criação indicando uma possível preocupação em valorizar o trabalho agrícola e a pecuária; a imagem da araucária remetendo a características dessa região, pois é uma espécie típica do Rio Grande do Sul; a figura de produção agrícola (trigo e uva) sugerindo o produto do trabalho na região. Como um todo, a ilustração é usada para representar o trabalho rural, evidenciando uma preocupação em criar

laços com o grupo estabelecido na referida área para o fortalecimento de uma identidade. Curiosamente, o periódico se define como um órgão das escolas públicas municipais, mas não há referência, na ilustração, à área da educação, o que indica uma abrangência de público, muito além dos docentes, reforçada na leitura de suas colunas compostas por matérias com conteúdos que ultrapassam as questões relacionadas ao ensino.

Figura 4 – Imagem de capa do Jornal *Despertar* do ano de 1947



Fonte: *Despertar*, 1947b, p. 1.

Há uma mudança no conceito da ilustração usada na capa do periódico a partir de setembro de 1952, quando a imagem passa a fazer referência ao ensino, em representações, por exemplo, na figura de uma mulher adulta cercada por crianças – supondo-se ser a professora e os alunos – e na imagem de um caderno e um lápis, que aparecem em tamanho relativamente maior ao dos personagens centrais da cena.

Outro elemento que compõe a ilustração é a imagem de um documento que se assemelha a um jornal e está na

mão de uma das crianças – uma alusão ao próprio *Despertar*. Ainda há a indicação da área rural, representada por meio da imagem da produção agrícola (milho, trigo e uva); nessa versão da ilustração, esses produtos aparecem em segundo plano, abaixo do caderno e do lápis. Novamente há a indicação da região, por meio da imagem das araucárias. Essa nova imagem foi concebida por Honorina Cauduro Mossola, professora da superintendência do ensino artístico, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado (*Despertar*, 1952h). A participação de Honorina indica a aproximação do governo estadual à rede pública municipal de ensino e reforça a ideia de que o órgão estadual exercia certa influência sobre a Diretoria da Instrução Pública para a adoção de práticas que estivessem alinhadas às diretrizes estaduais.

A mudança da imagem está relacionada à edição de aniversário de cinco anos de circulação do periódico, o que indica uma maturação das prioridades e dos assuntos tratados pelo impresso. Outro fato interessante é que a partir de dezembro de 1951 assumiu como prefeito Euclides Triches¹¹, o qual, com uma formação mais técnica e uma vida dedicada ao serviço militar, possivelmente foi um dos influenciadores sobre o conteúdo do periódico, especialmente com uma maior inclinação para temas que coincidissem com ideais que exaltavam o nacionalismo a partir desse período.

¹¹ Nasceu em Caxias do Sul (RS) no dia 23 de abril de 1919. Sentou praça em abril de 1938, ao ingressar na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. Em 1944, serviu no 1º Batalhão Ferroviário, com sede em Bento Gonçalves (RS). Nesse mesmo ano, foi lotado no Arsenal de Guerra General Câmara, no Rio Grande do Sul, alcançando o posto de capitão em maio de 1945. Foi diplomado em Engenharia Metalúrgica pela Escola Técnica do Exército em 1948. Depois de se reformar como major, em 1951, iniciou na vida política como prefeito de Caxias do Sul e, após alguns anos na carreira política, foi eleito governador do Rio Grande do Sul em 1970 (FGV, 2019).

Figura 5 – Imagem de capa do Jornal *Despertar* do ano de 1952.



Fonte: *Despertar*, 1952h, p. 1.

Em relação aos objetivos do periódico, os seus editores indicavam que entre as finalidades estava a de "servir às escolas e às famílias da zona rural", proporcionando a promoção do ensino e a disseminação de informações entre os agricultores que confiavam a educação de seus filhos a escolas do ensino público de Caxias. Outro aspecto relevante é o de que o órgão de ensino tinha a preocupação de oferecer informações em uma linguagem acessível, considerando os "diferentes níveis" dos seus leitores, o que foi registrado no periódico (*Despertar*, 1951e). Acerca do modo como os leitores do *Despertar* recebiam as informações publicadas no jornal, apesar de ser escrito em uma linguagem acessível, os professores e os alunos atuaram como facilitadores, auxiliando para a interpretação e a compreensão das informações publicadas, o que

pode ser deduzido a partir do texto do repórter e secretário caxiense Guilherme do Valle¹²:

O lema deste jornalzinho estimula, inspira e educa. É o tônico que reforça os conhecimentos. É a dignidade se esparramando pela colônia, onde vai encontrar o espírito de abnegação e desprendimento dos homens que vivem do produto da terra. Sabemos que a chegada de cada edição do *Despertar* em nosso meio rural constitui um verdadeiro dia de festa. Se o papai ou a mamãe não tiveram a felicidade incomparável de frequentar os bancos toscos de uma escola, lá está o Joãozinho ou a Mariazinha, lendo para eles as matérias interessantes que são publicadas nesse robusto veículo de divulgação de nossas unidades de ensino. [...] Parabéns à diretora Ester que tem sido a garantia da tua circulação, sem interrupções. Cumprimentos sinceros aos nossos denodados agricultores e seus filhos, que tem sabido dar valor a tua missão de inteligência e de cultura [...] (*Despertar*, 1951e, p. 1).

A apropriação, por parte dos leitores, das práticas e orientações disseminadas pelo *Despertar* necessitava, primeiramente, do suporte para a compreensão do que era divulgado, depois passava pela significação dada pelos leitores, considerando as representações reproduzidas pelo periódico. Esse processo exigia alguma competência na leitura do conteúdo e na interpretação dos textos. Segundo Chartier (1999, p. 13), a interpretação pode ser diferente de pessoa para pessoa, pois está relacionada ao talento para a leitura e ao que difere um grupo de outro: "há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis". Nesse sentido, os "leitores' só aprendiam os textos graças à mediação de uma voz que os lia" (Chartier, 1999, p. 25). Esse pensamento corrobora a suposição de que os alunos apoiavam os pais, menos habilidosos para a leitura ou incapazes de praticá-la por não dominarem a língua portuguesa. Nesse contexto, o professor também desempenhava um papel de facilitador para a interpretação de textos e direcionava os alunos para a "correta" compreensão do que, no periódico, era publicado.

Em relação ao *slogan* usado pelo *Despertar*, possivelmente tenha sido escolhido por influência de políticas da época.

¹² Guilherme do Valle, repórter do Jornal *O Momento*, de Caxias do Sul, secretário do Município na gestão de Luciano Corsetti e vereador no período de 1952-1955 e 1956-1959 (*O Momento*, 1947).

Essa hipótese vem de uma reflexão sobre a relação do *slogan* com outros conteúdos de cunho prescritivo publicados no periódico, os quais indicam que os seus produtores defendiam a ideia de dotar os sujeitos de saberes que os constituíssem em um modelo de cidadão brasileiro moldado pelo estudo, pelo trabalho e pela justiça, visando ao atingimento de um estado de ordem e progresso: "saúda a todas as autoridades do País, do Estado e do Município. [...] certo de que: O ESTUDO É A BASE DA SABEDORIA. O TRABALHO, BASE DO PROGRESSO. A SABEDORIA E A JUSTIÇA, BASES DA ORDEM" (Despertar, 1949e). O *slogan* do periódico parece fazer uma analogia à frase "ordem e progresso" encontrada na bandeira nacional, com influência positivista. Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1855-1927) entendem que o "Apostolado Positivista no Brasil" seguia as influências das interpretações sobre os pensamentos de Auguste Comte. A expansão dessa doutrina ocorreu com o apoio da imprensa, das escolas, da literatura e da academia, além de a área de educação contribuir para a constituição de hábitos e padrões morais e intelectuais que possibilitariam novas formas de agir e de pensar (Silva, 2008).

Ressalta-se que Augusto Comte (1798-1857) foi o principal formulador do positivismo e influenciou o pensamento educacional brasileiro. Com ideais como "O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim", trazia a ideia de unidade nacional em torno do projeto republicano, com a expansão do capital. Na educação, relacionava o saber à transformação social. Desse modo, a reforma da sociedade partia de uma hegemonia política e social, que deveria ser ensinada desde os primeiros anos da criança, com conteúdos que abordavam uma formação da moral e do caráter; nesse contexto, a família, especialmente a mulher, deveria educar para a valorização de manifestações altruístas pela criança. Na escola, as ideias de Comte defendiam o ensino livre e laico, com a inclusão de disciplinas científicas. Entre as principais marcas, no Brasil, estavam a cultura autoritária, a propriedade como algo sagrado, a política pacifista, a exaltação das datas comemorativas e a educação moral e cívica (Silva, 2008).

Outros elementos desenvolvidos no *Despertar* que indicam uma abordagem influenciadora para comportamentos alinhados aos padrões da época fazem referência aos ideais nacionalistas e são percebidos em textos com teor cívico-patriótico, os quais exaltam heróis e datas nacionais. A apologia à pátria e a Deus, recorrente em diferentes colunas do *Despertar*, afasta-se de um posicionamento laico: "Promete seguir avante, sem vacilações. Servir à coletividade será seu lema. Ser útil à pátria e a Deus, sua maior glória!" (*Despertar*, 1949e, p. 1).

Cunha (2004, p. 9) reforça a ideia de que muitos periódicos continham conteúdos prescritivos que visavam à conformação de alunos, de acordo com regras de convívio social, de determinada época, mais civilizadas e que estavam alinhadas à ideia de constituir um povo culto e ordeiro:

Ancorados na ideia de que uma nação unida era uma nação feliz, tudo indica que a proliferação de aconselhamentos, exortações para bem comportar-se e conduzir-se em *justos limites*, presentes nesses livros contribuíram para que professores em formação e formadores difundissem tais práticas para a formação de um povo culto e ordeiro, alvo do Estado Republicano em consolidação.

No que se refere à distribuição do *Despertar*, com base em estatísticas divulgadas pelo próprio jornal, observa-se um crescimento na tiragem, considerando o período de quatro anos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 4: Tiragem do periódico *Despertar* por ano de circulação

Ano	Tiragem
1947 a 1948	15.000 exemplares
1948 a 1949	16.510 exemplares
1949 a 1950	17.000 exemplares
1950 a 1951	18.200 exemplares

Fonte: *Despertar* (1951e).

O aumento gradativo do número de exemplares pode estar relacionado com a expansão demográfica ocorrida na década de 1940, quando a população rural local era de 19.377

peças, e na década de 1950, quando chegou ao número de 22.791 (IBGE, 2013). O trabalho na indústria oferecia atrativos que resultavam no êxodo rural. Mas, mesmo com a saída de pessoas da área rural, os habitantes dessas localidades ainda somavam um número maior em relação aos que viviam na cidade. Em 1954, a prefeitura realizou o investimento para a impressão de 2.000 unidades mensais do *Despertar*, com distribuição gratuita: “foi-lhe destinada uma verba especial no orçamento, facultando assim, a possibilidade de ser distribuído, gratuitamente, aos alunos e professores, através de uma edição mensal de 2.000 exemplares” (Caxias do Sul, 1952-1954, p. 15).

A criação de novas escolas também pode ser um dos motivos para a ampliação da tiragem do *Despertar*, do mesmo modo que a ampliação da rede pública de ensino caxiense para outros distritos, o que pode ser observado no Quadro 5:

Quadro 5: Número de escolas por distrito (1954)

Ano	Distrito	Nº de escolas	Nº de alunos
1954	1º distrito (zona rural de Caxias)	45 escolas	1.377 alunos
1954	2º distrito (São Marcos)	17 escolas	450 alunos
1954	3º distrito (Galópolis)	13 escolas	245 alunos
1954	4º distrito (Ana Rech)	14 escolas	285 alunos
1954	5º distrito (Vila Seca)	3 escolas	91 alunos
1954	6º distrito (Santa Lúcia do Piaí)	13 escolas	303 alunos
1954	7º distrito (Fazenda Souza)	4 escolas	84 alunos

Fonte: Caxias do Sul (1954).

O processo de análise do *Despertar* ainda se estendeu a aspectos que se referem à conservação do jornal, como, por exemplo, rasuras, recortes e anotações. Nesse sentido, evidenciaram-se 19 edições do periódico incompletas, nas quais páginas faltavam e/ou trechos foram recortados. Além disso, a partir desses aspectos, considerou-se que os exemplares poderiam ser compartilhados por pessoas de diferentes núcleos familiares, como entre algumas famílias que não eram

contempladas com a distribuição. Em alguns exemplares constam anotações de nomes/sobrenomes de pessoas, como os de Vercidino Gomes de Oliveira¹³, Noralina Buffon¹⁴ e Irma Ceconello¹⁵, respectivamente nas edições de julho de 1949, agosto de 1954, setembro de 1951 e março, maio, setembro e outubro de 1952. Outras anotações indicam o nome de uma das Instituições Escolares do município, a Escola Clóvis Beviláqua.

Com relação ao formato, é possível que seus produtores tivessem como referência o modelo utilizado por outros impressos com circulação local. Havia a definição de sessões que se repetiram ao longo das 53 edições do *Despertar*, incluindo assuntos relacionados aos títulos das colunas. Todas as publicações apresentavam uma espécie de editorial publicado na capa com a opinião do jornal, representada por algum de seus editores, ou de representantes da Administração Municipal, com destaques para conteúdos patrióticos ou homenagens a professores e agricultores.

A respeito da diagramação, as edições apresentavam uma divisão das páginas em duas colunas; os títulos, especialmente a partir do ano de 1950, ocupavam um espaço de destaque em relação ao restante da matéria; o *layout* entre as diferentes matérias não sofria alteração, o conteúdo era apresentado de uma forma homogênea, não havendo mudanças significativas para indicar uma ênfase maior para determinados assuntos. No que se refere ao número de páginas, até 1952 as edições apresentavam um mínimo de 4 e o máximo de 20 páginas;

¹³ Foi professor da Escola Clóvis Beviláqua; o registro como docente aparece no quadro demonstrativo de encerramento do ano letivo das escolas do ano de 1948 (*Despertar*, 1948e).

¹⁴ Foi aluna da Escola Isolada Lobo da Costa do 4º Distrito (Ana Rech) (*Despertar*, 1951d). Noralina era filha de Angelo e Maria Buffon, que adquiriram terras em São Braz, onde tiveram seus nove filhos: Lorita, Leonida (*in memoriam*), Leonilda, Noralina, Esterina, Dely (*in memoriam*), Adelina, Ary (*in memoriam*) e Adenir. Além da agricultura, Angelo trabalhava como carreteiro, vendendo lenha para a cidade de Caxias do Sul (Valtrick, 2017).

¹⁵ Não localizados registros do órgão de ensino com o nome de Irma Ceconello, porém, entre a lista de funcionários do órgão do ano de 1950, há uma professora com o nome de Gemma Joana Ceconello, possivelmente familiar de Irma (Caxias do Sul, 1950, p. 1).

nos anos de 1952, 1953 e 1954, o periódico passou a ter um formato mais uniforme, com 8 páginas mensais (com exceção do mês de setembro, edição de aniversário do *Despertar*, com publicações que contavam com um número maior).

Outro aspecto relevante incide sobre os produtores das matérias, informação localizada em outros documentos da Diretoria da Instrução Pública, uma vez que a grande maioria das colunas não era assinada, com exceção da coluna "Colaboração e Boa Vontade", que publicava textos encaminhados pelos alunos que apresentavam os nomes das crianças e da escola. Destaca-se que a contribuição feita nessa coluna acontecia a partir de convite divulgado no próprio jornal: "Avisamos aos gentis alunos das escolas municipais que estamos aguardando suas preciosas elaborações para serem publicadas no 'Despertar'" (*Despertar*, 1949c, p. 10).

Ester Troian Benvenuti (1983) rememora a variedade de temas abordados pelo jornal, o que indica que havia a contribuição de diferentes sujeitos na produção do periódico que tinha o intuito de valorizar os trabalhadores da área rural, com uma diversidade de assuntos e notícias relacionadas à agricultura e à vida rural. Ester tinha a incumbência de aprovar as edições; profissionais que faziam parte do quadro da Diretoria da Instrução se dividiam nas outras funções: Augusta Viel era responsável pela seção técnica e coordenava a confecção; Beatriz Manfro ficava à frente da área de cultura física e colaborava na seção com assuntos que competiam a sua área; Adir Máscia, na seção de material, e Wannyr Schumacher, na seção de estatísticas, colaboravam na redação de diferentes matérias (*Caxias do Sul*, 1950).

Ainda havia a participação de pessoas do alto escalão administrativo, como a de prefeitos e de secretários, que pode ser observada ao longo do período de circulação do jornal, com mais recorrência no texto de editorial publicado na capa e na coluna "Informações Rurais", a qual ficava sob responsabilidade da Diretoria de Fomento e Assistência Rural (*Despertar*, 1949c). Isso pode ser apreciado em excertos

como “A página rural do jornalzinho ‘Despertar’ da Diretoria da Instrução Pública, esteve a nosso cargo da qual nos valem para dar instrução de interesse agrícola para os escolares e seus pais” (Caxias do Sul, 1952-1954, p. 10), e, ainda, em nota do próprio órgão:

A Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal, da início, hoje, através desta secção de “O Despertar”, a publicação de uma folha dedicada aos nossos agricultores. Nesta secção os nossos patricios que labutam no interior do municipio, encontrarão, todos os meses, um apanhado geral de assuntos de interesse dos mesmos: notas avisos e instruções, técnicas sobre agricultura e veterinária, recomendações, respostas a consultas que fizeram, informações e notícias em geral do que vai pelo sector da lavoura e criação do municipio. Atenção, pois, srs. agricultores e criadores caxienses. Esta é a vossa folha de “O Despertar”. Lede-a sempre (Despertar, 1949c, p. 3).

A Diretoria de Fomento mantinha uma relação de proximidade com a Diretoria da Instrução Pública, ocupando um espaço fixo em cada uma das edições do periódico. A relevância da sua contribuição pode ser justificada ao se realizar outra análise sobre o perfil de leitores. O conteúdo publicado dá indicativo do foco do periódico, havendo diversas informações de interesse dos agricultores, orientações relacionadas a práticas escolares e docentes e notícias que envolviam movimentos na área rural. Essas evidências cooperam com os excertos que explicam que o periódico tinha como foco a comunidade da área rural, mais abrangente do que “apenas” professores e alunos.

Retomando-se as reflexões sobre a recorrência de colunas, indicada pela manutenção das seções/do número de páginas, ao longo de sua circulação houve a consolidação de determinadas temáticas, dado que foi organizado no Quadro 6, a partir da realização de um balanço sobre os temas *versus* as colunas:

Quadro 6: Colunas e assuntos abordados no *Despertar*

Título da coluna	Quantidade de edições	Assuntos mais abordados	Editores da coluna
Editorial	51 edições	Alfabetização; patrióticos; Dia das Crianças; Dia do Professor; pátria e escola; aniversário do periódico; homenagens – mães, agricultores.	Normalmente fala do prefeito ou de algum secretário (quando assinadas)
Educação e Ensino	51 edições	Analfabetismo; cidadania e civilidade; civismo; deficiência; educação – lar e escola; práticas docentes e escolares; religiosidade.	Não era assinada
Conselhos sobre Agricultura/ Informações Rurais	53 edições	Plantio; pragas na lavoura; doenças com os animais; apoio da Secretaria de Fomento com maquinário, mudas e sementes; preparo da terra; queimadas; estrumeiras; cursos para agricultores; cultivo de diversos produtos; adubação; mecanização da lavoura.	A cargo da Diretoria de Fomento e Assistência (não era assinada)
Colaboração e Boa Vontade	51 edições	Hábitos e comportamentos; analfabetismo; cívico-patrióticos; Dia da Arvore; clubes agrícolas; despertar; homenagem à orientadora de instrução; escola e família; mãe; inauguração de escolas; contos lúdicos; natureza; Dia das Américas; práticas escolares; religiosidade, práticas e cotidiano na área rural; saúde; trabalho; urbanismo e tecnologia; valores morais; valorização do agricultor e do professor.	A cargo dos alunos das escolas públicas (identificação do nome do aluno e da escola)
Higiene	22 edições	Asseio; higiene da sala de aula; saúde; utilidades – como remover manchas; trabalhos manuais; valores morais.	Não era assinada
Utilidades Práticas/ Conselhos Úteis	40 edições	Hábitos e comportamentos; humor; receitas; saúde; trabalhos manuais; conselhos do lar – remoção de manchas e limpeza.	Não era assinada
Para você Criança	51 edições	Alfabetização; civilidade; cívico-patrióticos; família e escola; humor; poemas; contos com teor lúdico; disciplinas; natureza; Dia Pan-americano; práticas escolares; trabalhos manuais; jogos de palavras e questões; religiosidade; práticas e cotidiano na área rural; valores morais.	Não era assinada

Título da coluna	Quantidade de edições	Assuntos mais abordados	Editores da coluna
Para você Recitar	23 edições	Hábitos e comportamentos; civismo; datas comemorativas; infância; contos; natureza, religiosidade, valores morais, práticas e cotidiano na área rural; valorização do agricultor e do professor.	Não era assinada
Noticiário	50 edições	Benfeitorias da prefeitura; alfabetização no supletivo noturno; eventos cívico-patrióticos; clubes agrícolas; melhoramentos da Diretoria da Instrução; criação de bibliotecas escolares; formação de professores e magistério; eventos e inaugurações; práticas escolares; civilidade; farmácias rurais; exposição de trabalhos manuais; urbanismo e tecnologia; homenagens.	Não era assinada
Independência do Brasil	6 edições	Eventos e pautas cívico-patrióticos	Não era assinada
Dia da Árvore	3 edições	Primavera e árvores	Não era assinada

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Observou-se que há uma preocupação com a regularidade de conteúdos durante todo o período de circulação do jornal, algo evidente na reprodução de colunas e na manutenção de determinados temas, como nas seções “Educação e Ensino”, “Colaboração e Boa Vontade” e “Para você Criança”, que foram publicadas em pelo menos¹⁶ 51 edições do periódico; a coluna “Informações Rurais”, que aparece nas 53 edições; e a seção “Noticiário”, em 50 edições. Outras colunas não apresentam a mesma recorrência, porém os temas que eram tratados nelas foram realocados para outras, como é o caso da coluna “Higiene”, que é publicada em apenas 22 edições, mas o tema continua surgindo ao longo do tempo de circulação. Algo semelhante acontece com a coluna “Conselhos Úteis”, que consta em 40 publicações. Destaca-se, ainda, que em algumas edições especiais foram inseridas novas

¹⁶ Não foi possível determinar se essas colunas aparecem nas 53 edições, pois alguns exemplares estão incompletos.

colunas, a exemplo da edição de setembro, com as seções "Independência do Brasil" e "Dia da Árvore".

Em relação aos conteúdos, ressalta-se, ainda, a recorrência de outros assuntos: civismo (cívico-patrióticos), civilidade (hábitos e comportamentos) e religiosidade. Isso ratifica a preocupação em orientar a comunidade para normas de conduta que colaborassem para a manutenção ou transformação de práticas.

Além disso, observa-se a divulgação de benfeitorias realizadas pelo Poder Público, principalmente as que envolviam a construção de escolas e as voltadas ao magistério caxiense, possivelmente como uma estratégia para angariar a simpatia da comunidade para a gestão pública municipal. Esse uso da imprensa foi tratado por Bastos (2002, p. 52):

[...] a imprensa cria um espaço público através do seu discurso – social e simbólico – agindo como mediador cultural e ideológico privilegiado entre o público e o privado, fixa sentidos, organiza relações e disciplina conflitos. Como um discurso carregado de intenções, constitui verdades, ao incorporar e promover práticas que legitimam e privilegiam alguns conhecimentos em detrimento de outros, produz e divulga saberes que homogeneizam, modelam e disciplinam o seu público leitor.

A função desempenhada pelo *Despertar* junto à comunidade que vivia na área rural vai ao encontro dessa reflexão. Ao longo dos anos de circulação, o periódico foi um meio para o "despertar" de seus leitores a diferentes assuntos e ao hábito da leitura. Corrobora o trecho de anotação da professora Ester, que faz parte do estudo de Thales de Azevedo (1994, p. 85):

Mas reclamam imediatamente quando seu filho não recebe na Escola o exemplar mensal de "Despertar" órgão das escolas municipais, gratuito, que tem sempre no frontispício uma nota sobre a efeméride cívica mais próxima, uma página para a professora, uma "página de informações rurais" pelo Serviço de Fomento Agrícola da Prefeitura, uma página de colaborações dos alunos, uma página de "conselhos úteis" sobre assuntos de economia doméstica, cozinha, etc.; páginas de assuntos humorísticos e instrutivos para a criança e de poesias, e uma página de noticiário.

Nesse sentido, o *Despertar* apresentou-se como um artefato estratégico de comunicação, angariando o interesse das pessoas da área rural para o conteúdo publicado em suas páginas. Por isso, a análise do conteúdo das diferentes colunas contribuiu para a compreensão sobre a articulação entre temas abordados e interesses da Administração Pública, além de evidenciar as possíveis estratégias usadas para influenciar as práticas desenvolvidas pela comunidade rural. Desse modo, a seguir, apresenta-se a análise realizada em torno dos temas abordados no periódico, considerando as articulações com os objetivos definidos no estudo.

3.2.1 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NAS ÁREAS RURAIS

A análise do *Despertar* motivou reflexões em torno da atuação docente e de uma formação específica dos professores rurais. Os vestígios sobre o contexto do exercício da profissão na região da Serra Gaúcha e as expectativas do Poder Público em relação às práticas docentes foram esclarecedores para as elaborações feitas. Também foram mobilizadores de compreensão sobre as estratégias usadas, por meio do periódico, para a disseminação de orientações e apreensão dos modelos propostos para os docentes que integravam a rede pública de ensino; sobre a qualificação oferecida para o exercício da docência junto à comunidade rural; e, ainda, sobre as competências que eram trabalhadas com o apoio do governo municipal.

O *Despertar* não somente trouxe evidências sobre os aspectos que envolviam a formação dos professores para as áreas rurais como também permitiu a realização de questionamentos sobre o papel do periódico como um aparato impulsionador de determinadas práticas docentes, uma vez que serviu para a proliferação de orientações e modelos que poderiam contribuir para a adoção de práticas e porque orientava sobre dados comportamentos para o exercício da docência junto às crianças e famílias da área rural. Além disso, divulgava mensagens que promoviam um sentimento de

valorização dos sujeitos que viviam em áreas mais isoladas, o que colaborava para a aceitação desses sujeitos, facilitando o trabalho docente. Também valorizava a atuação dos docentes rurais e estimulava o interesse na busca por conhecimentos específicos sobre esse cenário:

Não bastam as boas técnicas pedagógicas a quem está investido de responsabilidade educativas nas zonas rurais. Para ser de fato eficiente na sua missão, deve o professor rural conhecer os problemas específicos da região em que exerce magistério, abrangendo agricultura, higiene, economia, alimentação, pequenas indústrias domésticas (Despertar, 1951a, p. 2).

O professor era guiado para uma atuação que estivesse inserida nas rotinas da vida rural, contribuindo com soluções para melhorar a condição das pessoas daquelas localidades. Nessa perspectiva, a propagação de orientações pelo jornal poderia colaborar para fazer emergir sentimentos e atitudes favoráveis para a docência no interior, fortalecer os laços com o espaço, entre os que já tinham experiências de vida na área rural, e colaborar com saberes que qualificavam os professores com pouca habilidade pedagógica para essa atuação.

Por ventura, a atuação dos professores de proximidade ao cotidiano de vida na área rural possivelmente lhes conferia um *status* de respeito e confiança entre os sujeitos dessas comunidades, favorecendo a introdução das propostas do governo municipal. Essa representação do professor rural, atrelada à ideia de que ele era detentor de conhecimentos, alguém mais instruído, reforçava a crença da comunidade sobre o seu papel. O depoimento da professora Ester Troian Benvenuti (1983, p. 10) corrobora para essa consideração:

E, até me ocorre aqui contar um episódio, além do muito que eu poderia falar sobre esta benemérita maestra. Quando a mulher conquistou o direito do voto, lá se foi a maestra esclarecer as mulheres do vilarejo, que todas deveriam participar, fazendo-se eleitoras. E, um dia eu ouvi um alarido na frente da sua casa. Lá estavam mais de 40 mulheres, perguntando o que estava ocorrendo, elas responderam em coro: "Nós todas queremos votar na senhora e por isso resolvemos vir até a sua presença, pois hoje nós queremos votar e nós vamos fazer aquele documento que a senhora disse". Isso eu conto,

porque prova a ascendência que o mestre exercia junto a comunidade.

O exercício da docência na área rural foi pontual para a constituição de um indivíduo moldado a atender padrões de conduta de uma sociedade urbanizada, mas, ao mesmo tempo, que se mantivesse firme à frente das atividades agrícolas. Nesse sentido, os docentes tinham uma atuação que encorajava as pessoas das áreas rurais a olharem para as suas vidas sobre outras perspectivas, com a confiança de que o exercício de seu trabalho era de grande relevância social.

Em relação às reflexões sobre uma formação especializada, diferentes estudos apontam que esse foi um período de circulação de ideias sobre uma formação diferente, que respeitasse as características do espaço. Entre os defensores dessas concepções, destaca-se Sud Mennucci (1934), para quem era importante criar diferenciações quanto ao alcance e à orientação, a fim de que ajudassem a formar três mentalidades com características de cada espaço – campo, cidade e mar. Segundo ele, a escola rural normal fracassaria se fosse instituída no campo no mesmo formato que na cidade, pois o professor sem conhecimentos específicos do espaço que ocuparia se transformaria em um mero aprendiz. Em sua proposta de Escola Normal Rural, defendia a organização de conhecimentos que envolvessem o campo pedagógico, o higiênico e o agrícola. Também entendia que os docentes deveriam de constituir em uma espécie de orientadores de conhecimentos técnicos, ajudando a população rural na dissolução dos problemas.

A criação de um currículo para a constituição de um professor que respondesse com eficácia às demandas dos moradores das áreas rurais foi abordada na obra de Lex (1973), que propôs a criação de cursos com conhecimentos rurais, compreendendo higiene rural, temas relacionados aos problemas da vida social do campo – sociologia rural –, ensino da leitura e da linguagem no meio rural, educação física e

atividades rurais que estimulavam a simpatia dos professores pelo campo (Lex, 1973).

Essa formação específica que era defendida foi amplamente tratada na segunda metade do século XX, quando o movimento do ruralismo pedagógico ganhou evidência. Segundo Bezerra Neto (2016), esse movimento objetivava a fixação do sujeito no campo com a ajuda da pedagogia. A proposta foi desenvolvida em meio a uma reorganização do Estado Brasileiro na Era Vargas e a um movimento da Ação Integralista, marcado pelo nacionalismo, no início da década de 1930. Para os pedagogos ruralistas, havia a necessidade da criação de um currículo que produzisse respostas às necessidades do sujeito que vivia no meio rural, com saberes sobre agricultura e pecuária e outros relacionados ao cotidiano dessas pessoas (Bezerra Neto, 2016).

Esses aspectos foram evidenciados no *Despertar*, em matérias prescritivas:

Ensinar a alimentar-se corretamente, a cultivar uma horta, a criar galinhas e abelhas, a defender-se contra endemias e tantas outras noções indispensáveis à vida exige não só conteúdo pedagógico, mas igual dose de conhecimentos técnicos, tão necessários quanto aquele e de valor equivalente na habilitação profissional do mestre. Isto porque, professor rural qualificado é aquele que tem domínio sobre a natureza, os problemas da saúde e da produção, e tudo, enfim, quanto interesse à região. Conhecer a terra é, assim, condição precípua para que possa o professor colaborar, como lhe cabe, na melhoria das condições de vida na comunidade, tornando-a mais agradável sob os pontos de vista da sociabilidade, da economia, da estética, da saúde, da cultura geral (Despertar, 1951a, p. 2).

Além de o conteúdo do *Despertar* mostrar que havia a preocupação do Poder Público quanto ao desenvolvimento de assuntos compreendidos pela vida na área rural, também indicou o interesse do órgão de ensino na formação e qualificação para o exercício da docência no interior:

Após minucioso estudo das obras e trabalhos de caráter inadiável a serem empreendidos no exercício vindouro, no setor educacional, a Diretoria da Instrução elaborou e já apresentou ao Sr. Prefeito Municipal o planejamento de atividades e

respectivos orçamentos. Entre outros melhoramentos torna a Diretoria da Instrução a insistir na criação de uma Escola Rural que, além do ensino primário, ministrará conhecimentos práticos de agricultura. Trata, ainda, da fundação de um maior número de Clubes Agrícolas [...] (Despertar, 1950e, p. 16).

Essa preocupação expressa nas páginas do periódico alude às reflexões de Chaloba (2017) sobre a ampliação das iniciativas para a criação de instituições formadoras de professores para as áreas rurais no período de 1930 a 1970, um movimento que foi impulsionado pelo gradativo êxodo das pessoas do campo, devido à propagação dos pensamentos ruralistas e às políticas do governo federal que objetivavam conter a migração das pessoas das zonas rurais – como, por exemplo, com a organização de políticas nacionais para a Educação Rural. Em 1952, surgiu a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), que promovia ações para impulsionar o ensino na área rural por meio da capacitação de professores. Nesse sentido, os Cursos Normais regionais eram orientados pelas diretrizes da Lei Orgânica do Ensino Agrícola (Brasília, 1946b). De acordo com Ferreira (2017), essas ações atendiam à recomendação da UNESCO, na publicação *The Organization of Rural Education*, do ano de 1936, que propunha algumas atividades, como as que foram cumpridas pelos clubes agrícolas e de leitura, ou, ainda, por meio de exibição de filmes. Essas ações foram aplicadas localmente e emergiram da análise dos documentos.

Na década de 1940, na região de Caxias, houve um trabalho da gestão municipal apoiado pela congregação dos padres Josefinos de Murialdo para o oferecimento de cursos destinados à formação e/ou qualificação de docentes rurais, o que já foi apresentado anteriormente. Fotografia divulgada no jornal *Pioneiro*, do ano de 1966, ilustra alunos e professores em frente ao Colégio e indica a predominância de alunos do sexo masculino, possivelmente por se tratar de um curso ligado ao seminário, no qual somente homens podiam frequentar.

Figura 6 – Foto dos alunos, professores e funcionários da Escola São José dos padres Josefinos de Murialdo



Fonte: Jornal Pioneiro (2018).

A formação dos professores, em Caxias do Sul, passou a ocupar espaço de maior frequência no *Despertar* a partir das edições da década de 1950, período em que se identifica uma recorrência de chamadas para provas e cursos para formação: “Funcionará em 1950, gratuitamente, um Curso de Férias, para as professoras nomeadas interinamente e para candidatas ao magistério municipal, sob a direta orientação da Diretoria da Instrução Pública” (*Despertar*, 1949d, p. 7). Notícias como essa se repetiam anualmente: “Funcionou no decorrer do mês de janeiro, na sala da Biblioteca Pública, desta cidade, o curso de Férias para professoras e candidatas ao magistério. As aulas que estiveram concorridíssimas foram ministradas pelas professoras” (*Despertar*, 1951b, p. 7). Outras notas ainda dão indicativos sobre essa formação específica para a área rural:

Causou geral contentamento entre o magistério municipal a aprovação obtida pela educacionista Leda Dal Prá, no exame de habilitação ao Curso Intensivo de Formação de Professores Rurais, realizado recentemente na Secretaria de Educação e Cultura, em Porto Alegre. A referida professora encontra-se em Viamão em prosseguimento ao Curso Intensivo de aprendizagem agrícola (*Despertar*, 1951b, p. 7).

A partir do excerto e da fotografia do Colégio Murialdo, infere-se que, apesar de a cidade oferecer cursos para a formação de professores rurais, as mulheres ainda procuravam essa formação fora de Caxias, fato que contribui para o entendimento de que a formação oferecida pela congregação dos padres Josefinos de Murialdo era destinada para os homens que iniciavam os estudos no seminário. Essa questão da restrição às mulheres e da forçosa procura por formação específica fora da cidade é observada no *Despertar*: “Acabam de ser nomeadas para o Magistério Rural Estadual, as professoras municipais Adélia Dal Pont e Laura Grillo que concluíram o curso intensivo rural na cidade de Osório” (*Despertar*, 1953b, p. 8).

Outro ponto que chama a atenção é o que trata sobre os exames de suficiência. A Diretoria da Instrução Pública oferecia os exames como estratégia para promover a adequação do quadro de professores municipais dentro de um modelo desejado pelo órgão. Dessa forma, é provável que os professores que pretendessem seguir a carreira de docentes no município tivessem que procurar cursos para essa adequação em sua formação. “Todos os componentes do magistério, que contarem menos de dez anos de serviço, estão sujeitos a uma prova de suficiência, em época previamente fixada” (*Despertar*, 1948d, p. 9). Tal questão é observada no seguinte trecho: “Teve lugar em fevereiro último, na Biblioteca Pública Municipal, os exames de suficiência ao Magistério Municipal. Compareceram mais de quarenta candidatas, e o resultado das provas acusou baixo índice de aprovação” (*Despertar*, 1953b, p. 9).

Desse modo, os exames de suficiência promovidos pela administração municipal tinham a finalidade de adequar o corpo docente ao perfil desejado. Essas observações são feitas considerando-se os textos da coluna “Noticiário” e a partir da leitura do Relatório de Administração Municipal, em que são divulgadas as ações adotadas para a qualidade do ensino caxiense: “Precisamos zelar também pela qualidade e

rendimento da escola. Assim sendo, registramos uma etapa de intensa atividade no magistério, objetivando aprimorar o ensino e aumentar-lhe o rendimento, através de diretrizes técnicas e didáticas" (Caxias do Sul, 1952-1954, p. 14).

Nas estatísticas divulgadas pela prefeitura, no *Despertar* verifica-se que os índices de reprovação são expressivamente maiores que os de aprovação: "Aos exames de suficiência inscreveram-se trinta e cinco candidatas ao Magistério Municipal. O resultado das provas acusou o seguinte: Aprovadas – 8. Reprovadas – 27" (*Despertar*, 1951b, p. 7); "Foram convocadas onze educacionistas, sendo que sete alcançaram a aprovação. É esse o último exame realizado com o programa atual [...] o próximo ano sofrerá algumas modificações, visando um preparo mais completo" (*Despertar*, 1950b, p. 8). Esse número de reprovação pode estar relacionado à escassez de uma formação específica em Caxias do Sul e às dificuldades no acesso aos cursos, possivelmente pela distância entre as localidades em que viviam as docentes e estavam situadas as escolas de formação.

Outro motivo pode ser o fato de que as docentes constituíam famílias nessas localidades e, por isso, abdicavam da formação para se dedicarem exclusivamente à família e ao lar: "Em virtude de ter contraído matrimônio solicitou exoneração do cargo de professora municipal, a senhora Maria Ana Venturin, que vinha exercendo o magistério, com muita dedicação, na Escola Isolda Felipe Camarão – Monte Bérico" (*Despertar*, 1948f, p. 8).

Outro aspecto relevante para as conjecturas desta seção é que as professoras mais antigas – com mais anos de atuação – iniciaram de forma precoce a carreira de docentes, ainda na infância. Sem uma preparação para o exercício da profissão, a docência acontecia muito pela intuição e pelo reflexo dos ensinamentos recebidos na escola e, ainda, sob a influência de congregações religiosas. Assim como recorda a professora Ester Troian Benvenuti (1983, p. 10), sobre sua iniciação à frente das escolas rurais:

E assim eu com treze anos incompletos, eu fui lá para alfabetizar em Santo Anselmo. [...] Alunos, em sua maioria, eram todos mais velhos do que eu, e muitos até adultos. Era inspetor escolar na época o senhor Santos Ceroni, que me aconselhou reunir os pais para arrumar os bancos, o quadro negro e que me virasse com a escola. [...] E, nesse período, lembro o apoio e a orientação que recebi dos padres Josefinos, que recém tinham chegado à Ana Rech, e das Irmãs do Colégio Nossa Senhora do Pompéia. Após muitos sonhos e muitas lutas, consegui completar o curso na Escola Complementar [...]. E a seguir ingressei no magistério do Estado, em 1942, nomeada que fui pelo Secretário da Educação e Cultura da época, doutor José Coelho de Souza. [...] Bem, quando eu resolvi estudar, que abriu aqui a escola, ah, Complementar, eu disse, eu vou me formar. Ah, muitas pessoas ficaram assim, horrorizadas. Diziam: "Ah, tu não precisas estudar, tu já sabes, tu já és professora, tu já estás ensinando mais do que isso não precisa [...]". Então, eu vim e fiz o exame de admissão aqui. Fui aprovada e entrei na Escola Elementar e consegui dois anos de frequência livre. Só vinha prestar exames [...]. Mas o terceiro ano, aí então a diretora Rosalba Hipólito, ela me chamou e disse: "Olha, minha filha, o terceiro ano, pra você se formar, tem que frequentar as aulas, porque tem que receber uma orientação mais técnica, pedagógica e tal". Então, fui falar com o prefeito, né? [...] E ele então falou com a dona Rosalba Hipólito, perguntando se eu era um elemento aproveitável no magistério [...]. Ela diz: "Ela frequentou o primeiro e segundo tem tirado notas boas!" Então, um dia ele apareceu lá na escola, na minha escola e tive a sorte, digo eu tive a sorte, que recém nós tínhamos inaugurado um prédio que os colonos construíram, um prédio novo pra a escola [...].

De acordo com Luchese e Grazziotin (2015), os imigrantes italianos selecionavam, entre as famílias da comunidade, as mulheres com mais conhecimentos, e ainda na adolescência elas assumiam o cargo de professoras. Segundo as pesquisadoras, essas nomeações não obedeciam a critérios previamente estabelecidos, muitas eram indicadas pelas famílias e realizavam uma espécie de entrevista com os intendentess municipais. No entanto, com as políticas educacionais em esfera nacional e estadual, da década de 1930, iniciaram-se discussões sobre a formação dos professores, uma vez que eram representativamente leigos e acabavam por reproduzir as suas experiências escolares em sua prática. Dessa forma, cursos e encontros formativos-pedagógicos passaram a ser oferecidos no período de férias (Luchese; Grazziotin, 2015).

A professora Ester faz um comparativo entre o período de sua iniciação como docente e o de sua atuação na Diretoria da Instrução e considera que houve uma maior fiscalização por parte da administração, com uma cobrança mais rigorosa nos exames de admissão. Ela explica que, na época em que se submeteu aos testes para iniciar no magistério, eles atestavam o seu desempenho na escrita de carta, na resolução de problemas que continham as quatro operações aritméticas e nas respostas a questionamentos relacionados ao civismo tendo como base um livreto de Moral e Cívica. Já ocupando a função de orientadora, observou que os exames de admissão seguiam as disposições do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional da Secretaria de Educação; depois disso, as docentes começaram a ter disponível um programa com a realização de concursos, qualificando a admissão (Benvenuti, 1983).

No Decreto Nacional nº 8.529, de janeiro de 1946, Lei Orgânica do Ensino Primário, o capítulo 5º aborda a definição de critérios para a admissão dos docentes e o aperfeiçoamento técnico, no entanto não há referência a uma formação específica para os professores da área rural (Brasília, 1946ª, n.p.):

Art. 34. O magistério primário só pode ser exercido por brasileiros, maiores de dezoito anos, em boas condições de saúde física e mental, e que hajam recebido preparação conveniente, em cursos apropriados, ou prestado exame de habilitação, na forma da lei.

Art. 35. Os poderes públicos providenciarão no sentido de obterem contínuo aperfeiçoamento técnico do professorado das suas escolas primárias.

Ainda no que se refere à legislação, em âmbito municipal, no Regulamento da Diretoria da Instrução Pública Municipal, do ano de 1951, há referência à integração do sujeito ao meio social, “dando ao educando uma visão real do meio em que vive e cresce” e possibilitando-o conhecer o “alto sentido da vida rural” (Caxias do Sul, 1951, p. 1). Não há referência à formação dos professores para a área rural, mas existem apontamentos

sobre a comprovação de conhecimentos específicos sobre agricultura durante concursos de títulos e provas:

Art. 22º – Serão admitidos ao concurso todos os candidatos que requererem inscrição, juntando os seguintes documentos: a) Prova de que o candidato tem mais de 18 anos e menos de 40 anos de idade. b) Prova de estar quite com o serviço militar, quando à – éle obrigado. c) Atestado de saúde passado pelo Posto de Higiene.

Parágrafo Único – O programa, que constará de Português, Matemática, Estudos Sociais e Naturais, Pedagogia, Economia Doméstica, Puericultura, Agricultura, Desenho e Artes Aplicadas, Música e Educação Física, será fornecido anualmente pela Diretoria da Instrução Pública Municipal (Caxias do Sul, 1951, p. 6).

Suponho que os conhecimentos acerca do cotidiano de vida nas localidades rurais não eram os mais difíceis de serem desenvolvidos pelos professores, pela própria experiência de vida na área rural, pelo histórico familiar e pela proximidade com a cultura desenvolvida nesse espaço. Luchese (2007) fala dos professores como representantes dos grupos que viviam no interior, exercendo papéis de destaque em diferentes situações – como, por exemplo, em atividades religiosas, para uma orientação – e sendo porta-vozes das comunidades do interior, levando as reivindicações e necessidades para as autoridades municipais. Presumo que essa presença de destaque ajudou a construir a representação dos professores junto às comunidades rurais e lhes atribuía o papel de mediadores nas relações que se estabeleciam entre o Poder Público e as comunidades rurais, algo não sugerido na legislação do ensino, mas uma competência adquirida pela convivência diária com as pessoas do interior, atuação que emerge nas páginas do *Despertar*.

As notícias de participações dos professores em atos formais do Poder Público e em eventos das comunidades rurais que reuniam pais, alunos e autoridades são um exemplo da representatividade dos docentes: “A primeira escola inaugurada foi a D. José Baréa, da zona Vanassi. [...] Na Escola ‘Aloísio de Azevedo’ falaram o Prefeito e a Prof. Laura Grillo” (Despertar, 1952h, p. 15-16); “Teve lugar no dia 25 do mês de

julho a solene inauguração do prédio para a Escola 'Santo Baldasso' [...]. Dando início a solenidade, foi cantado o Hino Nacional e a professora regente Srta. Alda Isotton saudou o Sr. Prefeito Municipal" (*Despertar*, 1954e, p. 12); "Inaugurou-se no dia 12 de julho pela manhã, em Vila Sêca, o novo prédio da Escola Municipal Antônio Pereira Soares [...]. Agradecendo a presença do Sr. Prefeito [...] fez uso da palavra a professora da Escola Sra. Anathália Marchesi" (*Despertar*, 1952h, p. 14-15); e "foi solenemente fundado, no mês findo, um Clube Agrícola na Escola Rui Barbosa [...]. O *Despertar* cumprimenta a regente da Escola Srta. Natalina Bovo, pela sua dedicação e pela maneira brilhante com que organizou o programa dos festejos" (*Despertar*, 1950e, p. 16).

Nesse sentido, o papel desempenhado reforça a ideia de que as comunidades das localidades rurais depositavam a sua confiança e simpatia sobre uma imagem dos docentes, a ponto de os elegerem como "porta-vozes". Nesse contexto, a Administração Pública angariava espaço para a promoção de transformações significativas nas práticas desenvolvidas nas áreas rurais por meio desse agente.

Outro ponto evidenciado no *Despertar* é o que indica uma possível participação dos professores na produção dos alunos de matérias enviadas à redação do periódico para a coluna "Colaboração e Boa Vontade", reflexão possibilitada a partir do cotejamento entre os seguintes elementos: a correção na escrita dos textos; o nível de instrução dos alunos; a dificuldade da escrita em português em virtude do uso do dialeto italiano pelas famílias da comunidade. Essa possível intervenção dos professores na produção dos textos poderia acontecer como uma forma de ajustar algo que pudesse repercutir de forma negativa sobre a sua atuação ou para a escola. A estrutura textual e algumas expressões utilizadas corroboram para essa consideração:

Grupo Escolar Municipal "José Bonifácio", 27 de agosto de 1952. Prezada Orientadora. Tenho o grato prazer de vir agradecer-lhe pela remessa do jornalzinho o "Despertar". Sinto-me muito feliz com êsse jornal, porque espanta as trevas da igno-

rância. Gosto muito das páginas "Colaboração e Boa Vontade e Para Você Criança". Quero que a senhora continue sempre a nos oferecer esse útil jornal, que venha sempre mais bonito e instrutivo. Fico com o coração repleto de alegria em pegar esse jornalzinho na mão e também meus pais depois do jantar, gostam muito de ouvir essas coisas úteis que contem. Peço que o dia dos exames seja a senhora que venha visitar a nossa escola. Para finalizar aceite um forte abraço da aluna 4º ano, Cecília Baldo (Despertar, 1952g, p. 4).

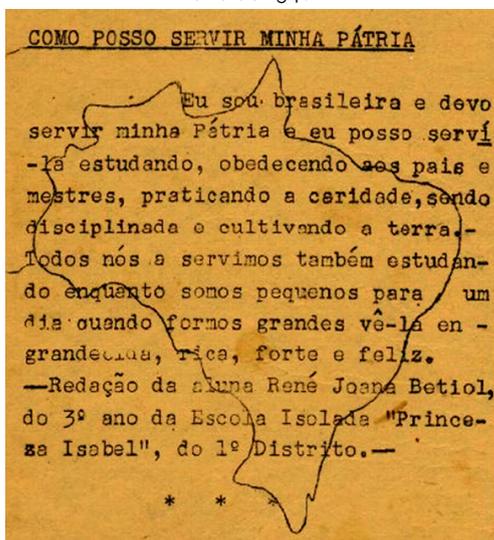
No que se relaciona à dificuldade das famílias com a língua portuguesa, atuavam como facilitadores da educação nas áreas rurais, Ester Troian Benvenuti (1983, p. 10) relembra essa abordagem: "Se era uma família que só falava o italiano, a alfabetização se tornava mais difícil. [...] Falava o dialeto italiano, sem dúvida nenhuma [...] eu os entendia todos". As análises cooperam para a ideia de que havia uma interferência dos docentes sobre os textos enviados ao periódico, o que é fortalecido pela aproximação dos conteúdos das colaborações aos conhecimentos sugeridos nas diretrizes do ensino rural e em outras colunas de orientação publicadas no *Despertar*, como as da figura 7 e 8:

Figura 7 – Excerto da coluna "Higiene" do *Despertar* do ano de 1947.



Fonte: *Despertar*, 1947a, p. 7.

Figura 8 – Excerto da coluna “Colaboração e Boa Vontade” do *Despertar* do ano de 1948



Fonte: *Despertar*, 1948e, p. 5.

Essa reprodução das informações publicadas em outras colunas, na seção “Colaboração e Boa Vontade”, indica um possível sucesso da Diretoria da Instrução Pública com a apropriação, por parte dos professores e alunos, dos temas sugeridos nas diretrizes de ensino para a área rural. Tal apropriação está relacionada ao modo como o indivíduo percebe as representações e estabelece os sentidos:

[...] a apropriação visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (Chartier, 1991, p. 180).

Nesse contexto, o periódico contribuiu para a disseminação de orientações que visavam modificar ou inserir práticas,

considerando-se as repetições dos temas como evidência de uma possível apropriação das informações publicadas no periódico, algo corroborado pelos excertos a seguir: "De manhã bem cedinho salto da cama, rezo a oração da manhã, lavo o rosto e escovo os dentes" (*Despertar*, 1953a, p. 4); "Um menino que sabe cuidar de seu corpo, deve: tomar banho diariamente ou ao menos duas vezes por semana [...] escovar os dentes, pelo menos pela manhã e à noite" (*Despertar*, 1952h, p. 12); e "Este cantinho quer ajuda-lo a rezar com alegria. Não é difícil. Só é necessário fazer um esforço e acostumar-se pouco a pouco; então tudo será mais fácil. Oração da manhã. Quando acordar, meu filho, você deve pensar logo em Jesus" (*Despertar*, 1948d, p. 8).

Essas reflexões são ratificadas a partir de concepções como a de Chartier (1990, p. 26): "No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito, coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo".

Os professores, nesse processo, colaboravam com a leitura e a interpretação do que era publicado no *Despertar*. Além disso, há evidências de que essa participação cooperava para um sentimento de cortesia e, em algumas vezes, de gratidão da comunidade em relação à Administração Pública, evidenciada em registros no *Despertar*, como emerge nos recortes do jornal das Figuras 9 e 10:

Figura 9 – Coluna “Colaboração e Bôa Vontade” – *Despertar*

Cartinha

Escola Singular “1º de Maio” 12 de Maio de 1954.

Ilmo. Major Euclides Triches
D. D. Prefeito Municipal

Saúde e felicidades são os meus votos
Em nome dos meus colegas e das Professôras, venho agradecer-vos pelo interêsse na construção da nossa nova escola, que já muito tempo a desejávamos

Nós e nossos Pais ficamos contentíssimos e desejaríamos ver esta cartinha publicada, para demonstrar que mais um passo foi dado, pelo desenvolvimento da nossa querida Caxias.

Abraço do amiguinho
Semiro Boone, aluno do 4º ano.

Fonte: *Despertar*, 1954, p. 4.

Figura 10 – Coluna “Colaboração e Bôa Vontade” – *Despertar*

Escola “Frei Caneca”, 25 de setembro de 1952.

Senhor Prefeito
Saúde e felicidade.

Lí na primeira página do jornalzinho “*Despertar*”, a vossa saudação a todos os agricultores de Caxias do Sul, pela passagem do “Dia do Agricultor.

Fizemos a leitura em aula e ao chegar em casa papai quis que a lesse para êle ouvir.

Senhor Prefeito, papai ficou muito contente com as belas frases que vós dirigistes e pediu-me que escrevesse, agradecendo-vos.

Abraços do amiguinho
Vomar Tomé
Aluno do 4º ano da escola “Frei Caneca”

Fonte: *Despertar*, 1952, p. 4.

Nesse sentido, os professores foram elos entre os dois grupos, possibilitando a compreensão de realidades distintas e adequando as expectativas às necessidades. O *Despertar* transportou, pelo tempo, as evidências que ajudam a esclarecer essa relação e a compreender quais eram os anseios da administração sobre a docência nas escolas públicas de ensino. Foi um artefato importante na difusão de orientações relacionadas à atuação dos professores para a área rural, uma vez que foi um instrumento para a formação docente, apoiando a circulação de teorias, métodos e sugestões e contribuindo para a apreensão de práticas escolares (Biccas, 2002).

Por meio das colunas do *Despertar*, os vestígios mostram propostas do órgão público de ensino para a formação dos professores. Indicando exigências e orientações repassadas ao corpo docente, visavam a uma adequação às necessidades e à realidade das comunidades da área rural, um alinhamento às orientações preconizadas pelas leis nacionais. Porém, havia lacunas para uma qualificação dos docentes, como a escassez de escolas para formação específica e, talvez, a falta de cursos ou a pouca adesão dos professores em atividades formativas, o que parece acontecer pelo número expressivo de candidatos aprovados nos concursos.

Nesse contexto, o jornal *Despertar* parece ter servido para fazer nascer uma necessidade de adequação, como um mecanismo de orientação intelectual e moral para a formação dos professores e, ao mesmo tempo, para os seus demais leitores:

Um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão é a imprensa, portadora e produtora de significações. A partir da necessidade de informar sobre fatos, opiniões e acontecimentos, a imprensa procura engendrar uma mentalidade – uma certa maneira de ver – no seu destinatário, construindo um público-leitor (Bastos, 2002, p. 5).

As evidências que emergem do *Despertar* são esclarecedoras quanto a sua utilização como um recurso apoiador das práticas docentes e para a instrução sobre as práticas cotidianas. Nesse sentido, o *Despertar* cooperou por oferecer

subsídios para o planejamento de temas/aulas, ao publicar informações em uma linguagem de fácil compreensão, mas com embasamento técnico. Além disso, o periódico também apresentou uma série de assuntos que poderiam ser mais comuns para os sujeitos que viviam na área urbana, o que indica que havia o objetivo da administração, muito possivelmente por uma necessidade de adequação das comunidades rurais, de propagar conteúdos que cooperassem de algum modo para as práticas cotidianas, como, por exemplo, as recomendações sobre higiene e saúde.

O *Despertar* surgiu como um artefato para a propagação de saberes que envolviam uma atuação mais prática e facilitadora dentro do contexto de vida na área rural. Algumas orientações publicadas no periódico deixavam evidentes as singularidades da educação nessa região. Nesse sentido, a próxima seção trará algumas evidências e reflexões sobre o papel do jornal para a circulação de ideias de um movimento que estava alinhado com a educação no cenário rural: o ruralismo pedagógico.

3.2.2 O RURALISMO NO DESPERTAR OU O DESPERTAR DO RURALISMO

O movimento do ruralismo pedagógico apresentava uma proposta de educação para as pessoas que viviam no campo de uma forma diferente da desenvolvida na área urbana. Um dos objetivos era criar atrativos ou melhores condições, a fim de que essas pessoas não migrassem para a cidade em busca de novas perspectivas de vida, vislumbradas pelo crescimento da indústria. No entanto, o desenvolvimento de programas relevantes às escolas que atuavam na área rural aconteceu de uma forma mais contundente, a partir de 1930, com a consolidação das ideias dos pioneiros do ruralismo pedagógico. Na década seguinte, as ideias do ruralismo pedagógico visavam combater o "inchaço" das cidades, a partir daí a educação auxiliou na compreensão dos sujeitos que viviam na área rural sobre a importância desse espaço. No referido contexto, surge a necessidade de adaptar os programas e currículos de

ensino à cultura rural. Para isso, foram adotadas ações, entre elas: o incentivo à modernização das técnicas aplicadas no trabalho; a profissionalização do trabalho; e o fortalecimento da ideia de que a modernização ajudaria a elevar a condição de vida das pessoas das áreas rurais (Bresolin; Ecco, 2008).

A proposta de educação do trabalhador rural, apresentada pelo ruralismo pedagógico, estava fundamentada na ideia de fixar os sujeitos no espaço rural com a escola como apoiadora. Porém, o que aconteceu em algumas regiões foi a criação de cursos de ruralismo, e não de Escolas Normais Rurais que desenvolvessem o professor para uma atuação especializada (Bezerra Neto, 2016), fato que foi evidenciado no subcapítulo anterior. Tendo a escola a presença dos professores como responsáveis por uma educação guiada pelos preceitos do ruralismo pedagógico, justifica-se a importância da habilitação desses profissionais para uma atuação junto à comunidade rural.

Da análise de documentos da Administração Pública emergem vestígios de que, em Caxias do Sul e cidades vizinhas, compartilhava-se a preocupação com o êxodo dos habitantes das áreas rurais. Em 1940, durante a I Conferência Regional de Cooperação Intermunicipal em Caxias do Sul, prefeitos da região da Serra apresentaram suas teses sobre o êxodo da população das áreas rurais, entre eles Vicente Dal Bó, prefeito de Garibaldi. Em um projeto para minimizar o êxodo dos agricultores, esse administrador municipal propôs a redução dos impostos sobre a terra e de outros encargos sobre a produção. Outro ponto destacado referiu-se à inserção de novas culturas e orientações que visavam aprimorar o trabalho dos sujeitos da área rural, o que deveria começar pela educação das crianças: "mister se torna difundir as linhas mestras dessa remodelação, a começar pelas crianças nas escolas primárias, preparando convenientemente, o respetivo professorado e, até aos jovens das casernas, ministrando-lhes os conhecimentos e estudos adequados" (Dal Bó, 1940, p. 4).

Esse sentimento de munir as pessoas das áreas rurais de saberes que contribuíssem para uma melhora na sua condição de vida foi evidenciado na leitura do *Despertar*, por meio da disseminação de informações sobre novas técnicas e de orientações para produzir mais e melhor. O compartilhamento desses conhecimentos favorecia tanto as famílias de agricultoras como a Administração Municipal, porque contribuía para o crescimento do segmento agrícola e da economia do município. Temas que envolviam a área rural apareceram no periódico em 310 registros ao longo do período de circulação. O assunto conquistou um espaço cativo no jornal, por meio da coluna "Informações Rurais", com conteúdo informativo prescritivo que objetivava o desenvolvimento do trabalho realizado na área rural, no segmento agrícola e de pecuária, o que foi apreciado a partir de matérias como a do excerto: "Organizamos cinco pomares modelos [...] observamos todos os requisitos da Técnica: escolha e exposição do terreno; escolha de variedades [...] adaptáveis ao nosso solo [...]; distância de planta a planta e plantio acompanhado da poda de formação" (*Despertar*, 1954c, p. 3).

Orientações como essa apareceram em todas as edições (íntegras) analisadas do *Despertar*. A essência dos conteúdos publicados na coluna "Informações Rurais" não sofre alterações ao longo dos anos de circulação do jornal. As orientações envolviam temas sobre a produção de uma variedade de hortifrutigranjeiros, como no exemplo: "Está a cargo do Técnico Rural Valdir Mugnol [...] o que denominaremos de Centro Avícola Municipal. Os interessados para uma exploração desta natureza, encontrarão explicações de grande utilidade sobre as melhores raças adaptáveis a nossa região" (*Despertar*, 1954c, p. 3). O espaço também incluía indicações para o preparo e cultivo do solo: "O solo é pobre quando os vegetais que nele crescem apresentam um aspeto raquitico: ramos compridos e finos e folhas pequenas e fracas. Nestes solos para se ter boas colheitas deve-se usar estrume e adubos químicos e trabalhar bem a terra" (*Despertar*, 1952c, p. 3). Além disso, apresentava dicas para o combate às pragas

e doenças que afetavam plantações e criações: "Como combater algumas pragas das frutas. Nos pessegueiros. [...] No inverno podem ser combatidos pela Calda Sulfocálcica de 2 a 3% e pelo Alboliniun a 1,5%. Este remédio [...] se encontra na Diretoria de Fomentos Agrícola" (*Despertar*, 1953a, p. 3).

O *Despertar* tinha uma função semelhante ao de um guia prático na resolução de problemas para a área rural, cooperando na disseminação de orientações que interessavam às pessoas do interior do município, um possível motivo para ter angariado leitores fiéis por onde circulou. Também cooperava com os órgãos municipais, diminuindo as distâncias que não eram somente físicas, para estreitar os laços com as pessoas que se estabeleciam nas áreas rurais.

Outro ponto é o envolvimento das crianças nos assuntos relacionados ao trabalho, evidências de que os alunos eram os portadores das informações publicadas no periódico, repassando-as às famílias, ficaram impressas em matérias que faziam um "chamamento" aos alunos para que realizassem o papel de "traduzir" aos pais os ensinamentos publicados nas páginas do *Despertar*:

Estrumeiras modelo – Criança, lê para o teu paizinho que: A Prefeitura Municipal vai dar início à campanha da estrumeira modelo. Esta é uma iniciativa que virá trazer grandes benefícios aos agricultores. Todos já conhecem a importância que tem o estrume no aumento das produções. Além disso o estrume dos animais de cocheira é o adubo mais barato com que pode contar o colono para fertilizar as suas terras. [...] O que a Prefeitura se propõe a fazer é o seguinte: entrega a cada agricultor interessado a planta de uma estrumeira, fácil de construir e cujo tamanho varia conforme o número de animais e dará todas as explicações necessárias para a sua construção [...] (*Despertar*, 1952e, p. 3).

O apoio da Administração Municipal para o desenvolvimento da agricultura familiar parecia ser bem didático, buscando facilitar a aplicação dos modelos dados. Nesse sentido, o aluno, filho de agricultor, recebia o apoio dos docentes que realizavam a primeira mediação do conteúdo publicado no jornal e, posteriormente, parecia realizar o trabalho de fazer uma segunda mediação para a família ou agir como incenti-

vador para que os pais buscassem mais orientações sobre o que o jornal havia publicado.

O órgão responsável pela promoção das atividades rurais no município (Diretoria de Fomento e Assistência Rural) mantinha uma relação bem próxima com o órgão responsável pelas escolas municipais (Diretoria da Instrução Pública). Essa relação conferiu ao primeiro órgão o direito de assinar a coluna "Informações Rurais" do *Despertar*. Ainda emergem evidências da leitura de outras colunas, que indicam que aos professores era confiado o papel de intermediar a comunicação entre os agricultores e a Administração Municipal. A confiança e o respeito conquistados pelo professor que atuava naquelas regiões lhe ajudavam a transpor a incredulidade da comunidade das áreas rurais para com a Administração Municipal:

A Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura, com a colaboração da Diretoria de Instrução Pública e da Agência de Estatística local e com plano apóio do Sr. Prefeito, vai dar início ao levantamento geral das propriedades do município. Quer dizer, tôdas as propriedades agrícolas do Município vão ser visitadas pelas professoras das Escolas ou outras pessoas encarregadas, para colher dados referentes a vida da colônia. O Governo Municipal quer o bem da colônia. Não quer aumentar os impostos, nem explorar os colonos. Ele quer o bem dos nossos agricultores, quer que a nossa colônia viva melhor e que os que trabalham a terra ganhem mais dinheiro. Por isso ele manda encarregados a fazer perguntas aos agricultores. Perguntas simples que todos podem responder. Com estas respostas, de todos os agricultores do município, o Govêrno Municipal fica conhecendo não mais ou menos, não de qualquer jeito, mas fica conhecendo bem como é a vida da colônia. Pode então traçar planos, tomar medidas que imediatamente tragam benefícios à colônia. Por isso, devem os bons agricultores atender bem, como sempre fazem, as pessoas que lhes forem procurar para esse trabalho e responder com exatidão às perguntas (*Despertar*, 1952g, p. 3).

Nesse sentido, a Diretoria da Instrução Pública colaborava com os interesses da Diretoria de Fomento e desenvolvia o ensino nas escolas rurais caxienses por meio de uma pedagogia que evocava o ruralismo. Assim, a sua atuação é definida no próprio periódico como a de "orientar e assistir às atividades da Colônia afim de que elas produzam sempre

maiores rendimentos", e apresentava as nuances dos ideais defendidos pela pedagogia ruralista (Despertar, 1952a, p. 3).

Outro indício observado envolve o trabalho da prefeitura com um projeto de "planificação agropecuária do município", que apresentava ações para a melhoria de vida das comunidades rurais, com a redução de impostos aos trabalhadores, a mecanização do trabalho realizado pelos homens, o fornecimento de água encanada, de meios de cozinha e de aquecimento para o trabalho executado pelas mulheres, a melhoria das vias de comunicação e a organização e criação de espaços sociais, como grêmios e sociedades (Despertar, 1952d).

Em relação às ideias sustentadas pelo ruralismo pedagógico, segundo Bezerra Neto (2016), entre os pensadores dessa época havia discrepâncias, pois alguns defendiam a industrialização – é o caso de Anísio Teixeira –, enquanto outros – como Sud Menucci, Carneiro Leão e Alberto Torres – sustentavam a ruralização do Brasil. Mas tinham em comum a defesa do português e o fortalecimento do ensino e da nação.

Destaca-se a proposta ruralista e nacionalista de Sud Menucci (1934), para quem o problema do Brasil era realizar cópias de outros países, o que fez com que surgissem leis que favoreciam a proteção das cidades e do urbanismo, pensando-se na organização dos serviços sem se considerar o campo. O pensador criticava a instituição das escolas nas áreas urbanas e o modo como as escolas rurais funcionavam. Outra questão exposta por ele relacionava-se à formação dos professores para o campo, o que também influenciava o insucesso da escola rural, especialmente pelo envio de professores inexperientes e treinados em estabelecimentos urbanos. Menucci (1934) defendia uma escola que formasse mentalidades reconhecedoras do indivíduo no seu modo de agir, considerando a nacionalidade. Entre os planos para o sucesso da escola rural, constava: facilitar a posse da terra às pessoas que viviam nessas regiões; desenvolver um perfil de professor rural com consciência agrícola, investindo-se em

uma escola para a formação específica que compreendesse o pedagógico, o higiênico e o agrícola; e oferecer atrativos como luz elétrica, rádio e telefone.

A formação específica de professores rurais na região de Caxias do Sul já foi abordada no subcapítulo anterior. Sobre outras premissas destacadas anteriormente, como uma pedagogia ruralista, localizaram-se indícios nas publicações do *Despertar* que demonstram um esforço semelhante do Município em adequar o ensino nas localidades rurais, como, por exemplo:

Ilmo. Sr. Major Euclides Triches D. D. Prefeito Municipal Caxias do Sul. Cabe-me o grato dever de apresentar-vos, em nome dos moradores da Linha São Maximiliano, os nossos sinceros agradecimentos pela gentileza demonstrada por vossa senhoria por nos ter obsequiado com um telefone em nossa localidade, o qual já se acha em franco funcionamento. Achamo-nos satisfeitos pelo prêmio oferecido por vossa senhoria. Abraços do amiguinho Amado F. Lazzarotto, aluno do 4 ano, da Escola Isolda Pinheiro Machado (*Despertar*, 1954a, p. 4).

Esses investimentos também envolviam a aquisição de equipamentos para facilitar o trabalho do agricultor, exemplificado no excerto a seguir:

Proseguindo o programa que nós traçamos por ocasião das eleições, entendo que o ato do Governo Municipal é um passo acertado em prol dos nossos bravos e esforçados agricultores, permitindo-se assim maior produtividade. Quanto às máquinas, que são possantes, fizemos questão que fossem movidas a óleo cru, e serem o mais econômicas. Já fizemos encomenda, além do arado e da grade, uma enxada mecânica para ser adaptada ao trator. Essa enchada provocará uma verdadeira revolução [...] Palavra do Prefeito Major Euclides Triches (*Despertar*, 1953c, p. 8).

Havia ainda um número considerável de ações voltadas a dar condições melhores para as pessoas que viviam nas áreas rurais, possivelmente para evitar o êxodo para a área urbana. Corrobora essa reflexão o excerto da matéria publicada e dirigida às famílias das áreas rurais que fez uma campanha contrária à vida na cidade:

A nossa região colonial serrana está em condições bem favoráveis para a produção da maioria das frutas conhecidas. [...] Hoje em dia a Agricultura está sofrendo um grande impulso com a mecanização da lavoura. A Fruticultura também está seguindo um melhoramento em seu cultivo quase moderno. Anos atrás, muitos agricultores abandonaram suas terras para virem morar na cidade. As leis trabalhistas prometiam bons ordenados. Hoje em dia, a tendência é voltar para a colônia. Hoje o operário não está seguro (Despertar, 1954b, p. 3).

Alguns vestígios de ações do Poder Público caxiense que ficaram impressos no jornal coincidiam com as ideias da pedagogia ruralista, como os relacionados ao desenvolvimento das técnicas de trabalho, com a instalação de espaços de apoio aos conhecimentos agrícolas na constituição de Clubes Agrícolas pelas localidades do interior. Esses espaços forneciam conhecimentos sobre técnicas de trabalho na área rural, disponibilizavam matérias-primas aos agricultores e incentivavam a formação técnica de seus filhos. De acordo com Nicolau (2015), enquanto as escolas primárias rurais respondiam ao Ministério da Educação, os Clubes Agrícolas eram responsabilidade do Ministério da Agricultura, que por meio da instalação desses locais via uma forma de oferecer mais formação aos jovens, oxigenando as práticas desenvolvidas na área rural. Em tal contexto, os clubes cumpriam as aspirações de classes dominantes, constituindo o futuro do trabalhador do campo e incentivando as atividades agrícolas, especialmente em um Brasil pós-Segunda Guerra Mundial, que mirava nos jovens como um público potencial para o uso de novas técnicas (Nicolau, 2015).

Segundo Fiori (2002), nos anos 1940, o Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura realizava campanhas com cartazes, folhetos e filmes com temas rurais, além de existir uma biblioteca especializada com traduções de publicações americanas, já que os EUA representavam o sucesso com a "agricultura científica" e serviam de modelo para o Brasil. Desse modo, os Clubes Agrícolas se difundiam pelo país, atraindo, geralmente, os filhos dos colonos que assumiam responsabilidades muito similares às que estavam habituados, como plantar e cuidar dos animais e da terra. Esse

trabalho desenvolvido pelos clubes disseminava uma ideia negativa sobre a vida urbana e promovia um sentimento de amor pelo campo. A produção das hortas, que acontecia por intermédio desses espaços, assumia diferentes dimensões educativas: os subsídios aos programas de ensino eram oferecidos; o produto das plantações servia de modelo para desenhos; a produção era comercializada e os valores investidos em melhoramentos escolares (Fiori, 2002). Essa atuação dos Clubes, descrita a nível nacional, é refletida pelos espaços que funcionavam nessa região, vestígios que podem ser observados no excerto a seguir:

O Clube Agrícola da nossa escola já está todo limpo. E sempre com satisfação que vamos trabalhar na horta, quando nos é permitido. As professoras dirigem os trabalhos e já temos em depósito no registro do Clube Cr\$ 52,00 renda esta da venda de batatas e feijão e que compraremos lápis e cadernos para a nossa escola. Cultivando a horta escolar aprendemos melhor cultivar a terra e assim, quando seremos homens trabalharemos melhor a terra e sabendo cultivá-la ela produzirá melhor. Cultivando com amor a terra é o que nós precisamos, pois, o Brasil precisa da lavoura para tornar-se cada vez maior. Henrique Polo aluno do 4 ano da Escola Municipal "Frei Caneca" 2º distrito (Despertar, 1952d, p. 5).

O trabalho junto aos professores, para a instalação de novas unidades dos Clubes Agrícolas, foi essencial para a ampliação do número desses espaços: "No decorrer do ano em curso serão criados mais cinco Clubes Agrícolas anexos às escolas Municipais. [...] As professoras regentes interessadas na fundação dessa útil instituição, devem procurar mais informações na diretoria de Instrução" (Despertar, 1951c, p. 8). A atuação da Diretoria da Instrução Pública foi além do trabalho de divulgação e de orientação sobre a concepção dos clubes, visto que o órgão fornecia a matéria-prima (sementes) para a produção das hortas que ficavam sob a responsabilidade dos alunos das escolas municipais.

Outro ponto a ser destacado é o que trata da valorização do agricultor/colono pela Administração Municipal, indicado em diferentes trechos do *Despertar*, os quais sugerem estratégias para uma aproximação da Diretoria da Instrução Pública

para conquistar a confiança da comunidade rural com o intuito de implementar as ações projetadas pelo órgão de fomento da agricultura na região. Essa ação conjunta, dos dois órgãos, promovia bons resultados para o município e, de certo modo, era produtiva para os colonos, pois, mesmo desencorajando a busca por novas perspectivas na área urbana, apresentava um novo panorama dentro do contexto de vida na área rural, fortalecendo a identidade desse grupo social.

Segundo Chartier (1991, p. 183), os integrantes de um grupo social se identificam por suas práticas e pela realidade construída, por meio da significação dada às representações compartilhadas pelos diferentes grupos:

[...] as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.

As estratégias da Administração Pública em torno do ruralismo, essencialmente, trabalhavam na questão da identidade das pessoas que habitavam a área rural. O interesse era que esses sujeitos mantivessem uma coesão, encorajando a sua permanência naquele espaço. Pensando, também, em criar condições para que essas pessoas tivessem uma permanência mais saudável e uma convivência que possibilitasse uma melhora nas condições de vida, as orientações da Administração Pública, evidenciadas no *Despertar*, versavam sobre comportamentos mais civilizados, que envolviam o cuidado com a saúde, a higiene do corpo e do lar. Por isso, o próximo subcapítulo abordará as práticas civilizatórias que circundavam o espaço escolar e eram tratadas pelos docentes, atendendo à legislação e às normas de comportamentos e de condutas vigentes, sinais que ficaram registrados nas colunas do *Despertar*.

3.2.3 PRÁTICAS CIVILIZATÓRIAS NO PERIÓDICO DESPERTAR

Cabia aos professores a responsabilidade da educação dos sujeitos das áreas rurais e uma atuação de orientação para a apreensão de práticas que buscavam a higiene, a saúde e os comportamentos vistos como socialmente aceitáveis. Esse trabalho apresentava o tom das políticas educacionais prescritas na época. Portanto, trabalhavam para a configuração de uma escola primária destinada a padronizar costumes e “projetar saberes”:

É necessário considerar, quando se pensa nas representações sociais decorrentes da escolarização [...] as estratégias por meio das quais os protocolos societários são apreendidos pelos professores e as maneiras pelas quais os alunos se apropriam desses saberes, desses valores, dessas normas de ação. A cultura como mundo construído que surge também na escola abarca, a um só tempo, a apropriação dos conteúdos que circulam na sociedade e a criação de novos saberes, interiores à vida escolar. [...] De todo modo, a escola como rito deverá ensinar e recordar as normas e as regras de vida coletiva, até para ensaiar com as gerações novas o rito da vida em coletividades. A escola traz – pode-se dizer – a segunda socialização da criança. Ela preparará, por isso, a futura vida social. Dentro dela, há o aprendizado dos preceitos que deverão regular a sociabilidade. Daí ser fundamental que a instituição atente também para os possíveis fatores de resistência, de recusa, de transgressão. A vida dos adultos se dispõe a partir de certos códigos; e esses códigos precisarão ser aprendidos (Boto, 2018, p. 15).

Nesse sentido, o *Despertar* foi estrategicamente usado para facilitar a disseminação de mensagens que continham normas de condutas, já validadas nas áreas urbanas e com práticas desejadas entre os habitantes das áreas rurais. Desse modo, recorrentemente, entre as matérias do periódico, foi possível perceber assuntos que tratavam de hábitos mais saudáveis, de higiene do corpo e dos espaços de convivência familiar, além de temas que envolviam o cuidado com doenças e recomendações para comportamentos socialmente aprovados em diferentes ambientes. Nesse sentido, pondera-se que o interesse do órgão público não era influenciá-los a deixar o espaço em que viviam, mas possibilitar que a convivência com o “mundo” urbano fosse menos constrangedora e trau-

mática, bem como difundir hábitos que poderiam resultar em transformações relativamente benéficas nessas comunidades rurais.

Por essa perspectiva, o *Despertar*, como estratégia da Administração Pública, serviu para transportar e guardar mensagens que posteriormente pudessem ser revisitadas pelas pessoas, a fim de que o processo de significação se desse no tempo em família. Também foi utilizado para transpor a barreira da incredulidade por meio da publicação de textos que valorizavam os sujeitos que compunham as comunidades das áreas rurais, o que contribuía para a percepção de seus leitores de que tais orientações cooperariam para melhorias em suas vidas, como pode ser observado no trecho a seguir:

Transcorrendo dia 25 de julho o "Dia do Agricultor", não podia eu deixar de vos dirigir algumas palavras. Sem dúvida alguma, si há uma classe de trabalhadores dentro do Brasil que merece lhe seja dedicado um dia, é a brava classe de agricultores, é vossa classe. Porque o agricultor é o trabalhador incansável de sol a sol, afrontando tôdas as intempéries. Para êle o trabalho não tem horário: inicia sua tarefa pela madrugada e só vai terminá-la após o sol pôsto. Tanto o vemos apegado à terra nos dias quentes do verão como nos piores dias do inverno. Tudo isto para arrancar da terra o alimento não só para si e a família como para os que vivem na cidade. Por isto bravos agricultores do municipio de Caxias do Sul, construtores das nossas riquezas básicas, aceitai hoje no vosso dia, as congratulações e um forte abraço do prefeito, vosso amigo. Euclides Triches (*Despertar*, 1952c, p. 1).

Outro ponto a ser destacado se refere à circulação do *Despertar* no ambiente rural. O formato de material que circulava nessa região – o jornal, um meio de comunicação mais facilitada nas áreas urbanas – levaria a representação do "urbano" ao rural.

Chartier (1999) reflete sobre a capacidade que os impressos como jornais, cartazes e panfletos tinham de atingir pessoas que, apesar de não serem capazes de assinar o próprio nome e de não possuírem livros, tornavam-se leitoras desses meios.

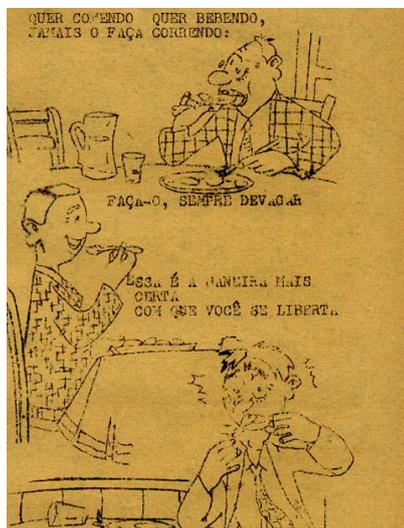
Primeiramente, entre o escrito e o gesto: não apenas o escrito está no centro das festas urbanas e das cerimônias religiosas,

como também numerosos textos continham a intenção de anular-se como discurso, produzindo, sob o ponto de vista prático, condutas reconhecidas como conformes às normas sociais ou religiosas. É o caso, por exemplo, dos tratados de civilidade que visavam fazer os indivíduos incorporarem as regras da polidez mundana ou da decência cristã (Chartier, 1999, p. 25).

Outros estudiosos analisaram publicações que tinham como objetivo a circulação de normas de conduta. Maria Stephanou (2004) dedicou-se a estudos sobre os impressos que ocupavam o formato de manuais de saúde, higiene e civilidade, produzidos com mensagens prescritivas e com a intenção de persuadir os leitores a adotar condutas voltadas à polidez e à civilidade. "Intentavam captar a confiança dos leitores através de uma didática que utilizava, em primeiro lugar, a própria linguagem – acessível, jocosa ou metafórica" (Stephanou, 2004, n.p.).

As convicções de Chartier (1999) e as considerações de Stephanou (2004) aproximam-se das reflexões feitas a partir da análise das colunas do *Despertar*, observando o caráter prescritivo das matérias veiculadas em colunas, como "Higiene" e "Utilidades Práticas", consideração que pode ser apreciada a partir das imagens publicadas com o objetivo de transferir orientações de cunho higienistas aos leitores (Figuras 11 e 12):

Figura 11 – Excerto da coluna Higiene do *Despertar* do ano de 1949



Fonte: *Despertar*, 1949, p. 6.

Figura 12: Excerto da coluna Higiene do *Despertar* do ano de 1949



Fonte: *Despertar*, 1949, p. 13.

Nos dois exemplos, as prescrições foram apresentadas a partir de ilustrações, para facilitar a interpretação dos leitores sobre o que estava sendo exposto. A linguagem utilizada é de fácil compreensão, e em formato de rima. O modo como aparecem as orientações dirigidas à civilidade, em um tom quase de humor, mostra que a mensagem não tem um teor impositivo, mas de tentativa de persuadir as pessoas a comportamentos apresentados, buscando a simpatia para o que estava sendo exposto.

A legislação da época trazia os tópicos destinados à saúde e aos conhecimentos úteis, como orientação aos professores nos ensinamentos aos alunos do Ensino Primário, no curso primário elementar, complementar e supletivo:

Art. 1º O ensino primário tem as seguintes finalidades: [...] elevar o nível dos conhecimentos úteis à vida na família, à defesa da saúde e à iniciação no trabalho [...]. Art. 7º O curso primário elementar, com quatro anos de estudos, compreenderá [...] Conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho. [...] Art. 8º O curso primário complementar, de um ano, terá os seguintes grupos de disciplinas e atividades educativas: [...] **IV. Ciências naturais e higiene.** [...] Art. 9º O curso supletivo, para adolescentes e adultos, terá dois anos de estudos, com as seguintes disciplinas: [...] **IV. Ciências naturais e higiene.** [...] (Brasília, 1946a, não paginado).

Os artigos da legislação sobre o ensino nacional apoiam a reflexão de que o *Despertar* seguia as predisposições dos governos. O periódico não tinha a pretensão de ser definido como manual, mas, pelo conteúdo ali publicado, assumia uma função semelhante, cumprindo a missão de criar condições civilizatórias. Os professores, inicialmente, e os alunos, depois, eram os remetentes das mensagens publicadas no periódico, atuando como multiplicadores dessas orientações, que envolviam diferentes temas relacionados à apropriação de competências comportamentais, para uma boa convivência no grupo/espço em que estavam inseridos, possivelmente preparando-os para os contatos com outros grupos/espços.

No que se refere ao papel dos professores, atendiam às estratégias do Poder Público, ao passo que emprestavam a sua imagem, já consolidada entre os habitantes da área rural,

para multiplicar os assuntos tratados no periódico e, ainda, cooperavam para o entendimento dos textos e a significação dada pelas pessoas da área rural sobre a inserção de novas práticas ou a mudança nas já promovidas nessas localidades.

Em relação aos registros sobre civildade, localizados no jornal, observa-se que entre os assuntos mais recorrentes estavam os relacionados à questão da higiene das mãos, do corpo, das vestimentas e dos lares, exemplificados nos excertos a seguir: "a criança deve ser banhada diariamente, mesmo no inverno [...] As mãos e o rosto devem ser limpos antes das refeições e ao deitar [...] Os dentes devem ser escovados pela manhã e ao deitar-se, à noite no mínimo" (Despertar, 1954d, p. 5); "Ande sempre limpo. [...] Não durma com roupa suja. [...] Não cuspa no chão. [...] Não molhe os dedos para virar as folhas dos livros" (Despertar, 1951e, p. 6); e "As baratas desaparecem das casas onde reine perfeito asseio, onde todos os cantos e móveis sejam vasculhados, pelo menos uma vez por semana" (Despertar, 1950a, p. 5).

Percebe-se que havia uma preocupação em estimular o hábito de asseio, desde a infância, com chamados para que os pais incentivassem essas práticas entre as crianças. Outros conhecimentos revelam a diferença de gênero, como aqueles que colocam a mulher como modelo e responsável pela fiscalização dessas práticas:

O asseio consiste no hábito de observar rigorosamente todos os preceitos higiênicos, não só aos que se referem a limpeza do nosso corpo, como também do nosso vestuário, da habitação, de tudo o que nos cerca. A boa dona de casa deve dar seu exemplo para com quem quer que seja, observando o seu cumprimento do seu dever para com todos os membros da família, não como simples capricho, mas encarando sobre o ponto de vista da necessidade (Despertar, 1953a, p. 4).

Nesse sentido, Cunha (2004) realizou um estudo sobre as prescrições em torno da civildade, que passaram a ser mais frequentes a partir das primeiras décadas do século XX e tomaram parte dos programas de civildade constituídos pela Escola Normal, na formação dos professores, traduzidos em manuais que faziam parte da bibliografia escolar, com vistas

à formação de pessoas "bem educadas". Constam, entre os temas tratados nessas publicações, orientações sobre bons modos, conduta moral, suavidade nos gestos, comportamento diante de pessoas em diferentes situações e lugares, hábitos de asseio, entre outros (Cunha, 2004).

É provável que o *Despertar* tenha servido como material didático para o professor, sendo usado para mobilizar práticas que desenvolviam saberes que visavam à constituição de indivíduos adequados a normas e padrões socialmente impostos. Nesse contexto, há a inserção de outros assuntos que se enquadravam no tema civilidade, tal qual as regras de etiqueta e comportamentos na coletividade, especialmente os que envolviam ambientes religiosos, como ficou registrado no trecho do jornal:

A Igreja é a casa de Deus e lugar de oração. Por isso nela não debes fazer rumor, conversar ou rir, mas expandir os afetos de teu coração para com Deus. Quando entrares na Igreja, toma a água benta e faze o sinal-da-cruz. Faze inclinação ao altar, se aí só houver o crucifixo ou alguma imagem; faze genuflexão simples, si houver o Santíssimo, e genuflexão dupla, si o Santíssimo estiver exposto. Depois de breve oração, si vieste a Igreja para visita-la, podes levantar-te e, não havendo nenhuma função religiosa, faze tua visita sem perturbar os outros. Si estiveres com algum companheiro, poderás precisando trocar com êle algumas palavras, mas em voz baixa, sem leviandade. Nunca te ajoelhes com um joelho só apoiando-te no outro com o cotovelo. Não te sentes sobre os calcanhares, à maneira dos cachorrinhos, nem te deites sobre o espaldar da cadeira da frente, fazendo arco com o corpo. Durante as sagradas funções, abstém-te de bocejar, dormir, voltar-te dum para outro lado e, especialmente, de cochilar ou rir com os companheiros. [...] Não cuspas nunca no pavimento, porque isso, além de anti-higiênico e incivil, expõe os vizinhos ao perigo de se enxovalharem. É mau costume voltar-se para ver quem entra ou quem sai (*Despertar*, 1954a, p. 7).

As instituições religiosas cumpriram um papel importante na configuração de indivíduos adequados aos comportamentos esperados, especialmente no que se refere à disseminação de informações, por meio não somente das celebrações religiosas, mas também das orientações para práticas de civilidade que se estendiam ao ambiente familiar e à comunidade. Essa atuação exercia influência sobre

as mensagens disseminadas por outros meios, como, por exemplo, a escola. Rocha (2007) analisa a influência exercida por um colégio vinculado a uma congregação religiosa, no interior de São Paulo, no processo de apreensão de práticas civilizatórias, por crianças e, conseqüentemente, suas famílias. A escola transmitia conhecimentos úteis e atuou na formação de bons hábitos e comportamentos entre as crianças, com um projeto de civilizar, refinar e moralizar, disseminando códigos considerados apropriados à vida social.

Nesse contexto, a instituição Igreja, pela representatividade exercida no interior das áreas rurais e, especialmente, pela necessidade da prática de crença religiosa, norteava comportamentos e atuava na vigilância de práticas de civilidade. Supostamente pelo anseio de demonstrarem adequação a esses comportamentos, e pelo sentimento de aprovação, os habitantes das áreas rurais desenvolviam essas práticas no exercício de sua fé.

Outro indicio encontrado no *Despertar* que apresenta ações para a disseminação de práticas de civilidade indica a iniciativa do Poder Público em possibilitar o acesso a práticas culturais associadas à modernidade com o oferecimento de sessões de cinema itinerantes. As sessões de cinema se estendiam a toda a comunidade, como pode ser percebido no excerto: "No decorrer do presente ano letivo foram realizadas, até esta data, projeções cinematográficas em 18 unidades escolares, comparecendo além do alunos, mais de mil e quinhentas pessoas adultas" (*Despertar*, 1952g, p. 8). Os filmes objetivavam a disseminação de saberes variados, mas também colaboravam para que pudessem colocar em prática algumas das orientações sobre civilidade já trabalhadas pelo impresso, por exemplo, com a preparação para participarem das sessões de cinema, observando comportamentos recomendados pelo órgão público. Essa oportunidade de acesso a algo novo, que tem uma representação do moderno e do urbano, possivelmente conduzia os habitantes das áreas rurais à adesão de determinadas práticas.

Outro ponto que deve ser destacado é o fato de o cinema apresentar um “mundo” de possibilidades, repleto de representações a serem apreendidas e interpretadas, oportunizando construções de significado pelos seus telespectadores, como afirma Noma (1998, p. 22):

[...] as representações elaboradas pelos filmes só têm significado quando ligadas a uma prática social, não só porque são produzidas socialmente, mas porque sua existência só pode ser concebida dentro das relações sociais de uma dada época. Isto porque existe um terreno comum para a fertilidade das produções fílmicas: a experiência social comum de viver, de lutar, de sentir, de pensar, própria de uma sociedade.

A respeito do conteúdo dos filmes, a escolha da Diretoria da Instrução também era direcionada para assuntos de civilidade, como os que envolviam questões de saúde. Apresentava-se uma variedade de filmes sobre conhecimentos rurais e de humor, entre outros temas:

No decorrer do mês findo, o cinema ambulante das escolas municipais visitou as seguintes localidades: S. Pedro da III Légua, Sala da Biblioteca Pública Municipal, São Caetano, Séde de São Marcos, Escola “Pedro Álvares Cabral” do Travessão Tompson Flores, Séde de Santa Lúcia do Piaí, Escola “Abramo Éberle, Zona Satini, Escola “25 de julho” Estrada da Barragem, Séde de Conceição, Nossa Senhora do Pedancino, Escola “1º de maio” do Travessão Solferino, Escola Municipal de Belas Artes. Nessas ocasiões foram exibidos os filmes abaixo relacionados: O sonho do ratinho, Revista de Acontecimentos, O expresso das frutas, Pulverização das árvores, Pilotos de planadores, Produza mais alimentos, Conservação do solo e da água, Irrigue a terra, Erosão, Álbum de música, O menino e sua vaca, O bom agricultor, Música no jardim da infância, Caça do jacaré, Esportes, Circo, A bicheira dos animais, Alaska, país de contraste, A pintura moderna nos Estados Unidos, A galeria Nacional de Arte, As mestras da Música, Casas de recreio infantil, Fortalezas de saúde, Lavouras irrigadas, Paraísos terrestres, Jardim zoológico infantil, Os três ursinhos, Caçada (Despertar, 1951e, p. 15).

Os filmes apresentados também destacavam experiências bem próximas da realidade vivida nas áreas rurais, como os que tratavam de técnicas de agricultura, mas também havia uma tentativa de transportar outras realidades para os habitantes do interior, especialmente quando abordavam artes, música e pintura, permitindo reflexões sobre outros contextos

que tangenciavam uma vida mais urbana e comportamentos de civilidade relacionados a praticas culturais.

A iniciativa das sessões de cinema foi reconhecida pela comunidade, que no espaço destinado à colaboração das crianças externava agradecimentos:

Galópolis, 28 de agosto de 1953. Senhorita Ester Troain. Desejo-lhe saúde e felicidade. Eu vou bem graças a Deus. O motivo desta é para agradecer-lhe muito o cinema que mandou apresentar na nossa escola. Faço votos que continue por longos anos percorrendo as escolas municipais. Todos gostaram do cinema e ansiosos estão que volte ao nosso meio com outros filmes. Envio-lhes saudades e um forte abraço. Da amiguinha Maria Dal Picol, aluna do 3º ano da Escola Isolda "Felipe Camarão" situada no 3º distrito (Despertar, 1953c, p. 4)

As notícias sobre o cinema itinerante não revelam somente estratégias usadas para disseminar novos saberes e propagar comportamentos diferentes, mas mostram uma nuance de inovação na metodologia usada pela escola rural. Considera-se que a organização das projeções cinematográficas, no interior, na década de 1950, além de requerer investimento para a aquisição dos artefatos necessários e a ordenação da logística para as exhibições, estudava técnicas que apoiassem o trabalho desenvolvido pelos professores para a educação nas áreas rurais, o que era coordenado pela Diretoria da Instrução. Em relato, a professora Ester evidencia tais aspectos:

[...] inclusive, numa ocasião eu apresentei uma reivindicação que eu queria um projeto cinematográfico pra passar filmes na colônia. Porque cinema na colônia! Já era pouco nos vilarejos, imagina no interior! Então, eu comprei um projetor cinematográfico de 16mm, né? [...] E conseguia filmes de curta metragem, e conseguia com instituições em Porto Alegre, e sobre higiene, sobre agricultura e algum filme cômico. E aos domingos, eu ia passar. Eu marcava com antecedência [...] E numa ocasião pareceu uma velhinha imigrante [...] ela chegou na porta e disse assim: "Maestra quanto custa el cine? Então eu disse: Nô, nona, não precisa dinheiro. Pode entrar, o cinema é de graça." [...] E ela se virou assim para mim e disse: "Ma que pecã, que so drío restá veccia, par che adês Che Bralise el drío restá bom"¹⁷ (Benvenuti, 1983, p. 8).

¹⁷ "Mas que lástima, que pecado que estou ficando velha, porque agora que o Brasil está ficando bom" (Benvenuti, 1983, p. 8).

O relatório da Administração Municipal fornece indícios sobre o posicionamento da prefeitura em relação ao projeto: "O cinema, quando bem orientado, constitui sem dúvida um valioso fator de educação e de contato social criador. Acresce que a educação na zona rural não pode ser feita alheia à vida da comunidade" (Caxias do Sul, 1952-1954, p. 15-16). Estatísticas, publicadas no período de 1952 a 1954, referentes ao público atingido pelas exibições, demonstram certo sucesso: de 205 projeções, 12.836 crianças e 23.467 adultos participaram (Caxias do Sul, 1952-1954, p. 16). Comparando-se com os dados citados anteriormente, em que há a quantificação da população rural de, na década de 1950, cerca de 23 mil habitantes, chega-se à consideração de que as iniciativas das projeções cinematográficas tenham se transformado em uma estratégia efetiva para a educação na área rural.

Outra ação promovida pela Administração Pública foi o oferecimento de Bibliotecas Rurais, espaços ofertados à comunidade que circundava a escola, oportunizando o acesso à leitura:

Faz parte dos planos da Diretoria a instalação, em cooperação com a colônia e entidades rurais bem como Sub-Prefeituras, Paróquias e Escolas do interior de Bibliotecas rurais nos distritos. Ainda no corrente ano, duas, pelo menos, serão criadas e postas em ação. Para tanto já o técnico do município está enviando circulares as entidades do município e de todo o Estado, aos poderes públicos, associações e organizações diversas de todo o país, no sentido de conseguir e angariar livros, boletins, etc. sobre agricultura e pecuária em geral, sendo este um dos primeiros passos para a consecução do objetivo do referido departamento. Brevemente toda a imprensa do município será notificada desta iniciativa e, por certo, à mesma dará todo o seu apoio, o que muito contribuirá para seu completo êxito (Despertar, 1949c, p. 4).

A leitura foi posta por Cunha (2004, p. 122) como um meio de civilizar, associada a outras formas utilizadas no início do século XX, com o intuito de tornar os sujeitos mais civilizados:

Os bons modos, a aparência nas maneiras de ser, uma conduta moral irrepreensível, a suavidade expressa em gestos, a forma de portar-se diante de pessoas e de diferentes maneiras em lugares específicos, as formas de cumprimentar autoridades e cidadãos comuns, os hábitos de asseio pessoal, as práticas de

leitura autorizada, a escrita protocolar de cartas, constituíram-se, a partir das primeiras décadas do século XX, como partes de um programa de civildade, adotado pela Escola Normal na formação de professores (as).

O oferecimento de livros com conteúdos que dialogavam com os interesses dos moradores da área rural possivelmente foi uma ação para a influência à leitura, o que cooperava com o processo de alfabetização e com a educação daquelas pessoas, além de contribuir com a disseminação das práticas desejadas por meio das mensagens contidas na literatura selecionada pelo Poder Público.

Nesse mesmo contexto, o *Despertar* era produzido em uma linguagem acessível e com conteúdos atrativos, então pode ser considerado um instrumento importante no processo civilizatório, não só por conter temas que abordavam esse aspecto, mas por incentivar o hábito à leitura, uma prática tida, pela Diretoria da Instrução Pública, como útil na alfabetização das pessoas da área rural:

Quem não sabe ler vive como uma pessoa, que tenha sempre os olhos tapados. É como o cego que há de ser guiado por onde os outros queiram levar. Ou então, andarão tropeçando. Lendo podemos conhecer os tesouros da sabedoria de todos os homens e ainda as grandes verdades do Evangelho. Podemos aprender cada vez mais e cada vez mais progredir. Escrevendo, podemos nos comunicar com os outros. Podemos registrar nossas ideias. Podemos planejar melhor nosso trabalho. O homem analfabeto não é de todo livre, é escravo de sua ignorância. Não deixa de ler alguma coisa cada dia e de aprender sempre. Você que já sabe ler, ensine a uma pessoa de sua família, a um vizinho, a um amigo. Aprendendo a ler, você viu abrir-se diante dos olhos a porta de um mundo novo. Ajude também a abrir essa porta aos outros (*Despertar*, 1949d, p. 2).

Nesse sentido, a imprensa pedagógica age como mediadora cultural e ideológica, por meio da fixação de sentidos e com "um discurso carregado de intenções, constitui verdades, ao incorporar e promover práticas que legitimam e privilegiam alguns conhecimentos em detrimento de outros, produz e divulga saberes que homogeneizam, modelam e disciplinam o seu público leitor" (Bastos, 2002, p. 52).

Esse subcapítulo cooperou com o entendimento de que o *Despertar* servia como uma espécie de guia, disseminando prescrições para práticas desejadas pelo órgão público. Além disso, fez emergir evidências da aproximação do órgão oficial do ensino caxiense a outras instituições, como, por exemplo, as que estabeleciam um diálogo com a religião, o que será tratado a seguir.

3.2.4 A RELIGIÃO E A EDUCAÇÃO NA ÁREA RURAL

A religiosidade foi um ponto quase conector entre vários outros temas abordados pelo *Despertar*. Além da própria articulação entre a religião e a educação das pessoas das áreas rurais, há o entrecruzamento de práticas para uma relação estreita entre essas diferentes instituições.

Em sua narrativa, Ester Troian Benvenuti (1983) relatou sobre essa relação que se estabeleceu entre a religião e os habitantes da área rural. Segundo ela, não se podia separar uma escola da influência da Igreja; e, mesmo existindo outras religiões, a Católica era a que prevalecia no interior de Caxias. Suas memórias indicam que a escola estava presente em práticas religiosas, como os terços rezados aos domingos por docentes, a atuação na preparação das crianças para a Primeira Comunhão, o trabalho para a organização e confecção de figurinos para as procissões, entre outras.

O relato dessas práticas religiosas ajuda na compreensão das representações que eram partilhadas pelos sujeitos da área rural e das possíveis construções de significado feitas por eles. Além de evidenciar que o exercício partilhado da fé, fortalecia a identidade do grupo. Nesse contexto, a escola, por meio dos professores, tinha uma atuação importante, conquistando a cooperação e o reconhecimento da comunidade para outras questões sugeridas pela instituição Igreja. Ao mesmo tempo, ao apoiar a crença daquela comunidade materializada na Igreja, o Poder Público também "recrutava" a instituição religiosa para as suas causas. Segundo Chartier (1991, p. 183), em seus estudos sobre representação, as prá-

ticas atuam no sentido de criar significado às construções de mundo dos indivíduos e auxiliam no reconhecimento de uma identidade social:

[...] as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.

A Igreja e a escola, nesse sentido, atuavam conciliando as práticas, colaborando para a constituição de um grupo harmônico, com características homogêneas, o que possivelmente favorecia a internalização de práticas que se desejava disseminar entre as pessoas que viviam na área rural. Nesse sentido, escola e Igreja atuavam alinhadas, apoiando uma propagação de modelos propostos e desejados por ambas.

Os pensamentos de Julia (2001, p. 10) corroboram a reflexão de que a Igreja e a escola possuíam uma estreita relação, quando a estudiosa aborda uma cultura escolar influenciada por outras culturas, entre elas a religiosa:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Em tal contexto, as memórias da professora Ester revelam a influência exercida pelas ordenações religiosas sobre as instituições escolares ligadas à rede pública, por meio da troca de experiências e de indicações para as práticas docentes:

Eu, por exemplo, devo muito ao sucesso do meu trabalho como professora no interior à cooperação que eu sempre tive dos sacerdotes e, principalmente, dos padres Josefinos. No tempo do padre João Schiavo, do primeiro... que não me recordo... o Rossi que é um outro sacerdote que veio. Então eles traziam de lá, lugar, naturalmente mais adiantado, orientações de como a gente devia proceder. Eu sempre me aconselhava muito com as irmãs, com os padres. Eu dou assim, eu dou assim um valor imenso ao que a Igreja fez em matéria

de educação, porque ali, então não era só propriamente Pai Nosso, Ave-Maria, aquela coisa. Eles davam orientação pros pais, pros casais, a maneira de educar os filhos. Encareciam a necessidade da escola. Eu sou assim muito admiradora e assim louvo o papel da Igreja na, na formação cultural da nossa gente do interior em todos os sentidos, porque eu sou testemunha, né? (Benvenuti, 1983, p. 11).

Essa lembrança da professora Ester é ratificada em diferentes trechos do *Despertar*, nos quais fica evidente a presença da religião com a indicação de comportamentos religiosos a serem adotados pelos sujeitos da área rural, como orações, informações sobre comunhão, interpretações sobre trechos da bíblia, entre outros.

O envolvimento das instituições religiosas com a educação das pessoas das áreas rurais ou "colônias" foi estudado por Graziotin (2010), que confere dada relevância ao trabalho realizado desde o princípio da colonização italiana em Caxias do Sul, quando a Igreja Católica esteve presente fazendo o acompanhamento dos imigrantes, religiosamente, e tendo envolvimento em questões sociais. Para o estudioso, as congregações religiosas, nessa região, realizaram iniciativas importantes no campo educacional e cultural, com destaque para os padres Josefinos de Murialdo, do Colégio Murialdo, em Ana Rech.

O *Despertar* apresenta indícios desse diálogo entre educação, cultura e religião, exemplificado em publicações que orientavam sobre o ato de rezar antes de dormir ou antes das refeições e pela prática de dar nomes santos às localidades.

Nesse sentido, a aproximação da escola à Igreja pode ter facilitado o aceite a determinadas práticas, prescritas pelo órgão de ensino caxiense aos sujeitos da área rural. Ao mesmo tempo, a Igreja tinha um suporte da escola para o fortalecimento da crença na sua instituição, pelos habitantes das áreas rurais. Uma instituição servia aos propósitos da outra. Desse modo, o espaço rural foi um cenário no qual diversas influências se atravessam:

[...] o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e

vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica; mostra, a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia em cada cultura; que é um produto cultural específico, que diz respeito não só as relações interpessoais – distâncias, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder –, mas também à liturgia e ritos sociais, à simbologia das disposições dos objetos e dos corpos – localização e posturas –, à sua hierarquia e relações (Viñao-Frago, 2001, p. 64).

Desse modo, a instituição escolar não só se adequava às práticas já conhecidas e aceitas pelos sujeitos das áreas rurais como também atuava no sentido de consolidar uma série de valores e princípios validados pela instituição religiosa. Assim, acabava por desenvolver práticas e manifestações que influenciavam na formação das identidades dos estudantes (Sepulveda; Sepulveda, 2017).

A influência da religião, nas unidades de ensino público de Caxias, pode ser percebida pelo espaço destinado ao assunto no periódico *Despertar*. Na análise realizada, das 53 edições do periódico, localizaram-se em 50 publicações, na coluna "Para você Criança", textos alusivos à religião – principalmente na subcoluna "Cantinho da Alegria", em 39 edições. Entre os temas mais recorrentes, surgiram: orientações de como rezar; textos sobre a Virgem Maria; explicações sobre os santos da Igreja Católica e o catecismo; informações sobre as comemorações de datas da Igreja; textos que abordavam caridade e comunhão; canções religiosas; orientações sobre comportamentos em locais religiosos; textos explicativos sobre o batismo; orações; entre outros. Os excertos a seguir exemplificam o conteúdo encontrado na subcoluna (Figuras 13 e 14):

Figura 13: Excerto da coluna Para você Criança do *Despertar* do ano de 1948

CANTINHO DA ALEGRIA



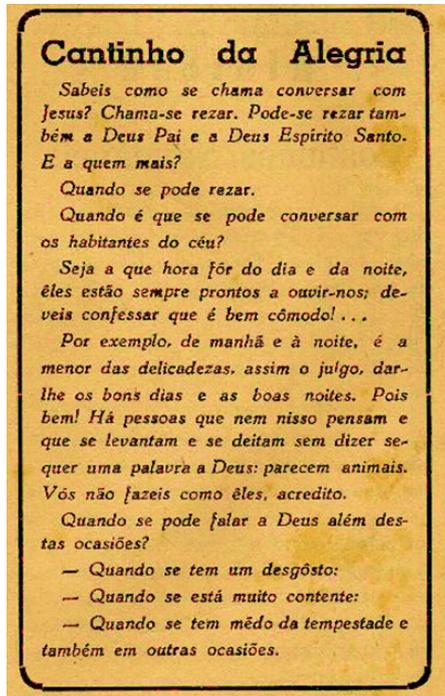
A Missa, meu filho, é a coisa mais bela e importante sobre a terra.-Assistir a missa é para você uma grande honra.-Ao entrar na igreja lembre-se do que aconteceu sobre o Calvario, na Sexta-feira Santa.- Jesus derramava sangue, Jesús sofria muito, Jesus morria pregado na cruz.- Ele dizia a seu Pai: Eu sofro e morro para pagar o castigo merecido por aqueles que cometem pecados, para salvá-los do inferno.- Pois bem, na Missa, Jesús faz outra vez o que fez sobre o Calvario.-Ele oferece de novo a seu Pai os seus sofrimentos e a sua morte.-Somente desta vez não se vê nada: Ele se oferece ao Pai pelas mãos do sacerdote.-Mas Jesús não quer oferecer-se sozinho, e pede que você também se ofereça com Ele e por Ele. Portanto, você ofenderá a Jesús se brincar, se conversar, e se não prestar atenção as coisas belíssimas que Ele faz durante a Missa.-

-Segue...

=====

Fonte: *Despertar*, 1948b, p. 9.

Figura 14: Recorte do *Despertar* do ano de 1954



Fonte: *Despertar*, 1954d, p. 6.

O *Despertar* permitiu, também, reflexões sobre uma possível influência exercida nos alunos, a partir de textos encaminhados por eles que reproduzem algumas das referências religiosas citadas anteriormente: "Domingo é dia de repouso. Papai e mamãe nos levam sempre à missa nesse dia. Vamos também ouvir missa nos dias santos. Devemos estar na igreja com muita atenção e com todo o respeito porque a igreja é a casa de Deus" (*Despertar*, 1952c, p. 5).

Além das matérias destinadas a tratar do conteúdo religioso, em notícias publicadas sobre a inauguração de escolas, por exemplo, localiza-se referência ao diálogo estabelecido a partir da inserção de práticas religiosas em eventos administrativos, como na inauguração do prédio para a Escola Santo Baldasso da Zona Piaí – Fazenda Souza, que aconteceu em

julho de 1954, com benção do padre e realização de uma missa. Além disso, a escola teve como patrono um santo da Igreja Católica:

Dando início à solenidade, foi cantado o Hino Nacional e a professora regente Srta. Alda Isotton saudou o Sr. Prefeito Municipal, convidando-o, para desatar o nó da fita simbólica e inaugurar o prédio. Após ser dada a benção às novas instalações, o Reverendo Padre Bolcato celebrou uma santa missa em intenção da alma de Santo Baldasso, patrono da escola. A seguir a Exma. Sra. Emilia Baldasso descerrou o quadro do homenageado [...] (Despertar, 1954e, p. 12).

A análise de outros espaços do impresso também possibilita a dedução de que a religiosidade assumia diversas formas nas publicações, ora em notícias, ora em orientações, e ainda em colaborações dos alunos e em homenagens, como no excerto da oração aos professores católicos, veiculada no periódico:

Deus, Pai e Senhor Nosso, fonte de luz e de bondade, iluminai-nos as inteligências para que só ensinemos a verdade, abracai-nos os corações para que irradiemos nas almas o amor sincero, generoso da virtude. [...] Esta humanidade em flor, esperança da Igreja e do Brasil, é Vossa; para Vós quereis que a eduquemos. Fazei que o nosso magistério seja a resposta ao Vosso divino desejo, expresso no Evangelho: Deixai que venham a Mim os pequeninos [...] (Despertar, 1954d, p. 1).

Nesse sentido, o jornal serviu para disseminar um pensamento que promovia um modo de ser com bases religiosas. Apesar de não ter sido uma publicação que contasse com a colaboração de pessoas com "posições" em congregações religiosas, os docentes que escreviam para as colunas do periódico tinham a religião como tema importante.

Outro assunto que ocupava espaço relevante e se cruzava em um significativo número de publicações com os temas *religião* e *educação* era o relacionado ao civismo, que foi motivador de práticas escolares e será tratado a seguir.

3.2.5 O AMOR À PÁTRIA E SEUS SÍMBOLOS

O civismo esteve presente nas diferentes colunas do *Despertar*. Apesar de não ocupar uma seção específica, o

tema circulou por algumas das colunas do impresso. Foram observados 272 registros com diferentes assuntos que incorporavam o tema civismo e influenciavam a adoção de práticas que eram identificadas como representações de amor à pátria pelos editores do periódico. Tais ocorrências notoriamente descrevem prescrições para a conformação de indivíduos dotados de uma conduta favorável ao nacionalismo brasileiro, como, por exemplo, a do excerto a seguir:

MANDAMENTOS CÍVICOS: 1 – Honra a Deus amando a Pátria sobre tôdas as coisas por no-la haver Éle dado por berço, com tudo que nela existe de esplendor no céu e de beleza e de fortuna na terra. 2 – Considera a bandeira como imagem viva da Pátria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as forças do teu coração. 3 – Honra a Pátria no Passado: sôbre os túmulos dos heróis; glorifica-a no Presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o futuro: com a dedicação que é a Força da Fé. 4 – Instrui-te para que possas andar por teu passo na vida e transmite aos teus filhos a instrução, que é dote que não gasta, direito que não se perde, liberdade que se não limita. 5 – Pugna pelos direitos que te confere a Lei, respeitando-a em todos os seus princípios, porque da obediência que se lhes presta resulta a ordem, que é força suave que mantém os homens em harmonia. 6 – Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilíbrio. Quando sentires o tentador refugia-te no trabalho, como quem se defende do demônio na fortaleza do altar. [...] 10 – Ama a terra em que nasceste e à qual reverterás na morte. O que por ela fizeres por ti mesmo farás, que és terra, e a tua memória viverá na gratidão dos que te sucederem (Despertar, 1951e, p. 4).

A disseminação de materiais, textos e manuais que focavam no ensino de comportamentos cívicos foi impulsionada a partir da República. Uma campanha de disseminação dos valores cívicos foi iniciada com a premissa do século XX, motivada pela universalização do acesso ao sistema escolar e pela organização de um processo que associava valores de civismo aos de moralismo e impulsionada pelo trabalho realizado por intelectuais brasileiros para uma constituição ideológica, buscando-se consolidar as bases republicanas, entre eles: Olavo Bilac, Coelho Neto, Medeiros de Albuquerque e, no Rio Grande do Sul, João Simões Lopes Neto (Tambara; Arriada, 2009).

Outro período político do país em que houve um impulso de políticas para a constituição de sujeitos dotados de um espírito cívico-patriótico foi o do governo de Getúlio Vargas. Segundo Aguiar Júnior (2013), a partir dos anos 1930, grupos intelectuais, políticos e militares representavam Getúlio Vargas em uma mudança de cenário político, com ideais nacionalistas guiando uma organização da nação brasileira e tendo apoio importante do Ministério da Educação, coordenado por Gustavo Capanema. Áreas como a imprensa, o cinema, o teatro, a música e os eventos populares e cívicos cumpriram o papel de disseminar as determinações do governo, especialmente as festividades em torno das comemorações do Dia da Pátria que se difundiam pelo país. O uso dos símbolos pátrios, como a bandeira representando a soberania nacional, foi uma estratégia para unir os brasileiros em torno de um patriotismo desejado pelo governo.

Na região de Caxias do Sul há reflexo desse movimento que ficou impresso na mídia escrita, como no *Despertar*. Desse meio emergem prescrições expressas diretamente e por meio de narrativas que compõem um rol de assuntos recorrentemente tratados e articulados ao civismo.

O civismo ainda ocupou um espaço relevante na própria legislação, em torno do ensino rural, na cidade de Caxias do Sul, fato explicitado, por exemplo, no Decreto nº 8, de 24 de abril de 1936, do Programa Oficial para o Ensino nas Escolas Rurais (Caxias do Sul, 1936b). A análise do Programa Oficial para o Ensino nas Escolas Rurais apresenta recomendações para diferentes abordagens sobre os assuntos cívicos, entre elas:

1ª CLASSE – 1º ANNO – INSTRUÇÃO CÍVICA – [...] Descrição e significação da Bandeira Nacional. Nossa Pátria.

1ª CLASSE – 2º ANNO – INSTRUÇÃO CÍVICA – [...] a professora induzirá os alumnos a lembrarem e dizerem, antes de outras, as cousas mais comuns da vida no lar: a obediência e o respeito que os filhos devem aos paes para que reine ordem na familia;

2ª CLASSE – 1ª SECÇÃO – 3º ANNO – HISTÓRIA – Principais datas nacionaes e explicação das mesmas [...] Nesta phase a mestra deverá ter a preocupação de pôr em relevo as per-

sonalidades predominantes dos fatos explicados e a sua actuação na formação da nossa nacionalidade [...] sendo esse um dos primeiros passos para o despertar do sentimento patriótico nas crianças.

2ª CLASSE – 2ª SECÇÃO – 4º ANNO – OBSERVAÇÃO: A professora procurara em todas as aulas levantar o sentimento cívico, fazendo vêr ao alumno que a nação mais forte será aquella que tiver filhos fortes; demonstrar-lhe-á o valor da hygiene na saúde e na vida do homem. Maleficios do alcool. [...] A professora procurará objectivar a lição com retratos do biographado e de gravuras que illustrem costumes do tempo. D. Pedro I. José Bonifácio de Andrade e Silva. Pedro Alvares Cabral. Tiradentes. A princeza D. Izabel. Visconde e Barão do Rio Branco. Bento Gonçalves David Ganabarro. Osorio. Silveira Martins. Julio de Castilhos.

INSTRUCÇÃO CIVICA – [...] OBSERVAÇÃO: Um dos meios de despertar e manter o sentimento nacional está na celebração das festas cívicas. Na véspera de cada feriado a professora reunirá todos os alumnos da escola e lhes explicará a significação da data commemorativa (Caxias do Sul, 1936a, p. 4, 6, 8, 9 e 11)

Apesar de o Programa anteceder o período de circulação do *Despertar*, foi possível realizar diferentes aproximações entre os dois documentos no que se refere ao conteúdo prescrito, como a indicação para a adoção de assuntos que tratavam sobre símbolos da pátria, histórias dos “heróis” nacionais, comportamentos de obediência, sentimentos de valorização e amor pelo Brasil, além de questões de saúde e hygiene que estavam associadas aos valores cívicos. Possivelmente esses conteúdos miravam à incorporação de práticas e comportamentos que se adequassem à realidade da sociedade da época, com representação de que essas condutas distinguiriam o cidadão com os atributos necessários para colaborar com o desenvolvimento da nação brasileira. Uma construção que visava criar um sentido para o “fazer” entre os sujeitos das áreas rurais, além de expressar a tentativa de regular determinadas práticas, inclusive as que envolviam o exercício do trabalho, uma vez que as representações coletivas agem sobre um imaginário produzido e legitimado socialmente:

E, nesta medida, o imaginário – este sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas – é sempre um outro real e não o seu contrário. O mundo, tal como o vemos, apropriamo-nos e transformamos é sempre

um mundo qualificado, construído socialmente pelo pensamento. Esse é o nosso "verdadeiro" mundo, mundo pelo qual vivemos, lutamos e morremos. O imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima, existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade. O imaginário compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também sobre os sonhos, desejos e medos de cada época, sobre o não tangível nem visível, mas que passa a existir e ter força de real para aqueles que o vivenciam (Pesavento, 2006, p. 50).

Entre os assuntos que visivelmente propunham a constituição de um sujeito que se portasse dentro de padrões de comportamento cívico, também estava o dirigido às práticas de higiene: "Devemos conservar-nos sempre higiênicos que assim seremos úteis à Pátria" (Despertar, 1948b, p. 4); "Pessoas educadas nunca escarram nem cospem no chão [...]. Pessoas que se prezam absolutamente não evacuam nem escarram no chão, nem permitem que se faça semelhante imundície. Pessoas esclarecidas cumprem os sábios e salutares preceitos de higiene" (Despertar, 1951e, p. 6).

Os temas sobre higiene tratados no periódico eram dirigidos tanto para formar sujeitos adequados aos modelos de civilidade como para relacionar essa civilidade a uma manifestação de civismo. Supostamente, essa prática objetivava estabelecer uma ordem social, um estado de obediência, inibindo a prática de hábitos que ferissem a moral e os bons costumes da sociedade da época, fato que se evidencia no excerto a seguir:

Diversos hábitos a desenvolver na criança 1 - Caminhar sem bater com os pés. 2 - Não interromper as pessoas que falam. 3 - Não falar na hora do estudo. 4 - Não empurrar, nem bater nos colegas. 5 - Saber respeitar os pais e a professora. 6 - Não falar com a boca cheia. 7 - Beber sem ruído, evitando entornar a água. 8 - Usar o guardanapo e o lenço de maneira conveniente. 9 - Dobrar guardanapos, toalhas e lenços. 10 - Lavar as mãos à hora das refeições (Despertar, 1952c, p. 2).

Outro tema que foi recomendado no Programa de Ensino das Escolas Rurais e aparece nas matérias do *Despertar* refere-se aos comportamentos de obediência, no formato de orientações sobre a adoção de condutas respeitosas, espe-

cialmente dos alunos em relação aos pais e aos professores: "Eu sou brasileira e devo servir minha pátria e eu posso servi-la estudando, obedecendo aos pais e mestres, praticando a caridade, sendo disciplinada e cultivando a terra" (*Despertar*, 1948e, p. 5).

Destaca-se, ainda, o fato de esses assuntos terem sido reproduzidos nos textos enviados à coluna "Colaboração e Boa Vontade", o que pode evidenciar uma possível apropriação dos alunos quanto às prescrições feitas, ratificando a ideia de que as orientações propagadas pelo impresso cumpriam as expectativas do órgão público de ensino, influenciando os leitores do periódico para a apropriação de determinadas condutas e práticas. Nesse contexto, "os homens elaboram ideias sobre o real, que se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não só qualificam o mundo como orientam o olhar e a percepção sobre esta realidade" (Pesavento, 2006, p. 49).

O *Despertar*, de modo semelhante aos manuais de educação moral e cívica que circularam durante a ditadura militar para assegurar a obediência e inculcar valores sobre a população, foi um meio de legitimar ideais, como a de obediência. Por isso, esses documentos possibilitam a leitura de um tempo passado e a percepção de práticas culturais e políticas comuns em determinadas épocas, cooperando para a proliferação das ideias de hierarquia, autoridade, ordem e tradição, questões que estavam associadas aos valores cívico-patrióticos (Sousa, 2015).

Mais de uma década antes da disseminação dos manuais de moral e cívica, o *Despertar* propagou orientações que reforçavam esses valores, cumprindo com um papel importante na consolidação das mensagens ali publicadas, contribuindo para a interpretação e a adesão de comportamentos voltados às condutas de obediência e valorização do Brasil.

Segundo Vieira (2012), o civismo foi praticado na escola com o objetivo de formar cidadãos, desenvolver sentimentos patrióticos e possibilitar a prática do patriotismo em vida pú-

blica. Nesse sentido, publicações, como os livros didáticos, assumiam outras formas discursivas de gêneros que privilegiavam assuntos sobre a pátria.

Além da questão da obediência, outros sentimentos eram engrandecidos com o subterfúgio de constituírem um indivíduo nutrido de um amor verdadeiro pela pátria, entre eles o de deferência ao trabalho. Nesse contexto, o trabalho aparecia relacionado aos valores patrióticos, o que emerge em diferentes espaços do *Despertar*, inclusive no próprio *slogan* usado: "O estudo é a base da sabedoria. O trabalho, base do progresso. A religião e a justiça, bases da ordem" (*Despertar*, 1947-1954). A frase é uma representação de aspectos que eram significativos para as pessoas na região, ainda reproduzidos em discursos como o de que essa comunidade é composta de "gente trabalhadora". Logo, os valores evidenciados no *slogan* estão imbricados em uma cultura local e arraigados nas práticas desenvolvidas, não somente nas escolas, mas nas comunidades rurais. Nesse viés, Fico (1997, p. 34) aborda o trabalho como um dos aspectos tratados como parte de uma identidade para o cidadão brasileiro durante o Estado Novo:

Pode-se dizer que, durante o Estado Novo, a assim chamada "identidade brasileira" seria amplamente redefinida – pelo menos do ponto de vista governamental. Muitos dos elementos que posteriormente, durante a ditadura militar pós-64, seriam utilizados pela propaganda política foram estabelecidos nessa época: a valorização da mistura racial, a crença no caráter benevolente do povo, o enaltecimento do trabalho, uma certa idéia de nação – baseada nos princípios de coesão e da cooperação. Pode-se dizer, então, que essas são matrizes ideológicas do Estado Novo que seriam retrabalhadas pela ditadura militar (Fico, 1997, p. 34).

Desse modo, um dos elementos de coesão da identidade dos habitantes locais seria o "trabalho", e utilizar esse símbolo representativo associado aos valores de civismo poderia ser uma estratégia para que um elemento fosse fortalecedor de outro; assim, os dois cooperariam para a constituição de um cidadão munido com as características necessárias para colocar em prática os modelos delimitados pelo período político da época.

Ainda, há matérias que operavam a promoção dos outros símbolos mencionados – “A Bandeira é a Pátria quando reúne em as voltas esta mocidade esperançosa, êstes pioneiros do civismo, êstes propagandistas da nova Fé” (Despertar, 1948e, p. 1) –, também por meio das propagandas de ações que envolviam as datas cívicas – “Reviver o nosso passado no seu esplendido espetáculo: ressaltar os nossos heróis na sua hora simbólica e fazer o culto da Pátria, eis aí uma forma cívica de rezar pelo Brasil” (Despertar, 1952h, p. 2) –, e reforçavam a imagem dos heróis nacionais – “D. Pedro II, filho de D. Pedro I, era sábio, poeta e patriota sincero. O povo estava satisfeito com êle e até hoje lhe venera a memória de homem magnânimo, de grande filho da nossa nação” (Despertar, 1953c, p. 1).

Outro elemento simbólico, no período do Estado Novo, foi o de culto à imagem do presidente da República, além dos já citados que circulavam por meio de textos dos impressos escolares, como bandeira nacional e datas cívicas, e envolviam questões de ordem, além dos valores relacionados à família (Renk, 2011). Essas publicações não funcionavam somente para promover práticas de demonstração de amor e respeito pela pátria, mas também para estimular a atuação da escola como formadora de cidadãos que contribuíssem para uma identidade nacional: “A escola nos ensina a amar a Pátria, desenvolvendo a nossa educação cívica que contribuirá para a unidade, a força a defesa, a paz e a glória do Brasil” (Despertar, 1948c, p. 1).

Essa concepção é ratificada pelas características presentes na região, em virtude de uma essência predominantemente de imigrantes europeus. Por isso, a necessidade da proliferação de mensagens que valorizassem os símbolos da pátria para o fortalecimento dos ideais nacionalistas e a aceitação das ações de controle da influência da pátria de origem. Há referências no *Despertar*, como no excerto: “Para sermos bons brasileiros devemos: prezar nossa amada Pátria, defender e cultivar o passado histórico e falar somente nossa língua” (Despertar, 1947a, p. 7).

A preocupação com o uso da língua portuguesa é evidenciada no artigo 76 da legislação do município, no qual se preconiza a utilização da língua nacional nos estabelecimentos de ensino: “A legislação do ensino municipal adotará sempre

os seguintes princípios: I – o ensino primário é obrigatório e só será dado em língua nacional" (Caxias do Sul, 1948a, p. 19).

Corroborando isso o depoimento da professora Ester Troian Benvenuti, que narra episódios de demonstração de amor à pátria, pelos alunos descendentes de alemães e italianos, nas escolas do município:

E esta questão da nacionalização, naquela época, eles ficaram atemorizados, que na, na parte de origem alemã, principalmente, quando eu ia visitar as escolas lá de São Sebastião do Cai, as crianças, quando eu entrava, as crianças lourinhas de olhos azuis, cantavam assim, se punham todos de pé e gritavam: "Viva el Brasil!" "Viva el Brasil!" Tinha que mandar parar. Elas tinham até receio. Até um certo ponto, elas tinham receio, né? E os nossos colonos, além das canções italianas [...] E, inclusive, eles cantavam muito as canções que foram traduzidas, não vamos dizer literalmente do italiano, mas foram adaptadas por D. José Baréa. Como por exemplo *Le Campane De Trieste*, eles cantavam, cantavam, "Não há terra mais bonita e encantadora do que a terra que se curva sobre mares./Estendendo lindos leques em seus palmares. Minha terra sempre em flor". Cantavam muito dessas canções em português naquela época, né? Mas, o espírito de brasilidade dos nossos imigrantes, naquela época, era tão grande que eu achei assim que esse trabalho de nacionalização, não quero dizer que não tenha tido seus efeitos positivos, mas não era tão necessário, porque eles se recordavam da Pátria, os velhos, e os novos, os pais ensinavam amar a sua segunda Pátria, como a Pátria deles de origem. Eu nunca encontrei assim nenhuma, nenhum obstáculo nesse sentido. E quantos colonos que me diziam: "Maestra. mi vai che i mifôï impare parlar em brasilian. par che non impare parlar côme mi. Mi toâti bisogno che studiá e nó éssere come me. Mi piace che studian" [Professora, eu quero que os meus filhos aprendam a falar em brasileiro, para que não aprendam como eu. Eu faço gosto que estudem] Eu cansava de ouvir, não é? (Benvenuti, 1983, p. 9).

Desse recorte da memória da professora, destaca-se o fato de ela não perceber a necessidade de ações que promovessem a manutenção dos ideais nacionalistas junto aos imigrantes, pois acreditava já haver certa aceitação para o que era prescrito pelo governo municipal. O seu relato propõe a reflexão de que não era perceptível, entre os docentes municipais, a existência de uma distinção entre as ações sobre os imigrantes alemães e os italianos. Mas havia o entendimento de que os alunos alemães realizavam demonstrações exa-

cerbadas de amor à pátria, talvez "por medo" de retaliações. Já entre os alunos italianos, a percepção é de que a adesão às orientações acontecia de forma mais moderada, por meio de manifestações culturais, como o canto. As representações "dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão" (Pesavento, 2012, p. 41).

No caso dos italianos, a necessidade e o interesse na educação pública, que culminava em pedidos, à administração, para a instalação de escolas, possivelmente foi um fator que contribuiu para uma relação menos conflituosa, e que não se opunha à apreensão de condutas que expressavam um sentimento de respeito pela nação brasileira. Talvez por isso esses sentimentos já estivessem mais estabelecidos entre os italianos e seus descendentes, como é o caso da professora Ester, que não concebia as ações nacionalistas, de um modo geral, com teor negativo. Também porque, apesar de precisarem adequar algumas práticas às orientações dadas, os imigrantes italianos conservavam práticas culturais que até hoje permanecem vivas em muitas comunidades do interior. A orientadora de ensino, em sua entrevista, rememora a participação das professoras nos filós¹⁸, momento quando a música na língua italiana ainda era cantada pelas famílias, mesmo que traduzidas para o português (Benvenuti, 1983).

Por fim, dentro da categoria civismo, ainda emergiram dados sobre as manifestações cívicas relacionadas à promoção de eventos, como os escolares: "Num sadio ambiente de confraternização cívica, civis e militares comungaram no dia de ontem dos mesmos propósitos [...] o major engenheiro Euclides Triches, prefeito municipal, que enalteceu a missão

¹⁸ Os filós consistiam em reuniões ou encontros dos imigrantes, nos quais também eram difundidas notícias enviadas sobre os parentes da Itália. Aconteciam entre familiares, amigos e vizinhos; homens, mulheres e crianças se reuniam para conversar, rezar, dançar, comer e beber (Gomes, 2008, n.p.).

do exército brasileiro" (Despertar, 1953d, p. 8); "Farão parte dos festejos da Semana da Pátria a inauguração de mais dois novos prédios para as escolas 'Hermes da Fonseca', e 'Anita Garibaldi'" (Despertar, 1950e, p. 16). Também eram citadas algumas solenidades, como no caso de inaugurações de prédios escolares, cujas manifestações de civismo são evidenciadas no protocolo, pela execução do Hino Nacional Brasileiro: "Dando início à solenidade, foi cantado o Hino Nacional e a professora regente Srta. Alda Isotton saudou o Sr. Prefeito Municipal, convidando-o, para desatar o nó da fita simbólica e inaugurar o prédio" (Despertar, 1954e, p. 12).

A reflexão sobre o tema *civismo* durante a análise das colunas do *Despertar* proporcionou o entendimento a respeito desse sentimento propagado e exercitado nas áreas rurais e motivado pela escola e/ou pelo órgão responsável pela educação na cidade. A partir disso, acredita-se que o assunto foi listado com relativa precedência no desenvolvimento dos conteúdos tratados no periódico e associado a outros temas, articulando a ideia de que a adoção de determinados comportamentos era entendida como um ato patriótico que convergia para o progresso não somente desse município, mas da nação brasileira.

Tais fatos confluem para a ideia de que a Administração Pública Municipal não se opunha aos ideais declarados nacionalmente e concordava com as orientações a serem trabalhadas a nível cívico, considerando-as importantes para o "progresso" do município. O periódico, nesse contexto, atuava como um artefato capaz de fazer disseminar uma série de orientações para práticas alinhadas a esses objetivos cívicos.

A análise dos temas encontradas no *Despertar* fez emergir diferentes reflexões acerca das práticas desenvolvidas pelos sujeitos que viviam no entorno da escola, nas áreas rurais. Também apontou indícios da atuação de uma imprensa educacional que se estabeleceu nessa localidade e da sua contribuição para a propagação de orientações que posteriormente podem ter sido consolidadas. O *Despertar* foi um

meio para o fortalecimento da identidade dos sujeitos que viviam no interior, especialmente entre os agricultores/colonos. Além disso, permitiu compreender que os professores promoviam uma atuação conciliando os interesses da gestão pública de ensino e dos habitantes das áreas rurais. Nesse sentido, destaco a participação da professora Ester Troian Benvenuti, pelo significativo trabalho desenvolvido junto à escola rural, para a inserção de práticas culturais de difícil acesso aos habitantes das áreas rurais, mas que cooperavam com a educação promovida nesses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi um “despertar” para o papel de pesquisadora, pois permitiu o encontro com as memórias familiares e possibilitou desenvolver o olhar analítico sobre um objeto de pesquisa para compreender uma história sobre outra perspectiva, e um mobilizador do desejo de uma nova investigação. As ressonâncias não são somente em relação a contribuições para o campo da educação, mas também subsídios para um cotidiano pessoal e profissional, mesmo que possa parecer diverso do que emerge no estudo. Da aproximação com o periódico até o resultado que é sintetizado neste capítulo, uma série de caminhos foram definidos para a formulação das reflexões e a posterior elaboração desta consideração. Foi um trajeto essencial para o refinamento do olhar sobre as evidências, para os questionamentos, para a aproximação e o afastamento do objeto com a finalidade de dar criticidade às análises e para o desenvolvimento de compreensões que serão elencadas a seguir.

Entre os entendimentos possibilitados, destaca-se o de que houve a construção de uma identidade que foi fortalecida pelas publicações do *Despertar*, que contribuíram para uma maior coesão dos sujeitos que viviam na área rural e potencializaram a conexão entre os membros das comunidades rurais, fato já evidenciado no primeiro contato com o jornal, na imagem utilizada em sua capa. Por muitos anos, essa ilustração fez alusão às práticas ligadas à agricultura, confirmadas pelas ferramentas de trabalho e pela produção agrícola, e as representações se constituíam no produto das práticas ligadas ao trabalho dos agricultores e de suas famílias. Mesmo quando a ilustração passou por uma transformação, após anos de circulação do periódico, ainda permaneceu a referência ao trabalho desenvolvido na área rural, por meio de imagens da

produção agrícola, acumulando-se a uma nova referência, a do ensino, possivelmente por uma presença mais representativa da escola na área rural. Na nova ilustração surge o livro e a figura da professora cercada de crianças, evidenciando outra realidade e fortalecendo a ideia de que a escola estava inserida naquele contexto rural.

Coopera para a ideia de que o periódico foi usado para fortalecer a identidade das pessoas que viviam na área rural a participação da Diretoria de Fomento e Assistência Rural na produção das matérias e, com isso, a proximidade com a Diretoria da Instrução Pública, evidenciada nas contribuições divulgadas na coluna "Informações Rurais". O conteúdo divulgado nesse espaço se relacionava com os interesses, as experiências e as expectativas das famílias que viviam no entorno da escola rural. Desse modo, o impresso não somente atraía a atenção, pois era um artefato que expressava algo a ser apreendido, como também pode ter sido reconhecido como um instrumento a serviço das famílias de agricultores, e, sendo validado por esse grupo de pessoas, cooperava para o alcance dos objetivos pensados pelos órgãos da Administração Pública Municipal, que poderiam ser facilitados por meio das orientações sobre o trabalho realizado naquelas localidades. Destacam-se, por exemplo, os trechos de valorização dessa categoria profissional que relacionam o produto do trabalho desenvolvido na área rural com o avanço e a prosperidade do município. As referências à área rural aparecem em 323 registros, compondo o segundo maior número de incidências, o que também justifica a ideia de que o *Despertar* foi um artefato produzido para estabelecer um vínculo de identidade com as pessoas que compartilhavam as experiências de uma vida na área rural.

Outra compreensão está associada às influências do contexto histórico sobre as divulgações no periódico e, posteriormente, as práticas desenvolvidas na área rural. A primeira hipótese, antes da análise do periódico, era de que o contexto histórico que coincidia com o de circulação do impresso cor-

respondia a um momento de crescimento da indústria local e conseqüente êxodo da população rural para a área urbana, em busca de novas oportunidades. Mas, ao contrário disso, ao invés de haver um número expressivo de matérias que fizessem propaganda de uma vida mais urbanizada, o que emerge das páginas do *Despertar* são mensagens de valorização, fortalecimento e orientação sobre o cotidiano de vida na área rural.

As relações feitas entre o *Despertar* e o Programa Oficial para o Ensino nas Escolas Rurais do Município de Caxias, do ano de 1936, mostram semelhanças entres as orientações divulgadas nos dois documentos. No *Despertar* havia prescrições para os professores rurais similares às que eram prescritas no programa, como a indicação de desenvolver temas relacionados à higiene e orientações para o estudo de assuntos que incentivavam comportamentos cívicos e de amor à pátria.

O *Despertar* parece uma espécie de manual utilizado para propagar informações que poderiam influenciar práticas e comportamentos considerados aceitáveis aos padrões da época. Mesmo que não preparassem os indivíduos para uma mudança de espaço, rumo a uma vida mais urbanizada, tais prescrições davam condições para que os sujeitos que viviam no interior exercessem uma convivência mais saudável dentro da própria comunidade, no ambiente da escola rural e em eventuais aproximações com outros grupos na área urbana.

Da articulação com o contexto histórico, ainda se levantou a hipótese de que pudesse haver uma influência dos ideais nacionalistas sobre as orientações divulgadas no impresso. No entanto, nos registros analisados não há referência direta ao nacionalismo, o que emerge são indícios de que havia uma "simpatia" dos produtores do *Despertar* para os assuntos que envolviam o civismo. Além disso, a entrevista da professora Ester Troian Benvenuti fornece evidências de que a percepção da responsável pelo órgão de ensino em relação ao nacionalismo nas escolas era mais positiva do que

negativa. Ressalta-se que no período de 1951 a 1954 Caxias do Sul teve como gestor municipal o ex-militar Euclides Triches, uma indicação de que as publicações no periódico possam ter articulações com convicções políticas favoráveis aos ideais nacionalistas, devido à carreira militar do prefeito e sua experiência como governador do RS durante o regime militar.

A partir das inúmeras referências cívicas nas diferentes colunas do *Despertar*, constatou-se que houve uma dedicação dos produtores para matérias com conteúdo alusivo a comportamentos de civismo, amor e orgulho à pátria. Outro indicio são as notícias dos eventos realizados em torno das inaugurações de obras e de escolas, com a organização de um modelo de protocolo que se repete nas diferentes ações, havendo sempre referência à bandeira e à execução do hino nacional.

Outra consideração incide sobre a propagação de conhecimentos voltados ao meio rural. Percebe-se pelas notícias e pelo espaço destinado às "Informações Rurais" que há preocupação em possibilitar um conhecimento mais técnico às pessoas que viviam na área rural, com inclusão de instituições auxiliares do ensino, como os Clubes Agrícolas, e apoio na organização de cooperativas rurais. Os clubes agrícolas foram representativos para a qualificação de conhecimentos voltados à área rural e para o desempenho das atividades ligadas à terra. Esses fatos corroboram para o entendimento de que havia o interesse em qualificar os jovens moradores da área rural, não para um trabalho na indústria, mas para a continuidade da força de trabalho agrícola. Essas questões foram tratadas no período do nacionalismo pelo Decreto de Lei nº 9.613, de 20 de agosto de 1946, que previa a composição de um ensino voltado para a área agrícola, atuando na formação e na qualificação de jovens e adultos para os trabalhos na agricultura, aperfeiçoando conhecimentos e técnicas (Brasil, 1946b, n.p.). Nesse sentido, há um reforço da ideia de que o *Despertar* era utilizado como um artefato para dar suporte

a essa formação, especialmente pela página destinada às orientações voltadas à agricultura.

Embora não sejam o mesmo, o recorte da pesquisa tangencia o movimento do ruralismo pedagógico e o de tentativa de consolidação de políticas nacionalistas, portanto se considerou que ambos os movimentos influenciavam as políticas de educação para as áreas rurais nessa região; apesar de não estar explícito nas publicações, as evidências que ficaram registradas no impresso indicam isso.

Outro entendimento possibilitado pelo estudo toca a questão da atuação do professor rural. Nesse sentido, a análise do *Despertar* permitiu reconhecer que havia uma exigência do órgão de ensino público municipal para a qualificação desses docentes. Como um número pouco expressivo de professores possuía uma formação específica para a escola rural, o que fica evidente nas notícias do periódico, o governo municipal oferecia outros meios para a qualificação do magistério, como os cursos, a oferta de Biblioteca para os Professores e a assinatura da *Revista do Ensino* (Caxias do Sul, 1952-1954). Além disso, o próprio *Despertar* possibilitava conteúdos que eram elencados como representativos para a habilitação dos professores e para serem tratados em aula com os alunos.

A falta de espaços para uma formação específica, no município, especialmente para as mulheres, uma vez que havia a oferta do curso vinculado à congregação dos padres Josefinos de Murialdo, destinado ao público masculino, incitava a procura por outras alternativas, como as citadas anteriormente. No caso da oferta de cursos, o periódico noticiou repetidas oportunidades para o desenvolvimento dos docentes por meio de capacitações mais curtas e no período de férias. Essa indicação emerge do *Despertar* e é confirmada por meio do Relatório da Administração Municipal dos anos de 1952 a 1954, no qual aparecem os objetivos dos cursos de férias, ministrados gratuitamente, que oportunizavam informações referentes à metodologia das matérias do programa

de ensino caxiense, às diretrizes pedagógicas e às noções sobre agricultura e puericultura.

Apesar da falta de uma formação específica, verificou-se que havia uma influência positiva do quadro docente junto às comunidades rurais, porque uma parcela significativa de professores possuía uma história de vida na área rural. A representatividade do trabalho realizado é indicada pela participação em importantes solenidades realizadas, especialmente durante a inauguração de novas escolas, quando os docentes se pronunciavam, compartilhando o espaço destinado às falas com outras autoridades. Por meio da entrevista da professora Ester, também é possível compreender o papel exercido, que transcendia o executado em sala de aula e envolvia diferentes práticas junto às comunidades.

As publicações do *Despertar* reforçam a reflexão de que a escola, por meio dos professores, realizava um papel estratégico, intermediando a comunicação e articulando as relações entre grupos. A exemplo disso, cita-se o papel como mediadores das orientações e de apoio na interpretação do que era divulgado. Aos professores era depositada a confiança de ambos os grupos para assuntos extraescolares e acompanhamento dos profissionais da Diretoria de Fomento na realização de pesquisas sobre o perfil das famílias rurais.

Outro exemplo dessa influência – que não era impositiva, mas conquistada – foi o gradativo crescimento profissional da professora Ester Troian Benvenuti, uma docente com atuação na área rural que ocupou um dos cargos mais altos junto ao ensino do município e depois se elegeu vereadora. Conjectura-se que a docente se constituiu em um exemplo para o exercício da profissão, uma vez que a sua trajetória foi impulsionadora para a consolidação de uma imagem sólida junto às pessoas que viviam na área rural. Certamente, esse fato foi fundamental para a adesão de muitas práticas e modelos propostos pelo órgão de ensino municipal. A história da professora junto ao magistério assemelha-se à história de outras meninas, filhas de agricultores e de imigrantes, que

muito jovens se lançavam à carreira de docentes em busca de uma nova perspectiva de vida. A diferença, no caso da professora Ester, é que o apoio recebido, especialmente de sua família, cooperou para que ela continuasse buscando qualificação e chegasse em posições de destaque junto ao órgão de ensino municipal. Essa evolução também foi crucial para que angariasse certo respeito, que se acredita não estar somente relacionado à função exercida, mas à confiança e à admiração da comunidade rural, constituindo-se em um modelo profissional.

Considera-se que a aceitação da professora Ester, tanto pela comunidade rural como pela Administração Municipal, significativamente se deve ao trabalho realizado como representante da comunidade rural, ainda como docente em escola do interior, fato que lhe permitiu angariar espaços junto à Administração Municipal e respeito junto às famílias de agricultores. Essa representatividade lhe deu o lugar de “porta-voz” dos anseios, das expectativas e das dificuldades de ambos os grupos, bem como o papel de operar no sentido de atingir a satisfação de expectativas e objetivos.

A professora Ester foi uma idealista que facilitou a introdução de práticas culturais aos sujeitos que viviam no interior do município que, pelo distanciamento da área urbana, possivelmente, eram de difícil acesso. Um exemplo disso foi o trabalho realizado para a aprovação de orçamento e aquisição de um projetor para a exibição de filmes educativos e recreativos, possibilitando um intercâmbio cultural e estreitando a relação entre a escola e a família. Além disso, durante a sua gestão, diferentes atividades culturais foram desenvolvidas na área rural, cooperando para outras perspectivas e experiências diversas das vividas naquele espaço. O legado construído provavelmente colaborou para ser eleita para uma cadeira no Legislativo caxiense, assumindo como a primeira representante feminina na função de vereadora.

Diante do exposto até aqui, e por meio da observação das representações e orientações presentes no *Despertar*,

considera-se que o periódico prestou contribuições sob diferentes perspectivas. No que se refere ao exercício da docência, apoiou o trabalho dos professores, promovendo a manutenção de conhecimentos, direcionando os docentes para assuntos que envolviam a atualização das práticas e prescrevendo abordagens sobre temas que incidiam sobre uma melhora da qualidade de vida no interior, além de cooperar para que realizassem a mediação dos interesses entre as pessoas da área rural e a gestão pública municipal.

Ainda sob esse aspecto, com relação ao Poder Público, o periódico foi um instrumento de aproximação dos gestores municipais às pessoas das áreas rurais, ajudando na construção de uma imagem favorável ou na mudança dela, por "tirar" essas pessoas do isolamento, possibilitando que a informação chegasse a elas.

Além disso, o *Despertar* cooperou no fortalecimento da identidade das famílias dos agricultores, o que contribuía para que esses sujeitos desenvolvessem as suas práticas em direção a um avanço da economia do município, por meio da agricultura e da pecuária. Do mesmo modo, a propagação de orientações sobre assuntos relevantes para o cotidiano nessas localidades colaborava para a qualidade de vida por estimular melhorias no trabalho e propagar orientações relacionadas à saúde, entre outras.

Este estudo também possibilitou o levantamento de diferentes temas que podem servir como outras perspectivas de investigação. Entre as possibilidades, destaca-se o desenvolvimento de estudo biográfico sobre a trajetória da professora Ester Troian Benvenuti, pela representatividade tanto junto ao corpo docente do município como à comunidade caxiense. Outros desdobramentos ainda podem ser pensados em torno das práticas influenciadas pelo contexto das políticas nacionalistas na região e, ainda, a respeito da introdução de práticas culturais usadas como aportes pedagógicos, nas áreas rurais de Caxias do Sul, como, por exemplo, o das projeções de

cinema para as comunidades que viviam no entorno das escolas rurais.

As considerações são complementadas com a observação de que o *Despertar* constitui uma importante fonte documental em torno da História da Educação desse município, não encerrando as possibilidades do desenvolvimento de outras pesquisas sobre esse periódico, pelo entendimento de que existam outros panoramas a serem trabalhados acerca da educação nessa região do Rio Grande do Sul.

aquêles conhecimentos que adquiriu
ar para o magistério mas analisá
idéias que surgem, dos r
aptando-os às novas
ial a mestre
92

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). Hipólito da Costa: Biografia. **Academia Brasileira de Letras**, 2018 Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/hipolito-da-costa/biografia>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- AGUIAR JÚNIOR, Arimatea Freitas. Construção do Civismo e da Ordem: as festas oficiais comemoradas em Teresina no período de 1935 a 1945. *In*: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL, 10., 2013, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: ABHO-Regional Sudeste e CMU-Unicamp, 2013. Disponível em: https://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1374340204_ARQUIVO_JosedeArimateaFreitasAguiarJunior.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Memórias da rural: narrativas da experiência educativa de uma Escola Normal Rural pública (1950-1960)**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- ALMEIDA, Dóris B. **Itinerários de uma pesquisadora: escolhas, intuições e encantamentos**. *In*: GRAZZIOTIN, Luciane S. S; COSTA, Gisele (Orgs.). Experiências de quem pesquisa: reflexões e percursos. Caxias do Sul: Educus, 2010. *E-book*. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/experiencias_pesquisa_ebook.pdf.
- ALVES FILHO, Francisco. A autoria institucional nos editoriais de jornais. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 77-89, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1396/1096>. Acesso em: 22 de mar. 2019.
- AMARAL, Giana Lange. Os jornais estudantis Ecos Gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930 a 1960). **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 121-142, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/38090>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- ARAÚJO, José Carlos; GONÇALVES NETO, Wenceslau; INÁCIO FILHO, Geraldo; GATTI JÚNIOR, Décio. Educação Imprensa e Sociedade no Triângulo Mineiro. **História da Educação**, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 59-93, jan./jun. 1998.
- ARQUIVO HISTÓRIO JOÃO SPADARI ADAMI. Quadro Junta Governativa – Intendentes Municipais de Caxias – Prefeitos Municipais de Caxias do Sul. **AHJSA**, [2021]. Disponível em: https://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/uploads/r/unidade-arquivo-publico-4/5/c/f/5cfd56b9cebead2611a556ee96b5e993eecac7b0bcb1c1f1a84f0e6f7c26008/br_rs_apmcs_pm_01_01_01_01_12-02.pdf. Acesso em: 01 nov. 2024.
- AZEVEDO, Thales. **Os italianos no Rio Grande do Sul**: cadernos de pesquisa. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

BARBOSA, F. S. Turismo de eventos na Serra Gaúcha: o caso da Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul/RS. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**. v. 7, n. 2, p. 257-268, 2015.

BASTOS, Maria Helena Camara. A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. **Revista brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 166-168, jan./abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100013. Acessado em: 02 jan. 2018.

BASTOS, Maria Helena Camara. As primaveras da Revista do Ensino: história de um projeto editorial (1951-1992). In: BASTOS, Maria Helena Camara. **A revista do ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara. Espelho de papel: a imprensa e a História da Educação. In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI JR, Décio (Orgs.). **Novos temas em História da Educação: Instituições escolares e educação na imprensa**. Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2002.

BASTOS, Maria Helena Camara. Resenhas. **Educação e Filosofia**, Uberlândia v. 15, n. 29, p. 287-292, jan./jun. 2001.

BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

BENEDETE NETTO, Marcos Vinicius. **Da escola rural multiseriada à escola nucleada: narrativas sobre o espaço, o tempo e o pertencimento no meio rural (Caxias do Sul – RS/1990-2012)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

BERGOZZA, Roseli Maria. **Escola complementar de Caxias: histórias da primeira instituição pública para formação de professores na cidade de Caxias do Sul (1930-1961)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

BERGOZZA, Roseli Maria; LUCHESE, Terciane Ângela. Escola complementar: primeira escola pública para formação de professores primários na cidade de Caxias do Sul – 1930-1961. **Conjectura**, 2010, v. 15, n. 3, p. 121-140, set./dez. 2010.

BEZERRA NETO, Luiz. **Educação Rural no Brasil: do ruralismo pedagógico ao movimento por uma educação do campo**. Minas Gerais: Navegando Publicações, 2016.

BICCAS, Maurilane de Souza. Da revista à leitura: a formação dos professores e a conformação do campo pedagógico em Minas Gerais (1925-1940). In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JR., Décio (Orgs.). **Novos temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Uberlândia: EDUFU, 2002.

BISOL, Laisa Veroneze; PORTO, Luana Teixeira; LISBOA FILHO, Flavi Filho. Jornalismo impresso do século XIX: a representação da Revolução Farroupilha e a exaltação da cultura gaúcha em O Povo. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., Porto Alegre, 2015. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

BOTO, Carlota. A civilização escolar pelos compêndios didáticos de formação de professores. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 34, n. 70, p. 155-178, jul./ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/v34n70/0104-4060-er-34-70-155.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

BOTO, Carlota. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 493-511, 2004.

BRESOLIN, Paoline; ECCO, Idanir. Ser escola rural: da historicidade, das características e das representações. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Erechim. **Anais [...]**. Erechim, [s. n.] 2008. Disponível em: http://www.uri.com.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/530.pdf. Acesso em: 12 jan. 2019.

CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia-luz**: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. [S.l: s.n.], 2003.

CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 10, n. 20, p. 115-130, 1996.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. **Educação em revista**: a imprensa periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CATANI, Denice Barbara; SOUSA, Cynthia Pereira. A imprensa periódica educacional e as fontes para a história da cultura escolar brasileira. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 37, p. 177-183, 1994.

CATANI, Denice Bárbara; VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosario Silvana Genta. O Movimento dos Professores e a Organização da Categoria Profissional: estudo a partir da Imprensa Periódica Educacional. *In*: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHALOBA, Rosa Fátima Souza. A formação de professores primários rurais no estado de São Paulo (1930-1971). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 37, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818372017179> Acesso em: 15 mar. 2019.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, abr. 1991.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. entre práticas e representações. Trad. Maria Manoela Galhardo. Lisboa: Difusão, 1988.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Os dizeres das regras: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Curitiba: PUCPR, 2004. **Anais [...]**. Curitiba: [s. n.], 2004. Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo4/488.pdf. Acesso em: 22 abr. 2019.

DALLA VECCHIA, Marisa Virginia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber**. Porto Alegre: EST, 1998.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com>. Acesso em: 10 jan. 2018.

DINIZ, Lília. O primeiro redator de jornais do Brasil. **Observatório da Imprensa**, 7 abr. 2009. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/entre-aspas/o-primeiro-redator-de-jornais-do-brasil/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo "comunitário" em cidades do interior**: uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião de leitores. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004.

FERNANDES, Ana Lúcia Cunha; XAVIER, Libânia Nacif; CARVALHO, Luiz Miguel. Aspectos da imprensa periódica educacional em Lisboa e no Rio de Janeiro (1921-1963). **Revista Brasileira de História**, v. 15, n. 3, p. 79-97, jan. 2007.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Escola Normal Rural Brasileira nos anos de 1938-1963. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., João Pessoa, 2017. **Anais [...]**. João Pessoa: [s. n.] 2017. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT02-3366--Int.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997

FIORI, Neide Almeida. Clube agrícola em Santa Catarina: ruralismo e nacionalismo na escola. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 20, n. especial, p. 231-260, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10286/9559>. Acesso em: 12 de jan. 2019.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). Verbete: Euclides Triches. **FGV**, [20--]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/triches-euclides>. Acesso em: 11 jan. 2019.

GERTZ, René. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005.

GOMES, Vanderlisa Ferreira. **Os filós comunitários e a cultura italiana**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2008.

GRANDO, Marinés Zandavali; MERTZ, Marli Marlene. De colonos a agricultores familiares: uma trajetória de resistência. *In*: CONCEIÇÃO, Octávio Augusto Conceição *et al.* (Orgs.). **O movimento da produção**. Porto Alegre:

FEE, 2010. Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/3-decadas/downloads/volume2/4/marines-zandavali.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

GRAZZIOTIN, Roque M. B. **Pressupostos da prática educativa na diocese de Caxias do Sul – 1934 a 1952**. 2010. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da zona colonial italiana**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2017.

HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. **Compós**, Porto Alegre, v. 7, n. 11, p. 1-12, dez. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Caxias do Sul – População entre 1940 e 2010. **IBGE**, 2013. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em 23 jan. 2018.

JARDIM, Trajano Silva; BRANDÃO, Iolanda Bezerra dos Santos. Breve histórico da imprensa no Brasil: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado. **Hegemonia**, Brasília, n. 14, p. 131-171, 2014. Disponível em: [http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia14/Iolanda%20Brandão%20e%20Trajano%20Jardim%20\(6\).pdf](http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia14/Iolanda%20Brandão%20e%20Trajano%20Jardim%20(6).pdf). Acesso em: 15 jan. 2019.

JÚLIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Tradução de Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, jan./jun. 2001.

KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas no Brasil e a formação do Estado Nacional: a nacionalização compulsória das escolas de imigrantes (1937-1945). **Poiésis**, v. 3, n. 5, p. 71-84, jan./jun. 2010.

KREUTZ, Lúcio. Livros escolares e imprensa educacional periódica dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, Brasil, 1870-1939. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 31, n. 17, p. 24-52, jan./abr. 2008.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 159-176. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782000000300010&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 3 mar. 2018.

LEX, Ary. **Biologia educacional**: para uso das escolas normais, institutos de educação e faculdades de filosofia. 14. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

LUCHESE, Terciane Ângela. Itinerários das escolas italianas em terras brasileiras: uma história contada pelos materiais didáticos (1875-1945). *In*: ANPEDSUL, 10., Florianópolis, 2014. **Anais [...]**. Florianópolis: Is. n1, 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/219-0.pdf. Acesso em: 27 jun. 2019.

LUCHESE, Terciane Ângela. As sociedades de mútuo socorro e suas escolas étnicas italianas: a circulação de saberes e as conformações identitárias. *In*: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., Campinas, 2009. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2009.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

LUCHESE, Terciane Ângela; GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi. Memórias de docentes leigas que atuaram no ensino rural da Região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul (1930-1950). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 341-358, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n2/1517-9702-ep-41-2-0341.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2019.

MACHADO, Maria Abel; AGUZZOLI, Leonor. **Nossas mulheres: que ajudaram a construir Caxias do Sul**. Caxias do Sul, 2005.

MACHADO, Maria Abel; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: 100 anos de história 1901-2001**. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINIÁK, Vera Lucia. A formação de professores no Paraná na Primeira república: a escola primária de Ponta Grossa. **História & Ensino**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 255-282, jan./jun. 2018.

MENNUCCI, Sud. **A crise brasileira de educação**. 2. ed. São Paulo: Editora Piratininga, 1934.

MERTZ, Marli. A agricultura familiar no Rio Grande do Sul – um sistema agrário "colonial". **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 277-298, abr. 2004. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2060/2442>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

NICOLAU, Nathalia dos Santos. A Educação construída nos Clubes Agrícolas: O Papel da Professora no Ensino de Crianças e Jovens do Meio Rural (1945). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439865340_ARQUIVO_trabalhoAnpuh2015.pdf. Acesso em: 12 jan. 2019.

NOMA, Amélia Kimiko. **Visualidades da vida urbana: metrópolis e Blade Runner**. 1998. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

NÓVOA, Antonio. A imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do repertório português. In: ACATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

NÓVOA, Antônio. **A imprensa de Educação e Ensino: repertório analítico (séculos XIX e XX)**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993. (Coleção Memórias da Educação).

OLIVEIRA, Rodrigo Lopes. A cidade de Dante Marcucci nos anos 1930 e 1940. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 13 jul. 2015a. Disponível em: <http://wp.clicrbs>.

com.br/memoria/2015/07/13/a-cidade-de-dante-marcucci-nos-anos-1930-e-1940/?topo=52. Acesso em: 04 mar. 2018.

OLIVEIRA, Rodrigo Lopes. A trajetória da professora Ester Troian Benvenuti. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 05 mar. 2015b. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/03/05/a-trajetoria-de-ester-troian-benvenuti/?topo=87>. Acesso em: 04 mar. 2018.

PASQUINI, Adriana Salvaterra; GUEDES, Edson Claiton; CHAGURI, Jonathas de Paula. Historiografia da Educação: a imprensa enquanto fonte de investigação. In: JORNADA DO HISTEDBR, 11., Campinas, 2013. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2013. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo_simposio_4_518_adrianapasquini@hotmail.com.pdf Acesso em: 27 jun. 2019.

PAZ, Valéria Alves. **História do Colégio São Carlos de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (1936-1971)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan./dez. 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

POZENATO, Quênia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2004.

RECH, Gelson Leonardo; KREUTZ, Lúcio; LUCHESE, Terciane Ângela. Memórias de docentes: narrativas sobre saberes e fazeres de duas professoras rurais de Caxias do Sul/RS (1920-1950). **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 17, n. 2, p. 98-122, maio/ago. 2012.

RENK, Valquíria Elita. A escola, o estado novo e patriotismo analisados através da imprensa escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., 2011. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2011.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz. **Educação e Civilidade: o discurso da ordem missionária servas do Espírito Santo (1907-1955)**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2007.

RODRIGUES, Elaine; BICCAS, Maurilane de Souza. Imprensa pedagógica e o fazer historiográfico: o caso da Revista do Ensino (1929 – 1930). **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 37, n. 2, p. 151-163, abr./jun. 2015.

ROSO, Paula Cristina Mincato. **A educação do corpo nas escolas municipais de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (1937 a 1945)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1993.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antônio. A disciplina ensino religioso: história, legislação e práticas. **Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 1, jan./abr. 2017.

SILVA, João Carlos da. **O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim**: as propostas do apostolado positivista para a educação brasileira (1870-1930). 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SILVA, João Carlos da. Utopia Positivista e instrução pública no Brasil. **Revista Histedbr**, Campinas, n. 16, p. 10-16, dez. 2004.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Revolução de 30. **Brasil Escola**. [20--]. Disponível em <https://brasilescuela.uol.com.br/historiab/revolucao-30.htm>. Acesso em: 21 set. 2018.

SOUSA, Reginaldo Cerqueira. Uma higiene moral e do corpo: educação moral e cívica, as atividades físicas, esportivas e de lazer durante a ditadura militar. **Revista Cordis**, São Paulo, n. 14, p. 18-37, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/26135>. Acesso em: 22 mar. 2019.

SOUZA, José Edimar. **As escolas isoladas**: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande/RS (1940-1952). 2015. Tese. (Doutorado em Educação) – Unisinos, São Leopoldo, 2015.

STEPHANOU, Maria. Saúde, Higiene e Civilidade em Manaus. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2004. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo4/486.pdf>Acesso em: 12 fev. 2019.

STRELOW, Aline. Primórdios da imprensa literária no Rio Grande do Sul: a história do jornal O Guayba. **Intercom**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 19-38, maio/ago. 2016.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegado; ARRIADA, Eduardo. Civismo e educação na primeira república – João Simões Lopes Neto. **História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 279-292, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29036>. Acesso em: 22 mar. 2019.

THOEN, Carla Fernanda Carvalho. **Representações sobre etnicidade e cultura escolar nas Antigas Colônias de Imigração Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (1905-1950)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

TOMAZONI, Mário Alberto. Álbuns da cidade de Caxias do Sul (1935-1947): as reformas urbanas fotografadas. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VALTRICK, Bruna. Memória: Vivências da família de Angelo Buffon. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 27 out. 2017. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2017/10/memoria-vivencias-da-familia-de-angelo-buffon-9966752.html>. Acesso em: 04 mar. 2018.

VARELA, Julia. Genealogia de la Escuela: análisis socio-historico del proceso de institucionalización de la escuela primaria. **Tempora**, Tenerife, n. 8, p. 13-44, jul./dez. 1986.

VIDAL, Diana Gonçalves; CAMARGO, Marilena Jorge Guedes. A Imprensa Periódica Especializada e a Pesquisa Histórica: estudos sobre o boletim de educação pública e a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 73, n. 175, p. 407-430, set./dez. 1992.

VIÉIRA, Cleber Santos. Civismo, República e manuais escolares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 325-340, 2012

VIÑAO FRAGO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. *In*: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Austin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VIÑAO FRAGO, Antonio. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. *In*: Warde, Mirian Jorge (Org). **Contemporaneidade e educação**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura da Educação, 2000.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Escola Normal rural no sul do Brasil. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 30., 2007, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPEd; Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2007.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Escola Normal Rural no Rio Grande do Sul: história institucional. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n. 14, p. 35-50, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/7070/6950>. Acesso em: 11 fev. 2019.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. A escola rural: RGS, final do século XIX e início do XX. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 5., 2004, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: ANPEd Sul, 2004.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITO, Lenir Marina de Sá. O professor e a escola para a zona rural: concepções e desdobramentos em uma Escola Normal Rural. **Contexto e Educação**, Ijuí, v. 21, n. 75, p. 109-130, jan./jun. 2006.

WESCHENFELDER, Noelli Valentina. **Uma história de governo e de verdades**: educação Sousa rural no RS 1950/1970. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Fontes Documentais

1 – DOCUMENTOS PESQUISADOS NO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI (AHJSA)

BENVENUTTI, Ester Troian. **Entrevista concedida a Juventino Dal Bó e Liliana Alberto Henrichs**. Caxias do Sul, 1983, f. 004-005. Entrevista.

CAXIAS DO SUL. **Decreto Municipal nº 99 de 20 de dezembro de 1951**. Regulamentou a Diretoria da Instrução Pública Municipal de Caxias do Sul de 1951.

CAXIAS DO SUL. **Lei Orgânica do Município – 1948**. 27 de março de 1948a. Disponível em: http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/uploads/r/unidade-arquivo-publico-4/6/5/8/6582d825bf8534d0b96547276a7946c35c9aa461be2c38c36b115348f5dced4/BR_RS_APMCS_01-01.01-01.01.08-LO-1948.pdf. Acesso em: 3 mar. 2019.

CAXIAS DO SUL. **Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Governador Dr. Walter Jobim**. 1948b. Disponível em: http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/uploads/r/unidade-arquivo-publico-4/6/b/e/6be58ce0f8d5a9615acb158c95a7eco8498b60f66575e417a3fe4c77127f73fa/BR_RS_APMCS_PM-01-01-01.01.06-41_1947_.pdf Acesso em: 28 jun. 2019.

CAXIAS DO SUL. **Lei orgânica do Município**, de 7 de março de 1936a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/lei-organica-do-municipio-6>. Acesso em: 18 dez. 2018.

CAXIAS DO SUL. **Programa Oficial para o Ensino nas Escolas Rurais do Município de Caxias**, 24 de abril de 1936b.

CAXIAS DO SUL. **Relatório das Atribuições do Pessoal Subordinado à Diretoria da Instrução Pública**, 1950.

CAXIAS DO SUL. **Relatório de Atividades da Diretoria da Instrução Públicas**. Caxias do Sul, 1954.

CAXIAS DO SUL. **Relatório de Atividades da Diretoria da Instrução Pública**, de 1952-1954.

CAXIAS DO SUL. **Relatório de Atividades da Diretoria da Instrução Pública**, de 1954-1960.

DAL BÓ, Vicente. **O despovoamento das zonas rurais pelo êxodo dos colonos**: causas e medidas apresentadas. Tese (Doutorado) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 1940.

STUDIO GEREMIA. **Ester com a mãe Angelina Corso Troian**. [1930]. 1 fotografia. Arquivo Histórico João Spadari Adami.

Jornal Despertar:

DESPERTAR. Caxias do Sul, abril de 1954a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho de 1954b. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, junho de 1954c. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1954d. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1954e. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1954f. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho de 1953a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-8>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, março de 1953b. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-8>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1953c. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-8>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, agosto de 1952a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, dezembro de 1952b. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho de 1952c. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, junho de 1952d. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, maio de 1952e. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, março de 1952f. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1952g. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1952h. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1952i. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-7>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, abril de 1951a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, fevereiro de 1951b. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, março de 1951c. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1951d. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1951e. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-6>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, abril de 1950a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, agosto de 1950b. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, junho de 1950c. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1950d. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1950e. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-5>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, agosto de 1949a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-4>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho de 1949b. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-9>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, março e abril de 1949c. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-4>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1949d. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-4>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1949e. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-4>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, agosto de 1948a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, julho e agosto de 1948b. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, junho de 1948c. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, maio de 1948d. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1948e. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1948f. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-3>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, novembro de 1947a. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-setembro>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, outubro de 1947b. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-setembro>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. Caxias do Sul, setembro de 1947c. Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-setembro>. Acesso em: 03 jan. 2018.

DESPERTAR. <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br/index.php/jornal-despertar-8>. Acesso em: 03 jan. 2018.

2 – DOCUMENTOS PESQUISADOS NO CENTRO DE MEMÓRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL

CAXIAS DO SUL, Câmara Municipal, Centro de Memória. **Palavra e poder:** 120 anos do Poder Legislativo em Caxias do Sul. Organizado por Geni Salete Onzi. Caxias do Sul: São Miguel, 2012. Disponível em http://www.camaracaxias.rs.gov.br/palavra_e_poder/palavra_e_poder.pdf. Acesso em: 1 abr. 2018.

3 – LEIS E DECRETOS

BRASÍLIA, Câmara dos deputados. **Decreto-lei nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946a**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 3 mar. 2019.

BRASÍLIA, Câmara dos deputados. **Decreto-lei nº 9613, de 20 de agosto de 1946b**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9613-20-agosto-1946-453681-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 3 mar. 2019.

4 – DOCUMENTOS PESQUISADOS NA PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL

CAXIAS DO SUL. **Industrialização**, 2019a. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/cidade/industrializacao>. Acesso em: 10 set. 2018.

CAXIAS DO SUL. **Origem do nome**, 2019b. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/cidade/origem-do-nome>. Acesso em: 28 jun. 2019.

5 – ACERVO DO PROGRAMA ELEMENTOS CULTURAIS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL (ECIRS) – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

BORTOLON, Verônica Candiago. **Entrevista concedida a Liane Beatriz Moretto Ribeiro**. Caxias do Sul, 1980. Entrevista.

RIZZON, Dorotéia Corte. **Entrevista concedida a Liane Beatriz Moretto Ribeiro**. Caxias do Sul, 1980. Entrevista.

6 – JORNAIS

O MOMENTO. Transferência de Administração. Caxias do Sul, 17 de fevereiro de 1951, n. 931, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=104523&pagfis=4577&url=http://memoria.bn.br/docreader>. Acesso em: 13 mar. 2019.

PIONEIRO. Foto dos alunos, professores e funcionários da Escola São José dos padres Josefinos de Murialdo. Caxias do Sul, 19 de novembro de 2018, não paginado. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2018/11/memoria-colegio-murialdo-e-o-curso-normal-rural-em-1968-10645059.html>. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

PONTO INICIAL. [2019]. Disponível em: <http://jornalpontoinitialdecaxias.blogspot.com/2014/02/fatos-historicos-de-hoje-25-de.html>. Acesso em: 28 jun. 2019.

aquêles conhecimentos que adquiriu
ar para o magistério mas analisá
idéias que surgem, dos p
aptando-os às novas
ial a mestre

LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AHJSA	Arquivo Histórico João Spadari Adami
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CEDOC	Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul
CNER	Campanha Nacional de Educação Rural
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
ECIRS	Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GRUPHEIM	Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RS	Rio Grande do Sul
SP	São Paulo
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

PREFÁCIO E ORIENTAÇÃO DO ESTUDO

JOSÉ EDIMAR DE SOUZA

Graduado em História, Pedagogia, Geografia e Biblioteconomia, mestre e doutor em Educação. Professor e pesquisador dos Programas de Pós-Graduação em História e em Educação, bem como coordenador do curso de Geografia na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Vice-líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM). Coordena o projeto financiado pelo CNPq, Grupo Escolar no Rio Grande do Sul no século XX: culturas e práticas em perspectiva regional, processo número: 403268/2021-4.

AUTORA DO ESTUDO

ELISÂNGELA CÂNDIDO DA SILVA DEWES

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (bolsista PROSUC/CAPES). Mestra em Educação, especialista em Cultura Organizacional e Comunicação, graduada em Comunicação Social. Integra o Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM) e o projeto de pesquisa financiado pelo CNPq, Grupo Escolar no Rio Grande do Sul no século XX. Pesquisa as escolas rurais, a imprensa pedagógica, o cinema educativo e a cultura material escolar.



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 120 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1.500 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:

